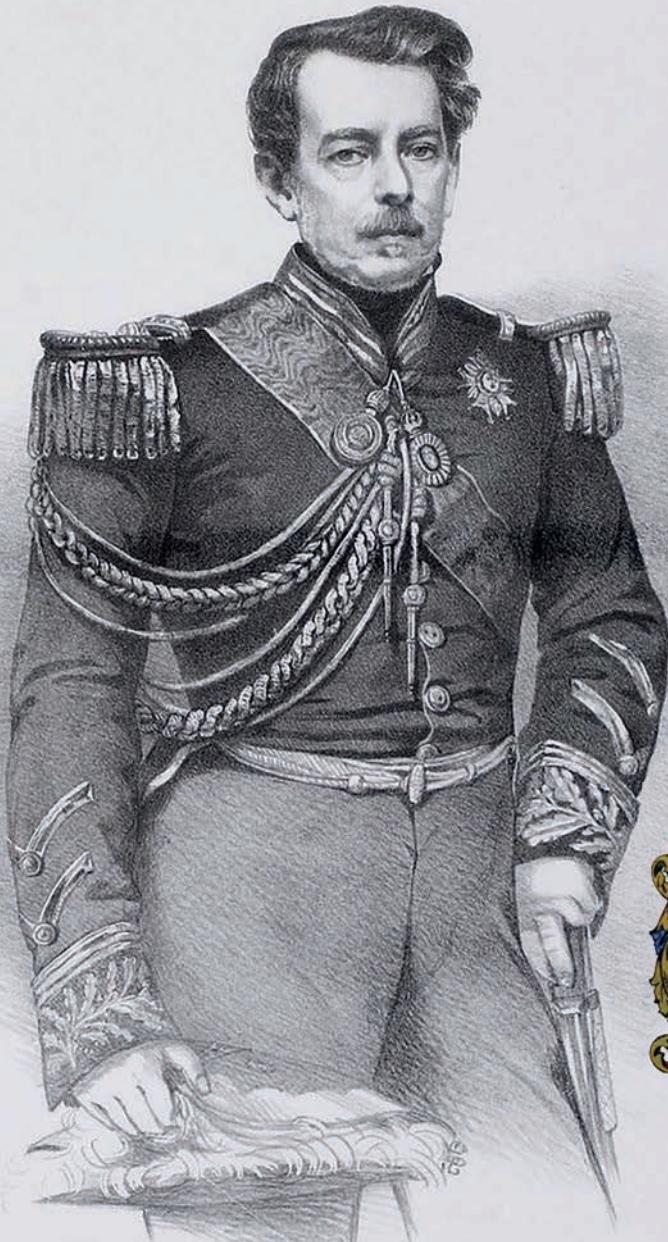


CADERNOS DE LIDERANÇA MILITAR

vol. 2, n.2 (2023)

ISSN - 2965-2103



Luiz Alves, o Caxias: 220 anos



Cadernos de Liderança Militar

Comandante do Exército

Gen de Exército Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva

Departamento de Educação e Cultura do Exército

Gen de Exército Richard Fernandez Nunes

Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

Gen Bda Luciano Antonio Sibinel

Diretor da Bibliex

Cel Fábio Ribeiro de Azevedo

Coordenação de Publicações da BIBLIE

Cel R1 Leocir Dal Pai

Cap R1 Antonio Carlos Manhães de Souza

Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM)

Expediente

Chefe

Cel R1 Elias Ely Gomes Vitório

Seção de Planejamento, Coordenação e Acompanhamento

Cel R1 Jucenilio Evangelista da Silva

Ten Cel R1 Ivan Xavier

Seção de Pesquisa

Profa. Dra. Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza

Maj R1 Edgley Pereira de Paula

Edição

Profa. Dra. Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza

Maj R1 Edgley Pereira de Paula

Produção e Projeto Gráfico

Profa. Dra. Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza

Auxiliares administrativos

Cap R1 Edson Pereira de Carvalho

Diagramação

3º Sgt Erick Nunes da Costa

Revisão

Cel R1 Edson de Campos Souza

Cadernos de Liderança Militar / Departamento de Educação e Cultura do Exército - vol. 2, n² (2023) - Rio de Janeiro: BIBLIE, 2023 - Semestral.

160 p.: il.; 23 cm.

ISSN 2965-2103 (IMPRESSO)

ISSN 2965-209X (ELETRÔNICO)

1. Ciências Militares. 2. Liderança.
I. Brasil. Departamento de Educação e Cultura do Exército.

CDD 355



Luiz Alves de Lima e Silva
(1803-1880)

B. Smethy.
A. Gal. J.

Em observância da ordem
sua, Ajudante General do Ex-

Certifico que servindo o
Oficiais Generais, nelle encor-

Serviço General

Luis Alves de Lima, M
Campos reformado Francisco
de Agosto de mil oito centos
e vinte e dois de Novembro de
doze de Outubro de mil
de oitis de Janeiro de mil
e antiquissimo de quatro de
julho Decreto de vinte e dois
de Maio por Decreto de oitis
de cujo posto contava antiqui-

Apresentação

Cel R1 Elias Ely Gomes Vitório*

im do Exmo Sr. Tenente General Barão de Sumaré
Exército

Livro Mestre dos assentamentos dos Senhores
entre á folha 42 os assentos do theor seguinte:

A Assessoria de Liderança e Valores Militares sente-se honrada em poder apresentar aos nossos caros leitores o quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, nos formatos físico e eletrônico. Os três primeiros volumes da coleção focaram nos ensinamentos de três heróis nacionais que integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante as batalhas da Segunda Guerra Mundial: o general de divisão Octávio Costa, o 2º sargento Max Wolf Filho e o aspirante Mega. Essas três obras tiveram o propósito de contribuir para o incremento, ainda maior, da capacidade de liderança dos militares, em especial dos alunos e cadetes do SECEEx, futuros comandantes militares, do nosso invicto Exército.

* Coronel R1 QEMA da arma de infantaria, da turma de 1991. É psicopedagogo escolar e doutor em administração pública e de empresas pela FGV. Foi comandante do 17º Batalhão de Fronteira, diretor de ensino do Centro de Instrução de Operações do Pantanal, instrutor da ECEME e chefe de gabinete da Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA). Atualmente, é o chefe da Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEEx.

No dia 25 de agosto deste ano, celebraremos 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Um cidadão brasileiro como todos os outros, que muito se dedicou às causas da Pátria. Por suas ações pacificadoras em várias províncias brasileiras, durante o instável Período Regencial, garantindo a integridade nacional, o patrono do Exército passou a ser referido como: Caxias, o pacificador!

Caxias comandava empregando sua elevada capacidade de liderança, como podemos conferir no artigo escrito pelo general Tomás, comandante do exército: "... Tratou, invariavelmente, com muito respeito, pares e superiores, e com extrema dignidade os subordinados, corrigindo inqualificáveis abusos na repressão disciplinar e dando máxima atenção aos doentes". O duque se dedicava a atender às necessidades dos seus subordinados, servindo de exemplo para as gerações atuais e futuras de militares.

Nada mais justo que homenagearmos esse ilustre cidadão brasileiro e exemplar comandante militar, reunindo, neste quarto caderno, alguns dos ensinamentos de liderança colhidos de sua exitosa trajetória profissional. Muito nos honra o fato de os oficiais-generais que comandaram o Exército Brasileiro nos presentearem com seus ensinamentos, escrevendo os artigos desta revista. Sem dúvida, um privilégio para nós, seus leitores. Trata-se de valiosas aulas de Liderança e História Militar, às quais agradecemos, pois muito contribuem para a iluminação da nossa visão da realidade e do futuro que queremos construir.

Prezados leitores, poucas são as obras nas quais os senhores encontrarão reunidos autores que, pela sua liderança e valor militar, conquistaram a honra de comandar o Exército de Caxias. As mensagens aqui contidas são dignas de estudos e reflexões. Não percam o privilégio da leitura. Aproveitem!

Editorial

Caros leitores,

O quarto caderno de liderança militar apresenta uma coletânea de reflexões inspirada na figura histórica do marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Neste ano de 2023, comemoramos os 220 anos de nascimento desse insigne líder militar, nascido em 25 de agosto de 1803. Tal fato estimulou os editores desta revista a convidarem generais de exército – que têm ou tiveram a honra de comandar o Exército de Caxias – para contribuir como autores dos artigos de opinião.

Ficamos, assim, muito honrados e satisfeitos por termos conseguido envolver essas ilustres personalidades na empreitada comemorativa. De maneira inédita e original, compartilhamos as ideias de experimentados comandantes militares sobre o tema da liderança militar. A referência que norteia e fundamenta o conteúdo dos textos é Luiz Alves, o Caxias: sua vida, obra e legado. Ganhamos todos!

Ao se estudar as ações do homem no tempo e no espaço, é inevitável fazer distinção entre aqueles que tiveram papel mais pronunciado em suas determinadas épocas e locais e, certamente, o “Duque de Ferro” foi um desses personagens. A convicção segundo a qual os fatos históricos acontecem exclusivamente por força de agentes externos, abstratos e inomináveis culmina na consequente negação do significado das ações de homens como Luiz Alves, o Caxias.

Acreditamos que um olhar mais atento e crítico sobre os acontecimentos passados não permite sustentar tal tese. Tais eventos não teriam ocorrido como ocorreram se não tivessem sido moldados pelas circunstâncias e movimentos sociais que o constituíram, bem como pelos singulares personagens que imprimiram à história suas respectivas marcas. Assim, figuras emblemáticas como Caxias estão para além do seu próprio tempo, no sentido de que seus feitos e memória perduram no imaginário coletivo dos homens e instituições.

Com efeito, consideramos, até o momento, o quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar* como sendo o mais especial da coleção. Em suas páginas, procuramos trazer, do passado para o presente, algumas lições de liderança do maior líder militar brasileiro, que podem ser aplicadas na atualidade e servir de permanente inspiração para as gerações vindouras. Eis, então, um conjunto de palavras instigantes acerca da liderança militar devidamente adornadas pela imagem sempre presente de Luiz Alves, o Caxias.

Boa leitura!



Álbum da Guerra do Paraguai
Batalha de 18 de julho
Fonte: bndigital.bn.gov.br

Sumário

Luiz Alves, o Caxias <i>Gen Ex Richard Fernandez Nunes</i>	11
A “Dezembrada” de Caxias <i>Maj R1 Edgley Pereira de Paula</i>	15
Reflexões sobre liderança <i>Gen Ex R1 Gleuber Vieira</i>	37
Caxias: atitudes e virtudes de um líder militar <i>Gen Ex R1 Francisco Roberto de Albuquerque</i>	51
Caxias, o pacificador <i>Gen Ex R1 Enzo Martins Peri</i>	59
Entrevista – Gen Villas Bôas <i>Maj R1 Edgley Pereira de Paula e Profa. Dra. Débora Duran</i>	69
Caxias, um exemplo de liderança, uma vida dedicada ao Exército e ao Brasil <i>Gen Ex R1 Edson Leal Pujol</i>	87
Defesa Nacional: tradição, inovação e liderança <i>Gen Ex R1 Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira</i>	99
O Comandante e os valores militares <i>Gen Ex R1 Marco Antônio Freire Gomes</i>	111
O legado de Caxias para a logística militar <i>Gen Ex R1 Júlio Cesar de Arruda</i>	123
Caxias e o Exército Brasileiro: passado, presente e futuro <i>Gen Ex Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva</i>	135
“Ser Caxias” <i>Profa. Dra. Débora Duran</i>	153
Programa de leitura <i>Maj R1 Edgley Pereira de Paula e Profa. Dra. Débora Duran</i>	169



Marquês de Caxias, 1861
Salles, Ricardo. *Guerra do Paraguai: memórias & imagens*.
Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003.

Pixabay.com
Pexels

Luiz Alves, o Caxias

Gen Ex Richard Fernandez Nunes*

No ano em que celebramos os duzentos e vinte anos de nascimento do patrono do Exército Brasileiro, o Duque de Caxias, nada mais apropriado que dedicar uma edição dos *Cadernos de Liderança Militar* publicados pelo DECEEx a esse soldado que encarnou como ninguém os princípios éticos e os valores morais característicos daqueles que expressam a vocação pela carreira das armas e, por isso, constitui-se em fonte de eterna inspiração.

Mais que enaltecer a biografia desse notável personagem de nossa história, é nosso propósito apreciar a influência que a força de seu exemplo permanece exercendo sobre todos os que têm suportado sobre seus ombros a responsabilidade de liderar tropas da nossa Força Terrestre. Recorrer àqueles que tiveram a honra de comandar o Exército Brasileiro, para agregar suas perspectivas a esta obra, trata-se de rara e relevante mobilização de esforços. É o chamado de Caxias! Todos o seguem!

* General de exército, oriundo da arma de artilharia (AMAN, 1984). Foi instrutor da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), ajudante de ordens do vice-presidente da República, observador militar das Nações Unidas na Guatemala e assessor militar e professor na Academia Militar dos EUA, em West Point. Chefiou o Instituto Meira Mattos da ECEME, comandou o 5º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado, a 14ª Brigada de Infantaria Motorizada, o 5º Contingente da Força de Pacificação no Complexo da Maré e a ECEME. Foi secretário de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, durante a Intervenção Federal, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército e comandante militar do Nordeste. Atualmente, é o chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx).

Por se tratar de um vulto tão emblemático, a ponto de o vocábulo *caxias* constar no dicionário como *que ou aquele que cumpre com extremo rigor suas obrigações e responsabilidades*, não raro precisamos ressaltar a sua dimensão humana. O patrono, o estadista, o marechal, o duque, o presidente do Conselho de Ministros, o senador do Império, o pacificador, todos são feições da liderança não de um mito, mas de um ser humano submetido a toda sorte de vicissitudes em tempos de paz e de guerra.

Caxias é Luiz Alves, um brasileiro nascido nas cercanias do Rio de Janeiro no início do século XIX, antes mesmo da transmigração da Família Real Portuguesa para estas terras. Para chegar aonde chegou, não teve que cruzar apenas a ponte do Itororó, encarnando o herói militar Caxias, mas atravessar inúmeros outros desafios, nem sempre em lances espetaculares, mas com a fé inquebrantável na missão, a humildade, a disciplina e a perseverança do Luiz Alves.



Largo de São Francisco em destaque a real Academia Militar
Rio de Janeiro, 1865
Georges Leuzinger
Instituto Moreira Salles

Caxias é Luiz Alves, um soldado exemplar pelo senso de cumprimento do dever, cujo amor à Pátria inspirou seus contemporâneos a supremos sacrifícios para salvar a unidade nacional, bem como as gerações seguintes a emular esses feitos, o que tem sido essencial para a garantia de nossa soberania. O modelo de liderança, que hoje atribuímos a Caxias, começou a ser edificado por Luiz Alves muito antes de suas renomadas vitórias. Foi no dia a dia da caserna, no rigor com que se distingua nas rotinas castrenses, galgando posto a posto na carreira, que ele estabeleceu as bases para o que se tornaria sua incomparável trajetória profissional.

Caxias é Luiz Alves, um homem que deixou para a posteridade a simplicidade de sua carta-testamento, em preito de gratidão à essência da Força Terrestre: seus soldados! Esse foi um dos muitos gestos singelos que explicam porque ao mortal Luiz Alves sobreviveria na eternidade a reputação conquistada pelo Caxias com sua espada invicta, sempre a nos indicar o caminho da vitória.





Lembranças do Paraguai
Equipagem do Marquês de Caxias
Fonte: bdigital.bn.gov.br/acervodigital

|A “Dezembrada” de Caxias

Maj R1 Edgley Pereira de Paula*

Quando Caxias passava no seu uniforme de Marechal do Exército, ereto e elegante, apesar da idade, todos nós nos perfilávamos reverentes e cheios de fé. Não era somente respeito devido a sua alta posição hierárquica. Havia mais a veneração religiosa e admiração sem limite. Ele poderia fazer dos seus soldados o que quisesse, desde um herói até um mártir. Por isso, quando ele passou pela frente do dezesseis (de infantaria), com as faces incendiadas e a espada curva desembainhada, foi preciso nosso comandante comandar – Firme! – para que não o seguissemos todos.

Descrição do alferes Dionísio Cerqueira, da ação de Caxias em Itororó, em 6 dezembro de 1868.

Luiz Alves de Lima e Silva é descrito por biógrafos de sua época como um homem de andar garboso, de estatura mediana, de feições serenas e olhos castanhos, com cabeça e busto cheios de nobreza e dignidade. Inicio minha abordagem sobre o maior ícone da liderança militar brasileira com a intenção de trazer esse homem comum do Brasil do século XIX, importante período da nossa história, que certamente foi determinante para a construção do que é hoje nosso país. Digo isso porque, ao analisar mais detidamente os fatos e acontecimentos dessa época, percebo que foram justamente as ações e a dedicação de certos personagens que fizeram a diferença no desenvolvimento da nossa história-pátria. E Caxias fulgura entre os principais.

* Major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2004. Bacharel, licenciado e mestre em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em história contemporânea pela Universidade de Coimbra, Portugal. Atua como consultor cultural e pesquisador em diversas instituições, inclusive na Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM), do DECEX, na qual é editor dos *Cadernos de Liderança*.



Barão de Caxias
Autor desconhecido, 1844

Fonte: Acervo da Sala de Provedores da
Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Nascido em 25 de agosto de 1803, a vida de Luiz Alves confunde-se com a própria criação, consolidação e apogeu do Império Brasileiro. De fato, soldado desde jovem, Luiz Alves lutou nas guerras de independência em terras baianas, pacificou províncias conflagradas e conduziu as armas nacionais à vitória nos vários conflitos da bacia do Prata. Com extrema habilidade, enfrentou desafios e foi bastante respeitoso com seus adversários nos campos de batalha, nunca deixando que fossem subjugados ou vilipendiados em suas honras militares.

Internamente, restabeleceu o império da ordem, preservou as instituições, recompôs a coesão nacional e salvou a unidade do Brasil, tão ameaçada no Período Regencial. Daí ter passado à história com o cognome de “O Pacificador”. No ambiente externo, num período marcado por fronteiras ainda fluidas, de mapas e cartas topográficas imprecisas e carentes de legitimação internacional e em consolidação pelas forças das armas, Caxias, como comandante em chefe do Exército Brasileiro em campanha, fez a diferença, serviu ao regime e ao governo monárquico porque, antes de tudo, servia à causa nacional brasileira. Não à toa, em carta ao compadre Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco, de quem Luiz Alves era padrinho, escreveu durante a conturbada Questão Christie, no início da década de 1860:

“ – Não se pode ser súdito de nação fraca!”

Interessante que uma de suas maiores qualidades foi a de colocar os interesses do Brasil acima dos interesses partidários que animavam grupos organizados da política nacional na acepção dos cargos públicos. Por seus consagradores triunfos militares, poderia também enveredar pelo caminho do caudilhismo, tão comum nos países latinos que passavam pelo mesmo processo de construção dos seus Estados-Nacionais nesse momento histórico.

No Brasil, graças à ação de figuras como Luiz Alves de Lima e Silva, o processo se deu de uma maneira bastante singular, o que irá garantir a integridade territorial. Quando D. Pedro II iniciou o seu período de governo, após o Golpe da Maioridade, em 1840, herdou os erros e os desencontros, a confusão e a agitação da Regência. O país atravessava um abalo econômico profundo de que não se livraria rapidamente. Mas, para a solução desses desequilíbrios, o econômico e o político, o regime demonstrou uma notável vitalidade.

Assim, os 10 primeiros anos do Segundo Reinado foram marcados por uma obra verdadeiramente apoteótica: reprimir as rebeliões internas, dominar a possibilidade de novos levantes e incorporar decisivamente ao Império, como forças produtivas, pacíficas e vivas, os grupos que tentavam se divorciar dele. Em suma, integrar a nação num só corpo, nos seus destinos e no seu território, pela generalidade de princípios e pela força necessária para levar a autoridade central da Corte do Rio de Janeiro a todos os recantos da terra imensa e dividida.

“

Eis a missão que bem cumpriu Luiz Alves: onde quer que tenha havido um movimento rebelde, ele esteve. Poderia vencer, destroçando e mortificando, pela violência, após cada vitória militar. Preferiu, com sabedoria, poupar e transigir. A sua transigência, entretanto, não foi proveniente nem de fraqueza nem de incapacidade, mas, sim, de lucidez e de força moral, porque se realizou depois de consumada a posse definitiva dos pontos almejados e do território onde a agitação dominava.

”

Em meados do século XIX, o Império do Brasil estava em paz, mas então vieram as convulsões externas. Primeiro, conflitos pontuais, no Uruguai e na Argentina e, depois, a maior das guerras já vista em terras sul-americanas, que duraria mais de cinco anos: A Guerra da Tríplice Aliança (de novembro de 1864 a março de 1870). Como consequência, essa trágica guerra trouxe consigo uma realização admirável: a obra definitiva da unificação. Todas as províncias forneceram homens que combateram pela mesma bandeira, o mesmo hino, a mesma causa, e os brasileiros, enfim, sentiram-se irmanados.

Decerto, iniciada a guerra contra o invasor paraguaio, formou-se uma improvável aliança entre o Império do Brasil e as Repúblicas da Argentina e do Uruguai. Pensava-se, à época, que esse conflito seria rápido e fácil, de modo que os jornais prognosticavam a brevidade do conflito: “Em três dias nos quartéis, em quinze no acampamento, em três meses em Assunção”. Nesse cenário, o velho e invicto general, por questões partidárias, foi deixado de lado, pois se acreditava que não seria preciso contar com sua atuação nos campos de batalha.

O desenvolvimento dos combates, no entanto, mostrou outras perspectivas. O prolongamento da guerra com avanços e retrocessos, vitórias e derrotas de ambos os lados, além da imensa quantidade de mortes, seja em combate, seja por doenças, acabou levando as forças ao limite da exaustão. Foi nesse contexto, após a derrota aliada no combate de Curupaiti, em 22 de setembro de 1866, que o governo brasileiro decidiu chamar seu maior soldado: Luiz Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias, que já se encontrava com seus 63 anos.

Dada a missão, lá foi Caxias assumir o comando das forças brasileiras no momento mais crítico da guerra. Diversos acontecimentos se precipitaram em decorrência desse crítico período para as forças aliadas: o comandante das forças uruguaias, o general Venâncio Flores, retirou-se para o seu país, onde posteriormente seria assassinado. Explodiram, ainda, rebeliões em várias províncias interioranas argentinas, forçando o comandante em chefe do Exército Aliado, o general Bartolomeu Mitre, a também retirar-se com mais de 5.000 soldados argentinos para tentar conter a guerra civil que se instalava por toda parte.



Militares brasileiros na Guerra do Paraguai
Fotografia, 1869
Fonte: bdigital.bn.gov.br



Nomeado em outubro, já em 17 de novembro de 1866, o general brasileiro chegou ao forte de Itapiru, no Passo da Pátria, em território paraguaio. Deixemos o próprio Caxias contar como encontrou o Exército Brasileiro:

“

O 1º Corpo de Exército ocupava Tuiuti e o 2º Corpo Curuzú. Cavalos só cerca de 3.000 e em mau estado. A cavalaria do 2º Corpo estava a pé. Não havia carros e bois de carretas para qualquer movimento. Os dois Corpos de Exército pareciam de países diferentes tal as disparidades que apresentavam. Era preciso centralizar tudo. E isso demandava tempo... Cumpro o dever de lealdade declarando que, em todo esse trabalho, sempre fui perfeita e completamente auxiliado pelo governo (Gabinete Liberal) de quem recebi as maiores provas de confiança que era possível receber. Assim correram as coisas nos primeiros 14 meses.

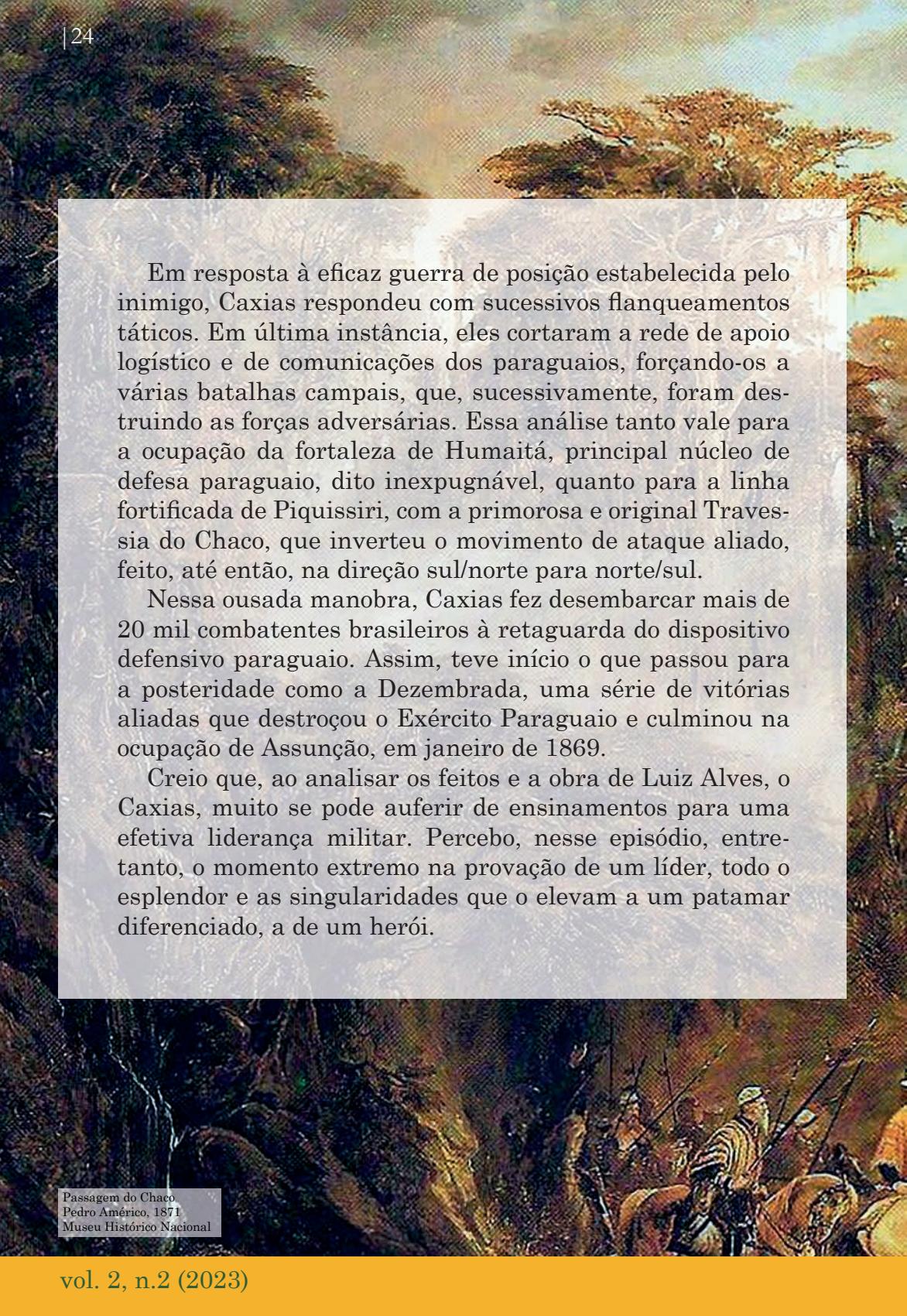
”

Evidencia-se, nessa fase do conflito, que a organização militar ainda obedecia ao padrão precário das lutas dos estancieiros e caudilhos do sul em seus constantes entrechoques fronteiriços. O contingente agora empregado, entretanto, era tão numeroso que não podia viver apenas do terreno, isto é, do saque ou de apoio de algum aliado local.

Esses chefes militares, em sua maioria, eram oficiais da Guarda Nacional e grandes proprietários de terras dos seus países. Com experiência de comando de tropas de pequenos efetivos ou de grupos e esquadrões de cavalarianos armados, muitos peões de suas próprias fazendas, viram-se, nesse momento, às voltas com as complexidades logísticas de organização de um grande contingente militar. Surgiram, então, demandas urgentes relacionadas às questões sanitárias, confecções de mapas dos terrenos inexplorados, comércio nos acampamentos, dentre outras, que uma guerra moderna para os padrões da época exigia.

Somente com a chegada do Marquês de Caxias ao teatro de operações é que se passou a ter uma atenção sistemática para com os aspectos organizacionais do exército em campanha. Indiscutivelmente, o líder militar de maior prestígio do Império quebrou vários paradigmas da época e foi o grande responsável pela inovação em táticas e estratégias, utilizando-se de experiências e novas tecnologias adotadas nas guerras mais recentes da época, a exemplo da Secesão Americana (1860-65) e a da Crimeia (1853-56).

A conduta da guerra empreendida por Caxias foi decisivamente um ponto de inflexão se analisarmos todo o conflito. Influenciou, inclusive, no recrutamento de novos combatentes. Se, no início dos combates, coube à província do Rio Grande do Sul o maior número de soldados, a partir de 1867, essa participação decaiu bastante. Regiões mais distantes do teatro de operações, como o Norte e o Nordeste, contribuíram, durante os anos de 1867 e 1868, com a maior parte das tropas enviadas ao Paraguai. Províncias como Bahia, Pernambuco e Minas Gerais recrutaram muito mais que aquelas normalmente acostumadas às convocações guerreiras devido aos recorrentes problemas de fronteira. Tal situação atestou o desgaste proporcionado pela prolongada guerra e a consequente necessidade de se dar à extenuante campanha militar uma dimensão de esforço nacional.



Em resposta à eficaz guerra de posição estabelecida pelo inimigo, Caxias respondeu com sucessivos flanqueamentos táticos. Em última instância, eles cortaram a rede de apoio logístico e de comunicações dos paraguaios, forçando-os a várias batalhas campais, que, sucessivamente, foram destruindo as forças adversárias. Essa análise tanto vale para a ocupação da fortaleza de Humaitá, principal núcleo de defesa paraguaio, dito inexpugnável, quanto para a linha fortificada de Piquissiri, com a primorosa e original Traversia do Chaco, que inverteu o movimento de ataque aliado, feito, até então, na direção sul/norte para norte/sul.

Nessa ousada manobra, Caxias fez desembarcar mais de 20 mil combatentes brasileiros à retaguarda do dispositivo defensivo paraguaio. Assim, teve início o que passou para a posteridade como a Dezembrada, uma série de vitórias aliadas que destroçou o Exército Paraguaio e culminou na ocupação de Assunção, em janeiro de 1869.

Creio que, ao analisar os feitos e a obra de Luiz Alves, o Caxias, muito se pode auferir de ensinamentos para uma efetiva liderança militar. Percebo, nesse episódio, entretanto, o momento extremo na provação de um líder, todo o esplendor e as singularidades que o elevam a um patamar diferenciado, a de um herói.

Passagem do Chaco
Pedro Américo, 1871
Museu Histórico Nacional

Decerto, após a queda da fortaleza de Humaitá, as forças paraguaias foram obrigadas a recuar para um novo dispositivo. As tropas aliadas partiram em perseguição, entretanto se depararam com uma nova linha defensiva estabelecida ao longo do arroio Piquissiri, que barrava o acesso até Assunção.

Foi nesse contexto que Caxias achou por bem evitar o confronto direto no local e elaborou uma ousada operação, a manobra do Piquissiri. Determinou a construção de uma estrada de 11 quilômetros de extensão pelo pantanoso Chaco, seguindo a margem direita do rio Paraguai, ao longo de 23 dias. Enquanto isso, divisões brasileiras e argentinas ocupavam-se da linha de frente, em Piquissiri, com o objetivo de fixar o inimigo naquela posição original, de maneira a levá-lo a crer que o ataque viria frontalmente à posição.

Na execução da manobra, três corpos do Exército Brasileiro, totalizando 23 mil soldados, foram transportados para a margem direita do rio e percorreram a estrada construída até o nordeste. Desembarcaram, então, 20 quilômetros à retaguarda das forças paraguaias em Piquissiri. A surpresa foi geral. Seguiu-se uma série de batalhas vencidas pelos aliados, naquele mês de dezembro de 1868: Itororó (6 de dezembro); Avaí (11 de dezembro); Lomas Valentinas (21 e 27 de dezembro) e, finalmente, a rendição do forte de Angustura (30 de dezembro).



O Marquês de Caxias em Itororó
Pedro Américo, 1872
Museu Imperial de Petrópolis

Desses combates, restam-nos algumas preciosidades que são dignas de registro e devem ser sempre lembradas. Como exemplo, vale recordar de um episódio, durante a Batalha de Itororó, da qual o próprio Caxias teve que participar. Quem nos conta o ocorrido é uma testemunha ocular do episódio, o então alferes Dionísio Cerqueira (1980), em suas *Reminiscências da Campanha do Paraguai*:

“

Passou pela nossa frente, animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e preso ao queixo pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. Apertávamos o punho das espadas, e ouvia-se num murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura, que abaixou a espada em ligeira saudação aos seus soldados.

O comandante deu a voz de firme. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante. A carga foi irresistível e o inimigo completamente feito em pedaços. As bandas tocaram o hino nacional, cujas notas sugestivas se mesclararam com a alvorada alegre, repetida pelos corneteiros que ainda viviam.

”



Batalha do Avaí, detalhe
Pedro Américo, 1872-1877
Museu Nacional de Belas Artes



Vencidas as Batalhas de Itororó e Avaí, o inimigo reagrupou-se em Lomas Valentinas e no forte de Angustura, quando então Caxias lançou uma Ordem do Dia² que é um primor:

Camaradas!

O inimigo, vencido por vós, na Ponte do Itororó e no Arroio Avahy, nos espera na Lomba Valentina com os restos do seu exercito. Marchemos sobre elle, e, com esta batalha mais teremos concluído nossas fadigas, e provações. O Deus dos exercitos está comnosco! Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa porque o general, e amigo, que vos guia, ainda até hoje não foi vencido.

VIVA O IMPERADOR!



Outro episódio pouco conhecido é a carta proposta por Caxias intimando à rendição as tropas paraguaias. Tal iniciativa foi uma forma de poupar muitas vidas de ambos os lados, com destaque para a superioridade em pessoal e meios, além da desproporção de forças em combate a favor dos exércitos aliados. A proposta, contudo, foi rechaçada. Seguiu-se então o combate pelas armas, até a rendição do forte de Angustura e a consequente ocupação de Assunção, em janeiro de 1869. Nesse momento, Caxias, com seus 65 anos de idade, já adoecido e convencido de que a guerra estratégicamente estava vencida, retirou-se para o Brasil.



Por suas ações como líder militar brasileiro, na Campanha do Paraguai, foi elevado ao título de duque em 23 de março de 1870, tornando-se a única pessoa a receber tal título durante os 58 anos de reinado de D. Pedro II. Anos depois, já com idade avançada, Caxias resolveu retirar-se para o interior de sua terra natal, a província do Rio de Janeiro, na fazenda Santa Mônica, na estação ferroviária do “Desengano”, hoje município de Valença.

No dia 7 de maio de 1880, às 20 horas e 30 minutos, deu seu último suspiro em vida. No dia seguinte, chegou, em trem especial, à estação do Campo de Santana, o seu corpo, vestido com o mais modesto uniforme de marechal de exército, trazendo ao peito apenas duas das suas numerosas condecorações: a Medalha do Mérito Militar e a Medalha Geral da Campanha do Paraguai, tudo consoante suas derradeiras vontades expressas.



Estação da estrada de ferro Central do Brasil
Marc Ferrez, c. 1890. Rio de Janeiro, RJ
Convênio Instituto Moreira Salles – Leibniz-Institut für Länderkunde
Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>

Deixa-nos um testamento que é revelador de seu singular caráter:

(...) quero que meu enterro seja feito, sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho. Dispensando o estado da Casa Imperial, que se costuma mandar aos que exercem o cargo que tenho. Não desejo mesmo, que se façam convites pro meu enterro, porque os meus amigos, que me quiserem fazer este favor, não precisam dessa formalidade (...)

(...) Logo que eu falecer, deve o meu testamenteiro fazer saber ao Quartel-General e ao ministro da Guerra que dispenso as honras fúnebres que me pertencem como marechal do Exército e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e melhor conduta, dos corpos da guarnição, pra pegar as argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30\$000 de gratificação.

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1874
(Carvalho, 1976, p. 292)





Estátua do Duque de Caxias
Photographias D. Federal
Fonte: bndigital.bn.gov.br/acervodigital



Pátio das Batalhas – Exército Brasileiro
Vídeo “A Desembarda”
Maj R1 Edgley Pereira de Paula



Medalha Geral da Campanha do Paraguai - 1870³

Notas

¹ Annaes do Senado do Império do Brasil. Segunda Seção em 1870 da 14^a Legislatura, de 1 a 31 de julho. Vol. II, p. 37.

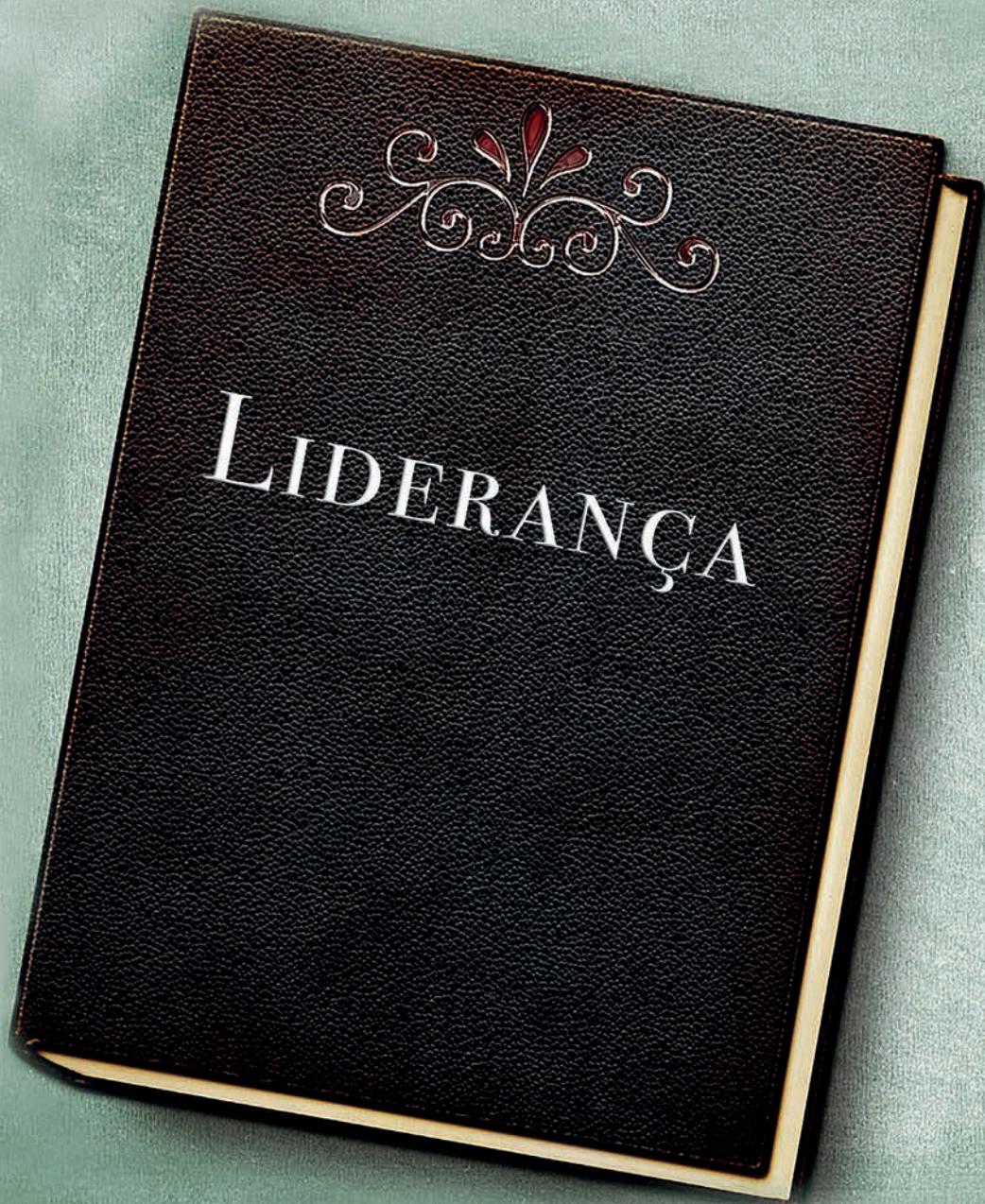
² Ordem do Dia nº 269, de 21 de dezembro de 1868, do comandante em chefe das Forças Brasileiras em operações no Paraguai.

³ Criada pelo Decreto nº 4.560, de 6 de agosto de 1870, para premiar os que fizeram parte do Exército em operações contra o governo do Paraguai. A fita representa as cores da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai). Possui 5 linhas de igual largura, dispostas da esquerda para direita: verde, branca, azul, branca e amarela. No anverso, traz a legenda “Campanha do Paraguai” e, no verso, a data “6-1870-8” (6 de agosto de 1870), do Decreto que a instituiu. Era usada do lado esquerdo do peito, pendente de fita, e com o passador. Este, de ouro para generais e oficiais superiores; de prata para os demais oficiais; e de bronze para praças. No centro do passador, o número de 1 a 5 para indicar o período em campanha, cada um representando um ano.

Fonte: <http://ebacervo.eb.mil.br/>

Referências

CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.
CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.



Reflexões sobre liderança

Gen Ex R1 Gleuber Vieira*

Liderança é tema atual, amplamente discutido, objeto de livros, pesquisas, ensaios, debates, palestras e artigos de jornais e revistas.

O fato é que, na atualidade, o assunto é extensivamente explorado e, não poucas vezes, mercantilizado. As livrarias estão abarrotadas de livros com as mais diversas e miraculosas receitas que, teoricamente, habilitam qualquer leitor mais atento e disciplinado a se transformar em líder, mediante observância de uma série de regras e recomendações. Ao exercício de liderança se credita o sucesso de organizações, o lucro de empresas e a solidez de instituições. Penso que às vezes, porém, ocorre certa confusão de termos e valores na abordagem do tema. O vocábulo líder, como ocorre em outros idiomas, é empregado também para identificar dirigentes, pessoas no simples exercício de cargos e posições de direção. Assim, fala-se em lideranças sindicais, empresariais, políticas, em líder do governo, da oposição, de partido X, para indicar quem, no momento, ocupa aquelas posições e não necessariamente se afirma como autêntico líder, com o significado que pretendo atribuir ao termo ao longo deste artigo.

* General de exército R1, graduou-se na Academia Militar das Agulhas Negras, na arma de artilharia, em 1954. Completou todos os cursos que caracterizam a carreira do oficial do Exército Brasileiro, além de cursos frequentados nos Estados Unidos da América. É bacharel em ciências econômicas, com especialização na área de gestão administrativa. No posto de coronel, comandou o 11º Grupo de Artilharia de Campanha, Grupo Montese, e a Comissão do Exército Brasileiro em Washington. Como oficial-general, exerceu os cargos de comandante da Artilharia da 3ª Divisão de Exército, comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, subchefe do Estado-Maior do Exército para Assuntos Internacionais e, mais adiante, para Inteligência. Foi diretor de Formação e Aperfeiçoamento (hoje DESMil) e chefiou o então Departamento de Ensino (hoje DECEEx). Posteriormente, chefiou por dois anos o Estado-Maior do Exército para, afinal, de 1999 a 2002, desempenhar o cargo de ministro do Exército e, com a criação do Ministério de Defesa, o de comandante do Exército. Ao transmitir este cargo em janeiro de 2002, deixou o serviço ativo, após 54 anos de serviço.

“

O líder que pretendo comentar é aquele que chega a resultados eficazes com algo mais: a plena aceitação de sua atuação, o respeito e a admiração dos subordinados, o ambiente harmonioso, o entendimento comum e solidário da missão. Inspira e conquista confiança. São consequências de sua especial capacidade de influenciar pessoas, motivá-las, conseguir que assimilem a missão como uma causa comum, atenda ou não a seus interesses e opiniões pessoais. Conquista o objetivo com menor desgaste e melhores resultados.

Não creio que a verdadeira liderança possa ser construída com tanta simplicidade quanto apregoam alguns autores. É um processo complexo de colocação de tijolo sobre tijolo ao longo de uma carreira. Não existe solução mágica, nem poção milagrosa.

”

Outra distinção que faço questão de salientar é entre “herói” e “líder”. O primeiro emerge ao sabor de exaltações de momento e pode, dirigindo um movimento, com iniciativas oportunas e grande noção de *timing*, assumir uma liderança efêmera, ao sabor de circunstâncias e fatos que facilitam sua projeção, mas não a perpetuam. Vale-se de um potencial carismático e pontifica em determinadas situações de crise. São os que poderíamos chamar de “líderes de oportunidade”. Obviamente não estarei visando esse tipo de personagem ao apresentar minhas reflexões. Meu pensamento está voltado para aquele líder competente, confiável e persistente, cuja presença e influência se fazem sentir continuamente, na rotina do dia a dia e nos momentos de crise, em disponibilidade permanente.

A abordagem do tema exige que se reconheçam certas peculiaridades nos diversos campos de atividade, capazes de condicionar objetivos, valores e comportamentos. Assim, são diferentes as percepções de sucesso e realização para quem busca exercer liderança, por exemplo, no meio empresarial, na esfera política ou no campo militar. Neste, conta a capacidade de alcançar a plena operacionalidade da fração, escalão ou organização comandada, ou a gestão mais íntegra e produtiva de um órgão administrativo, contando com a participação entusiasmada, respeitosa, disciplinada e, sobretudo, sinérgica dos subordinados. Fica evidente, pois, que, em cada ramo de atividade, a liderança é condicionada por objetivos específicos, por códigos distintos de valores e comportamento. O que passo a expor logicamente admite como referência, em princípio, minhas observações e constatações sobre a liderança no campo militar.

Volto-me para aquela que conduz a resultados desejados pela instituição, empresa, força armada ou qualquer outro tipo de organização, e não a que favorece as posições e convicções pessoais do chefe em questão. Ao escrever estes comentários, tenho em mente, especialmente, como ocorre no campo militar, a liderança capaz de motivar subordinados a operar sinergicamente em torno de uma decisão e um interesse comum, ainda que em desacordo com opiniões e interesses pessoais diversos. Seu exercício é particularmente sensível se lembrarmos que um chefe militar, no curso do combate, pode adotar decisões que eventualmente colocam em risco a própria vida dos comandados.

Em primeiro lugar, é indispensável haver autenticidade. Se o indivíduo é introvertido, reservado, calado, não faz sentido que, para tentar se revelar como líder, pretenda se modificar, a fim de parecer extrovertido e comunicativo. Logicamente, há um limite para a introversão. É indispensável um mínimo de capacidade de se comunicar. Mas não faz sentido querer transformar sua personalidade para adotar a postura que considera adequada a um líder. Obviamente, não se viola a autenticidade quando, em processo de autoaperfeiçoamento, um indivíduo sensatamente aprende a dominar ou atenuar a timidez. É um esforço elogável.

Por outro lado, quem é extrovertido, que continue a sê-lo, se a extroversão é espontânea. Não quero dizer que deva estar permanentemente de sorriso aberto ou que ser falante seja condição indispensável. Mas também é desejável que, de forma espontânea, aprenda a controlar a tagarelice exagerada. É inegável, todavia, que, com este ou aquele perfil, habilidade para comunicação é absolutamente essencial, mas desde que se expresse com autenticidade, com espontaneidade. Seja o que você realmente é. Não tente “parecer”. Ninguém consegue enganar muita gente por muito tempo.

Paralelamente, é conveniente saber até quando é indispensável o líder satisfazer, como executante, o mesmo que exige dos subordinados; saber o instante em que precisa induzir os diretamente comandados a propagar correta e adequadamente suas orientações, diretrizes, ordens e, sobretudo, motivações. Não quero dizer que a presença do chefe, em qualquer nível, junto à ponta da linha seja dispensável. Pelo contrário. O que não é conveniente é usurpar o campo de exercício de liderança de subordinados. O segredo – e a dificuldade – é conseguir que os intermediários sejam capazes de levar sua vontade aos extremos da organização.



De fato, o exercício da liderança conhecida como “indireta” é muito mais difícil e complexo. Não há como esquecer ou ignorar que os intermediários com os quais é preciso contar para exercer sua liderança são, por sua vez, pessoas já experimentadas na profissão, com convicções próprias e idiossincrasias que devem ser respeitadas. Daí a necessidade, à medida que se ascende em uma profissão, de desenvolver a habilidade da motivação e do convencimento. Por isso, mais atrás salientei que não basta conhecimento teórico. Deve entrar em cena um elenco de atributos apropriadamente explorados e uma pitada da experiência que a vida oferece.

Há um trinômio de exigências a ser desenvolvido pelo líder militar. Inicialmente, ele precisa “saber”, ou seja, conhecer bem, pela via do estudo e da aplicação, sua profissão e sua função de momento. Isso significa preparo profissional, basicamente oferecido pelos estabelecimentos de ensino, pela continuidade da cadeia de aprendizagem, mas, nos dias atuais, exigindo contínuo e intenso esforço de autoaperfeiçoamento. O ritmo de evolução do conhecimento incapacita qualquer escola, qualquer curso, de prover todas as informações e práticas necessárias a qualquer profissão. Tampouco provê permanente atualização da base de conhecimentos. Ninguém pode pretender ser líder sem “saber” e ninguém “sabe” sem aprender, se aperfeiçoar e se atualizar. É um processo dinâmico de permanente autodesenvolvimento, que corre paralelo ao da construção da liderança.

Além de “saber” o líder também “faz”. O “fazer” está ligado à ideia de fazer as coisas acontecerem, executar criteriosamente os planejamentos, materializar as intenções, auferir resultados concretos. Mas aí surge o perigo. Mal interpretado, o “fazer” pode levar o chefe menos esclarecido a pensar que deve ter condições de fazer tudo que exige do subordinado. Não é essa a ideia.

Não implica ter que fazer tudo que o subordinado executa para se mostrar tão apto quanto ele. Essa percepção pode até ser verdadeira e conveniente nos escalões menores e em determinadas situações e funções, mas deve receber a correta interpretação à medida que se ascende na carreira.

Um supervisor de uma linha de produção não precisa executar com a mesma perfeição tarefas dos operários que chefia em seu setor de fabricação. De forma análoga, um comandante de unidade militar, para se afirmar como líder, não precisa fazer as 200 flexões que fazem seus soldados ou correr 5.000 metros no mesmo tempo em que correm seus subordinados. O que os subordinados esperam de seu chefe é sua presença, a coragem física e moral, o senso de justiça, a higidez mental e física que lhe permitem enfrentar o serviço em campanha sem fadiga, preservando e demonstrando equilíbrio, critério e senso de julgamento, sobretudo nos momentos de crise ou dificuldade. Dele, querem sentir a capacidade para levar a unidade à conquista dos objetivos fixados.

“

Nesse sentido, a interpretação certa do “fazer” é conhecer a dificuldade, os obstáculos que envolvem o cumprimento das tarefas ordenadas e saber avaliar os resultados alcançados. Não é por outra razão que, ao longo da formação do sargento, ele é conduzido a exercer funções

e cumprir missões próprias de soldados e cabos; e a formação de oficiais envolve o desempenho de funções e tarefas inerentes a postos e graduações inferiores. Sabendo o quanto custa “fazer”, é possível expedir ordens sensatas e coerentes, exigentes, mas exequíveis e, mais adiante, colher os frutos ao atingir os propósitos estabelecidos.

”



Fonte: eb.mil.br

O líder, portanto, “sabe” e “faz”. O mais importante, porém, vem em seguida e deságua no campo do anímico, da motivação, da capacidade de convencer, de sensibilizar. O líder também “é”. Além de “saber” e “fazer”, precisa “ser”. Refiro-me à pessoa do líder, do que ele representa como caráter, como personalidade confiável, segura, equilibrada, capaz de levar outros a contrariar interesses, estímulos naturais e até empenhar sua própria segurança pessoal em proveito do conjunto e dos objetivos da organização. É capaz, portanto, de vender suas ideias e convicções. Vale, nessa hora, a empatia, o *timing*, a inspiração. Conta, nesse momento, a estrutura afetiva do indivíduo e, certamente, a disponibilidade de mais apropriados atributos pessoais.

Este trinômio “saber”, “fazer” e “ser” adquire importância maior no caso do líder militar brasileiro. A versatilidade exigida pelo cumprimento de suas variadas missões aponta a necessidade de conseguir explorar o trinômio em condições mais diversificadas. Sua aplicação naturalmente ganha feições e aplicações distintas conforme a missão em curso. No papel principal e essencial de combatente, ele “sabe”, “faz” e “é” de determinada forma, não necessariamente idêntica à que pratica quando se insere na sociedade e atua como pioneiro nos diversos rincões do território nacional. Raciocinando de forma análoga, adota um comportamento peculiar, que exige outro modelo de aplicação de seus atributos de liderança, quando em missões internacionais, interagindo com populações e contingentes de forças armadas de outras nacionalidades e outras culturas. Cada situação induz a uma forma específica e apropriada de aplicação do trinômio. Faz parte da construção da liderança encontrar a forma ótima de seu emprego em cada uma das conjunturas.

“

A verdade é que aquele que “sabe”, “faz” e “é” tem meio caminho andado para o exercício de uma liderança sólida e duradoura. Pode parecer uma simplificação exagerada e talvez não muito feliz, mas foi uma saída, ainda que um tanto didática, que encontrei para caracterizar três campos essenciais na estrutura do líder.

A história contemporânea nos aponta inúmeros líderes que se destacaram ao longo de diversos conflitos armados que abalaram séculos passados. Situações de combate lhes proporcionaram a oportunidade para demonstrar e praticar seus atributos para o exercício da liderança. Outros se revelaram líderes nos bastidores ou em tempo de paz, conduzindo grupos, sociedades e países ao sucesso e à concretização de seus objetivos.

”

As duas primeiras edições da publicação “Cadernos de Liderança” nos apontaram, na história militar brasileira, dois líderes de nosso Exército que se notabilizaram, o general Octávio Costa – uma vida a serviço da nação e do Exército Brasileiro – e o sargento Max Wolf Filho – o grande patrulheiro – nos campos de batalha da Itália.



Fonte: CComSEx/DECEx

Este é o momento propício para lembrar e salientar o patrono do Exército Brasileiro, o insigne Duque de Caxias, o grande líder que concedeu ao país e à Força Terrestre o valor de seus atributos de liderança, em situações de paz, em conflitos internos e na guerra. Lutou pela consolidação da independência, pacificou províncias conflagradas, conduziu as armas nacionais à vitória nos conflitos travados na bacia do Prata e coroou sua invejável trajetória cívico-militar com o equilíbrio e a sensatez que caracterizaram sua atuação na política nacional. Na pessoa do Duque de Caxias, identificamos o líder que soube praticar o “saber”, “fazer” e “ser”.

Reafirmo que o desempenho de um cargo de chefia não transforma automaticamente seu ocupante em líder. Em contrapartida, no mundo atual, em que se persegue a eficácia com o máximo de sinergia e o mínimo de desgaste pessoal e da própria organização, torna-se cada vez mais desejável – impositivo mesmo – que cada chefe se revele como autêntico líder. E, para tanto, o inevitável caminho é aquele capaz de, sem violentar a autenticidade e a espontaneidade, fazê-lo alguém que “sabe”, “faz” e “é”. Paralelamente, deve identificar com clareza o nível em que está exercendo liderança, a fim de aplicá-la na forma adequada, seja a direta, seja a indireta.

Aí estão, pois, as três premissas que acredito estarem sempre presentes e valorizadas no exercício de uma liderança positiva, particularmente na esfera militar: autenticidade, aplicação correta e oportuna das vias direta e indireta, e autoaperfeiçoamento que permita “saber”, “fazer” e “ser”.

Creio que podemos sintetizar esses requisitos afirmando que os conhecimentos holístico e específico proporcionam competência e asseguram *autoridade profissional*. O caráter, íntegro, reto e confiável, que se manifesta pela coragem moral e física, pelo senso de justiça e sua criteriosa aplicação, gera respeito e garante *autoridade moral*. Por fim, a fortaleza interior que emana de suas atitudes, a paixão pelo que acredita, o senso ético e moral que observa e cultiva e a capacidade de motivar e levar os subordinados ao integral comprometimento com a missão induzem a *autoridade afetiva*.

“

Se você for capaz de conquistar e exercer autoridade profissional, moral e afetiva, meus parabéns,
você é um líder!

”





Fonte: eb.mil.br

Caxias: atitudes e virtudes de um líder militar

Gen Ex R1 Francisco Roberto de Albuquerque *

Com satisfação colaborei para os objetivos do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx), parabenizando-o, de imediato, pela criação da Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM), ressaltando a importância do assunto no preparo dos profissionais de uma Força Armada de qualidade. Ao longo dos 53 anos em que vesti nosso uniforme, pude analisar as várias capacidades que levam ao sucesso de um chefe militar. Por comprovação, sou convicto de que o mais importante é a da liderança, pois, certamente, sem tal atributo, o chefe militar não conseguirá conduzir sua equipe ao pleno cumprimento da missão.

A capacidade de liderar constitui-se numa das condições fundamentais para o desempenho da profissão militar. Observa-se que a liderança, evidenciada em diversos acontecimentos da história militar – do mundo e do Brasil –, é tema de várias pesquisas e estudos que objetivam desenvolver e aprimorar as competências dos profissionais na arte de conduzir mulheres e homens. Tanto nas atividades administrativas, visando à busca e conquista de resultados, como, especialmente, nas missões operacionais, quando há o risco de morte por razão da natureza do emprego da tropa, verifica-se que a prática da liderança é necessária para desenvolver, manter e aprimorar a unidade de comando e a coesão entre os militares.

* General de exército R1, graduou-se aspirante a oficial de artilharia em 19 de dezembro de 1958. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e formou-se também em economia política pela Faculdade de São Paulo. Exerceu a função de comandante do 2º Grupo de Artilharia de Campanha e foi oficial do Gabinete do Ministro do Exército. Como general, comandou a 11ª Brigada de Infantaria Blindada, foi secretário-geral do Exército e comandante militar do Sudeste. Como general de divisão, foi o coordenador da missão de observadores militares no Equador-Peru. No comando do Exército (2003-2007), chegou a ser recebido pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan, para tratar de assuntos relativos à presença das tropas brasileiras no Haiti. No exterior, exerceu a função de chefe da Comissão do Exército Brasileiro em Washington e adido militar da Embaixada do Brasil em Washington.

Várias são as competências utilizadas para o exercício de uma liderança eficaz. Ao longo da minha carreira, a experiência mostrou-me que o aspecto principal para o emprego dessa qualidade militar chama-se exemplo, pois somos, constantemente, observados por aqueles que nos seguem, em especial o nosso comportamento ético. Pode-se afirmar que o sábio ditado “as palavras convencem, mas o exemplo arrasta” traduz a ideia essencial para a prática da liderança militar.

Nossos subordinados, frequentemente, nos analisam em relação às tomadas de decisão, à clareza das ordens que emitimos e ao tratamento justo e ético que lhes damos. Além disso, nossos comandados também nos observam em relação ao conhecimento técnico-profissional, cultura geral, persistência, inteligência emocional, capacidade de direção e controle e iniciativa, os quais, certamente, potencializam a nossa capacidade de liderança. Esse conjunto de características tem o intuito de desenvolver o espírito de corpo, amalgamando os vínculos entre os militares para conquista do pleno êxito no cumprimento de nossas diversas missões.



O exercício da liderança na carreira militar é dinâmico. Ao longo de minha permanência na ativa, pude verificar que, nos diferentes postos e graduações, o líder demonstra sua ação de comando de maneiras diversas. Por exemplo, quando no início da caminhada profissional, seja como oficial subalterno e 3º sargento, a liderança exercida é dirigida, diretamente, ao soldado do pelotão ou seção e pode ser demonstrada por meio da apresentação individual, da resistência física e da iniciativa. Já na fase como oficial superior e 1º sargento, atributos como conhecimento técnico-profissional, comprometimento e capacidade de direção e controle conseguem demonstrar melhor o exercício da liderança perante os subordinados.

Ressalta-se que o Exército Brasileiro, em suas diversas escolas e unidades, sempre priorizou o ensino e o exercício relacionados aos conteúdos sobre chefia e liderança. A atitude do DECEX, criando a ALVM, confirma essa visão. Assim, mantém a tradição de ensinar e desenvolver, desde o ingresso da vida militar, os conhecimentos necessários à prática que fortalece o espírito da liderança.



No período em que me encontrava no comando do Exército Brasileiro, na oportunidade em que estive reunido com alguns comandantes de Exército do chamado Primeiro Mundo, pude escutá-los dizer que a nossa Força Armada se enquadrava entre as 10 melhores dentro de um cenário internacional. Estou certo de que o leitor concordará que tal posição não se aplica apenas em relação ao tipo, qualidade e quantidade de material militar que empregamos, pois nossos recursos são limitados, mas, sobretudo, deve-se ao preparo e à capacidade de nossas mulheres e homens, sobressaindo-se o exercício de uma liderança eficaz.

Exemplos de liderança não nos faltam como ensinamento e motivação. A vida e conduta do nosso patrono, marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, enriquece a nossa história militar. Destaca-se a atitude do marechal por ocasião da Batalha de Itororó, durante a Guerra do Paraguai, na ultrapassagem da ponte de mesmo nome, a qual se encontrava fortemente defendida pela tropa inimiga. Naquela ocasião, essa ultrapassagem era imprescindível na busca pelo êxito no combate. Dessa feita, após inúmeras tentativas infrutíferas, com perdas de vidas, Caxias apercebeu-se da situação e, montado em seu cavalo, desembainhou a espada e, colocando-se à frente de seu Exército, bradou: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. Essa atitude mudou completamente o ambiente da batalha, fazendo com que as tropas inimigas entrassem em pânico e passassem a desbandar.

Após o sucesso de Itororó, seguiram-se as conquistas de Avaí, Lomas Valentinas e, finalmente, Assunção. Na Batalha de Itororó, a atitude de Caxias protagonizou um dos exemplos mais marcantes de liderança ocorridos em nossa história. Ressalte-se que os demais patronos das armas, quadros e serviços, durante o transcurso de suas vidas e, especialmente, no emprego em combate, mostraram-se como arquétipos, ícones da liderança militar da nossa Força, caracterizando-se como modelos de conduta aos nossos oficiais e praças na condução de seus subordinados. Pode-se afirmar que nossos patronos, por meio do exercício da liderança, contribuíram para manutenção da invencibilidade do nosso Exército ao longo do tempo de sua existência.

“

Figuras como a do general Otávio Costa, do sargento Max Wolf Filho e do aspirante Mega fortalecem a imagem do líder militar em nossa Instituição. Na oportunidade da aula inaugural do general Otávio Costa, na Academia Militar das Agulhas Negras, ele discorreu sobre a carreira militar e a nobre missão que os cadetes, futuros oficiais, teriam ao longo de suas vidas.

Na palestra, várias foram as abordagens como: empatia e respeito; dedicação e abnegação; sentimento do dever; lealdade e amor à verdade; exercício da justiça e tornar-se um exemplo, momento em que projeta a seguinte frase: “observai os líderes, como são, como agem, para onde vão, e segui seu exemplo”.

”



Caderno de Liderança 1
Gen Otávio Costa



Caderno de Liderança 2
Sgt Max Wolf Filho



Caderno de Liderança 3
Asp Mega

Não menos marcante são os feitos deixados pelo sargento Max Wolf Filho, herói de guerra. Ele representa o modelo de liderança direta como integrante de um pelotão denominado “Especial” durante a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), no teatro de operações da Itália, na Segunda Guerra Mundial. O segundo volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, editados pelo Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx), divulga e analisa, com propriedade, a vida e o legado de Max Wolf, tornando-se uma verdadeira “Bíblia” para nossos graduados. Nessa mesma direção, segue o número destinado ao aspirante Mega, que nos proporciona pensar a liderança exercida pelos jovens oficiais num ambiente caótico de guerra.

Ao encerrar as presentes colocações, quero externar minha satisfação por ter sido incluído no “Grupo dos Eternos Comandantes”, pelo general Lancia. Na oportunidade, valendo-me da experiência que adquiri ao longo dos anos de serviço, e mesmo após, deixo a seguinte mensagem aos irmãos de armas: “Julgo de extrema e vital importância alertar os integrantes da Força, nossos oficiais e graduados, para o imperativo fomento da coesão, no âmbito da instituição, sem a qual não será possível criar o ambiente necessário para o exercício da liderança, que, consequentemente, inviabilizará o cumprimento da missão que a história sempre nos impõe”.

Espero que as reflexões de um velho soldado possam contribuir para a consecução dos objetivos dos *Cadernos de Liderança Militar*, publicação que se revela como importante instrumento no processo de formação de futuros líderes, bem como para o desenvolvimento de capacidades voltadas para o exercício da liderança de nossos militares.

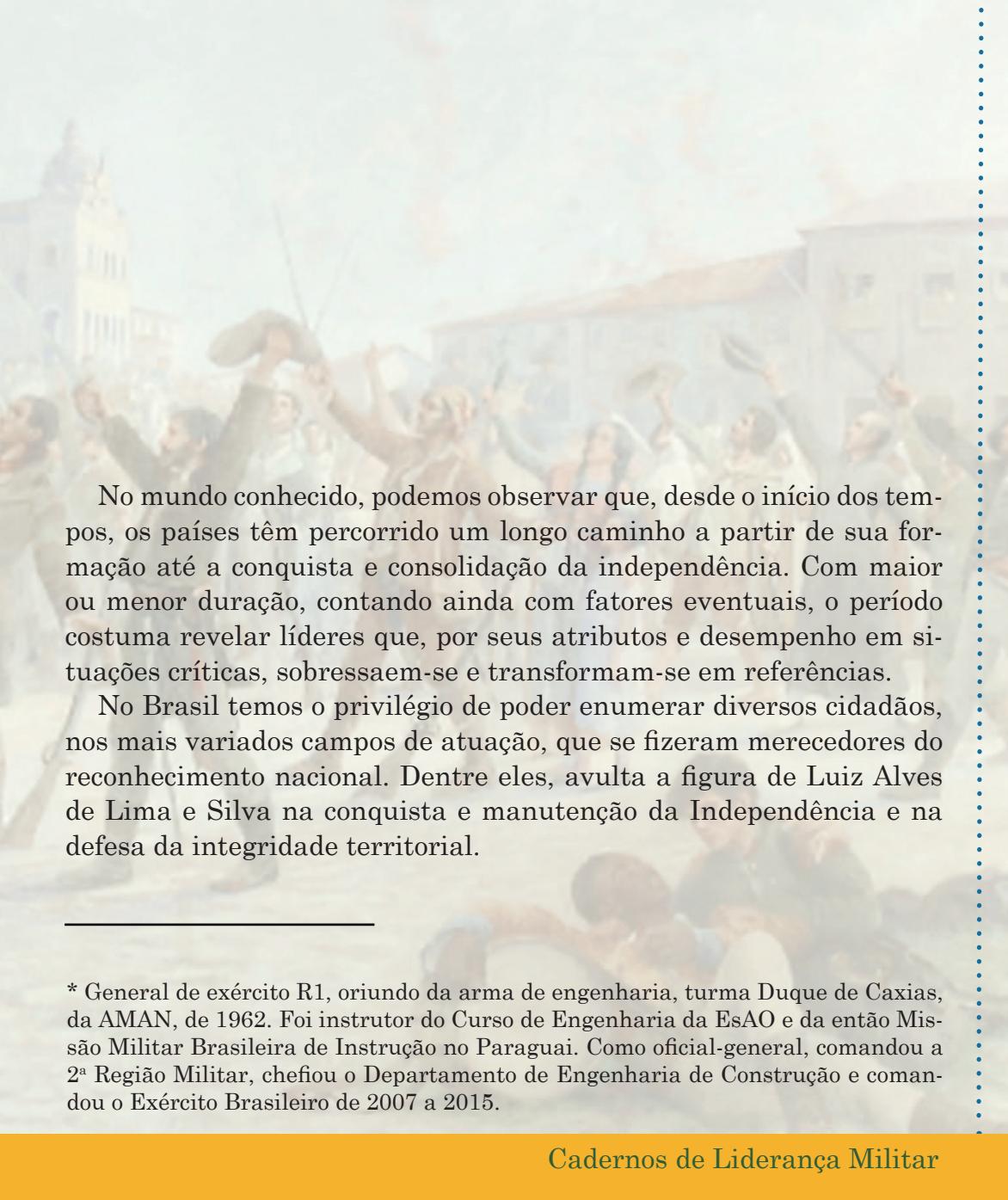




O Primeiro Passo para a Independência da Bahia
Antônio Parreiras, Palácio do Rio Branco, Salvador, Bahia

Caxias, o pacificador

Gen Ex R1 Enzo Martins Peri*



No mundo conhecido, podemos observar que, desde o início dos tempos, os países têm percorrido um longo caminho a partir de sua formação até a conquista e consolidação da independência. Com maior ou menor duração, contando ainda com fatores eventuais, o período costuma revelar líderes que, por seus atributos e desempenho em situações críticas, sobressaem-se e transformam-se em referências.

No Brasil temos o privilégio de poder enumerar diversos cidadãos, nos mais variados campos de atuação, que se fizeram merecedores do reconhecimento nacional. Dentre eles, avulta a figura de Luiz Alves de Lima e Silva na conquista e manutenção da Independência e na defesa da integridade territorial.

* General de exército R1, oriundo da arma de engenharia, turma Duque de Caxias, da AMAN, de 1962. Foi instrutor do Curso de Engenharia da EsAO e da então Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai. Como oficial-general, comandou a 2ª Região Militar, chefou o Departamento de Engenharia de Construção e comandou o Exército Brasileiro de 2007 a 2015.

Em 1824, ainda tenente e servindo no Batalhão do Imperador, sua primeira participação em combate foi contra as tropas do brigadeiro Madeira de Melo, na Bahia, quando recebeu citações por bravura e a promoção a capitão. Foi também agraciado com a Medalha da Independência, a condecoração de que mais se orgulhou durante toda sua vida.

Em 1828, na Guerra da Cisplatina, quando em operações defensivas, não se limitou a permanecer estático na posição. Pelo contrário, era comum ver o intrépido oficial comandar exitosas furtivas às posições inimigas, e assim foi promovido a major. Suas credenciais como combatente e sua capacidade de liderança, além de um temperamento equilibrado, já permitiam antever o grande chefe militar em gestação.

Com a abdicação de D. Pedro I, um clima de desordem instalou-se no Brasil. Em 1832, para combater a Abrilada, foi designado comandante do Corpo de Guardas Permanentes do Rio de Janeiro, função em que permaneceu até 1839, embrião do que viriam a ser as polícias militares dos nossos dias. No período, vários motins foram sufocados, o que lhe acrescentou experiência em ações de diversas naturezas. Em 1837 foi promovido a tenente-coronel.



Entrada do Exército Libertador
Presciliano Silva, Paço Municipal de Salvador

Em 1839, um movimento de jagunços, chamados “balaios”, conseguiu conquistar a cidade de Caxias e dominar parte do interior da província do Maranhão. Em função do elevado conceito de que era detentor, Luiz Alves, em dezembro, foi promovido a coronel e nomeado presidente e comandante das armas do Maranhão e do “Exército Pacificador”. No Maranhão, Caxias demonstrou possuir também larga visão nos campos administrativo e estratégico, além de habilidade política.



Guerra da Balaia
Antonio Oliveria, Memorial da Balaia, Caxias, Maranhão

Os combates aos “balaios” estenderam-se até o segundo semestre de 1840. Em setembro, baseado na anistia concedida por Dom Pedro II ao assumir o trono, Luiz Alves de Lima e Silva conclamou os revoltosos remanescentes a encerrarem a luta contra outros grupos, o que foi conseguido parcialmente. No final de outubro, partiu para a cidade de Caxias em sua última missão e, no dia 1º de janeiro de 1841, anunciou a pacificação definitiva do Maranhão. Promovido ao posto de brigadeiro, em julho do mesmo ano, recebeu o título de Barão de Caxias em alusão à cidade revoltosa, núcleo dos rebelados que ele pacificou.





BARÃO DE CAXIAS

Barão de Caxias
Artista desconhecido

Em 23 de setembro de 1842, após debelar a Revolução Liberal em São Paulo e Minas Gerais, Caxias foi nomeado comandante em chefe do Exército em operações contra os Farrapos e presidente da Província do Rio Grande do Sul. Como chefe experiente, em função dos eventos anteriores, atuou nos campos político, administrativo e militar. Após sucessivas vitórias das tropas imperiais, em 28 de fevereiro de 1845, terminava a Guerra dos Farrapos. Caxias foi efetivado marechal de campo e agraciado com o título de conde.

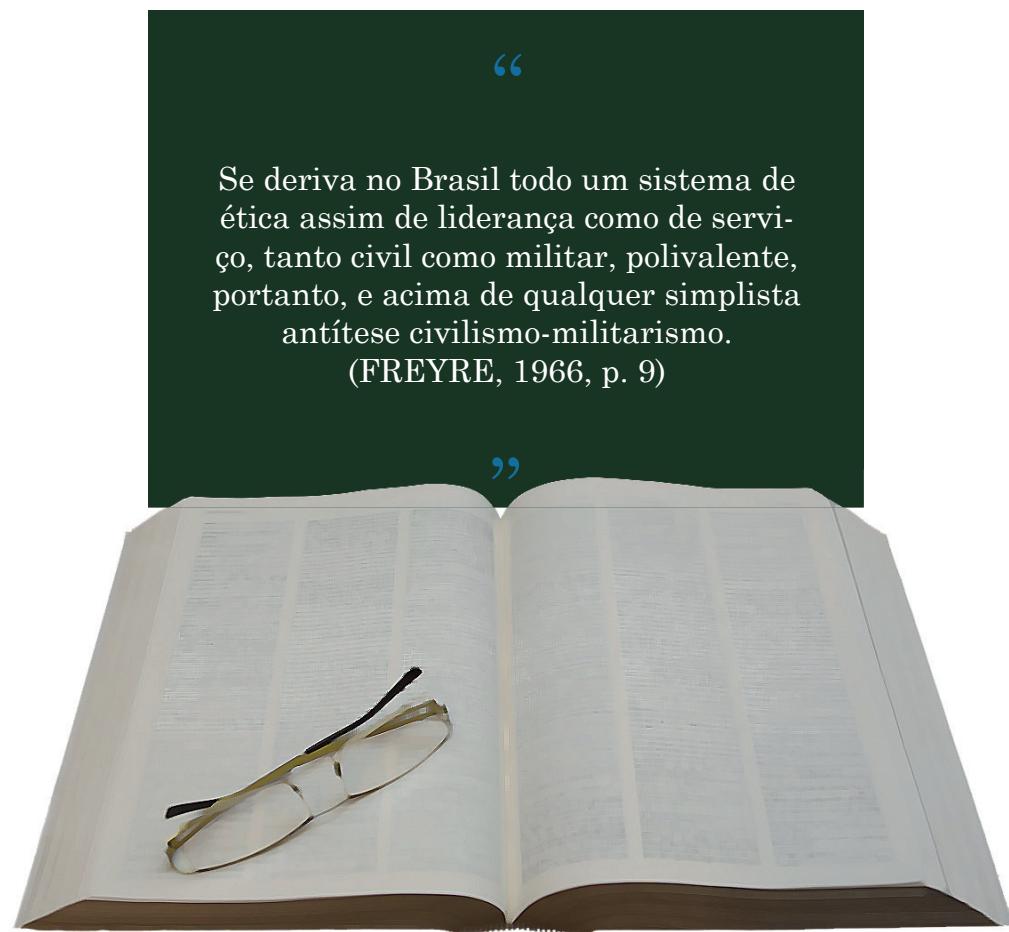
Em junho de 1851, para combater Oribe e Rosas, na região platina, Caxias é nomeado comandante das Forças Imperiais no Sul e presidente da Província do Rio Grande do Sul. A campanha terminou em 3 de fevereiro de 1852, com a vitória contra Rosas na batalha de Monte Caseros. Em 13 de novembro de 1864, o Paraguai declarou guerra ao Brasil. Tropas paraguaias chegaram a invadir o norte da Argentina e o Rio Grande do Sul, mas acabaram cercadas em Uruguaiana e renderam-se em 18 de setembro de 1865. Em abril de 1866, foi iniciada a invasão do Paraguai e, em 24 de maio, travou-se a Batalha de Tuiuti. O prosseguimento da campanha, no entanto, foi contido pela posição defensiva de Curupaiti e pelas fortificações ao longo dos rios.

A Guerra da Tríplice Aliança não era popular no Brasil por causa do elevado número de baixas e das despesas e pelo sentimento de que somente o Brasil estaria interessado no conflito. Para superar o problema, mais uma vez, o governo recorreu a Caxias, que chegou ao acampamento de Tuiuti, em novembro de 1866. Ele logo demonstrou suas qualidades de chefia e liderança. Comandante já experimentado, tomou todas as medidas necessárias para dar ao local as condições básicas de um acampamento quanto à organização e disciplina. Tomou providências no campo da saúde, implantou o tratamento de água, intensificou as posições defensivas, aperfeiçoou a instrução da tropa e cuidou da alimentação e da melhoria da ração dos cavalos.

Após reorganizar o dispositivo, foram retomadas as operações ofensivas, com destaque para a neutralização de Humaitá e de outras fortalezas. Com a construção da Estrada do Chaco, as tropas conseguiram desbordar a linha fortificada de Piquissiri, uma notável posição defensiva paraguaia. Sua atuação, mais uma vez, foi marcante, tanto pelo exemplo de seu comportamento como pela capacidade de criar as melhores condições para obter o resultado almejado. Sua coragem, ao liderar em momentos críticos, como, por exemplo, a travessia da ponte sobre o rio Itororó, serviu sempre de forte estímulo para a tropa brasileira. López conseguiu fugir para a cordilheira, sendo perseguido por contingentes aliados.

Caxias, à frente do Exército Aliado, deslocou-se para Assunção, em janeiro de 1869. Sentindo-se adoentado e tendo ocupado a capital do Paraguai, decidiu retornar ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1869. Fruto de sua inteligência, de traços de personalidade, de busca permanente de manter-se atualizado com a evolução da doutrina militar em decorrência dos acontecimentos na Europa e Estados Unidos, ele foi aplicando e aperfeiçoando sua capacidade de comando e teve a oportunidade de exercer, na plenitude, seus notáveis atributos de liderança nos momentos mais críticos da história da jovem nação. Não por acaso, tornou-se verbete nos dicionários brasileiros de língua portuguesa como sinônimo de pessoa extremamente escrupulosa no cumprimento de suas missões.

Como bem salienta o grande sociólogo Gilberto Freire, ao refletir teoricamente sobre o conceito de caxiísmo, associado à consciência do dever, da responsabilidade e do valor do serviço:



Fonte: Pixabay
Gabrielle_TTI

Referências

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FORJAZ, Cláudio Ricardo Hehl. *Espada de Caxias*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2005.

FREYRE, Gilberto. Forças Armadas e outras forças. *A Defesa Nacional*, 52(605). Rio de Janeiro, 1966.



Fonte: eb.mil.br

Entrevista

Gen Villas Bôas

Maj R1 Edgley Pereira de Paula e Profa. Dra. Débora Duran*

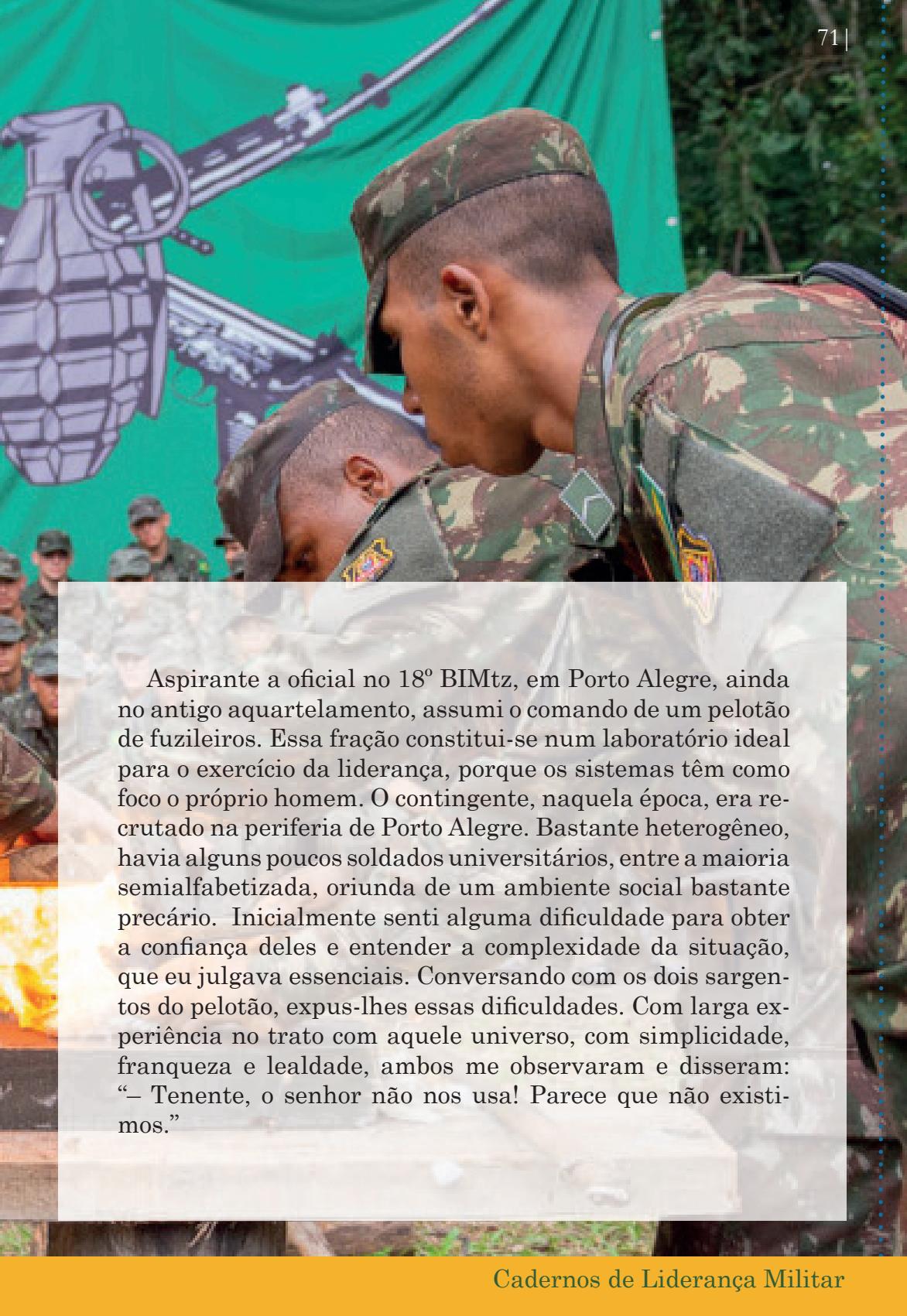
Ao concluir o curso de AMAN, qual era a visão do senhor sobre liderança militar, e qual foi o principal desafio que enfrentou, como comandante de pelotão, em relação aos primeiros liderados?

O aspecto essencial – o exemplo – me ficou marcado por um episódio ocorrido no primeiro ano da AMAN. Por ocasião da manobra escolar no final do ano, fui incorporado à infantaria, integrando um pelotão de fuzileiros, como esclarecedor de um grupo de combate. Mais tarde, vim a compreender que estava mergulhado no que poderíamos chamar de “o âmago da arma”, no qual são praticados os valores e princípios básicos para o “Espírito da Infantaria”. Num dos pavilhões do parque onde se desenvolve o ensino militar da arma, que eu frequentaria durante boa parte de minha vida, consta o dístico “Aqui reside o espírito imortal da Infantaria Brasileira.”

* General de exército R1, aspirante a oficial de infantaria da turma Arthur da Costa e Silva, de 1973. Serviu na AMAN por três períodos e, como coronel, comandou o 1º Batalhão de Infantaria de Selva. Como general, foi chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia (CMA), comandou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e o CMA. Serviu no Estado-Maior do Exército e foi ainda comandante do COTER e do Exército Brasileiro de 2015 a 2019.



A marcha durou um dia inteiro sob o sol e o calor típicos do mês de novembro, no vale do Paraíba. Ao final do dia, enquanto, numa linha de servir, era distribuído o jantar, desabou toda a chuva que havia sido represada durante aquele dia. Olhei em volta, buscando ver como os infantes veteranos estavam procedendo. Foi quando constatei que, inexoravelmente, teria que me sentar no chão encharcado e equilibrar a marmita com os alimentos flutuando na água da chuva. A partir dali, passamos a sentir frio, que se estendeu durante todo o pernoite, rotina que veio a se repetir dali para diante, durante a vida de infante. Enquanto comia, trocando o garfo pela colher, notei, sentado a meu lado, impassível, um instrutor do curso de infantaria. Tratava-se do Ten Portugal, que já nos deixou, de quem me tornei amigo e que me transmitiu inúmeros ensinamentos e experiências. Eu fiquei surpreso e encantado com aquele exemplo, que me marcou para sempre, e me levou para a infantaria quando da escolha da arma ao final do segundo ano.



Aspirante a oficial no 18º BIMtz, em Porto Alegre, ainda no antigo aquartelamento, assumi o comando de um pelotão de fuzileiros. Essa fração constitui-se num laboratório ideal para o exercício da liderança, porque os sistemas têm como foco o próprio homem. O contingente, naquela época, era recrutado na periferia de Porto Alegre. Bastante heterogêneo, havia alguns poucos soldados universitários, entre a maioria semialfabetizada, oriunda de um ambiente social bastante precário. Inicialmente senti alguma dificuldade para obter a confiança deles e entender a complexidade da situação, que eu julgava essenciais. Conversando com os dois sargentos do pelotão, expus-lhes essas dificuldades. Com larga experiência no trato com aquele universo, com simplicidade, franqueza e lealdade, ambos me observaram e disseram: “– Tenente, o senhor não nos usa! Parece que não existimos.”

“

Não sem alguma vergonha, admiti meu erro, e prosseguimos a conversa ao longo da qual eles, com entusiasmo, apresentaram algumas situações a título de exemplo, emendando com sugestões oportunas. Procurei incorporá-las e adotei como rotina conversas em que trocávamos ideias e eu colhia novas sugestões. Ao longo da carreira, adotei como hábito ouvir os subordinados, o que reforça neles a motivação e o efeito de sentirem-se corresponsáveis (donos) pelo pelotão. Traziam-me problemas dos soldados, contextualizando-os nos ambientes onde viviam.

”

Como o senhor diferencia a liderança militar de outras formas ou tipos de liderança (como, por exemplo, a liderança de um empresário ou de um professor, dentre outras)?

A liderança militar possui um aspecto fundamental que a distingue dos demais ambientes. Decorre da prerrogativa de, em certas circunstâncias, determinar ao subordinado o cumprimento de uma tarefa ou missão em que ele pode correr risco de acidentar-se ou de morrer. Daí resulta a necessidade de que se apoie em valores. O superior deve encarnar esses valores em qualquer circunstância na vida, civil ou militar. O subordinado não pode ter dúvidas sobre o que esperar de seu chefe.

Quais foram os líderes – militares ou civis – que lhe serviram de inspiração durante sua carreira militar?

Por quê?

Em minha carreira, assisti desfilar incontáveis modelos de liderança. Tive a prerrogativa de não estar sob nenhuma liderança negativa ou deletéria. Esses poucos casos foram tão evidentes que não houve dificuldade alguma para distingui-los. Tive três modelos que me inspiraram por toda a carreira.

O primeiro, meu pai, velho coronel de artilharia. Subcomandante da ECEME, tinha sob seu comando um coronel – Mario Domingues – que havia sido comandante do curso de infantaria da AMAN ao longo do meu terceiro e quarto anos. Sabedor de que ele havia contraído uma doença grave da qual viria a falecer em pouco tempo, fui visitá-lo. Eu era 1º tenente. Conversando com o coronel sobre vários aspectos, ele me disse: “– Seu pai é um grande oficial, porque é uma pessoa normal”. Custei a interpretar as palavras daquele chefe, que figurava em local de destaque na galeria dos meus modelos profissionais.



Fonte: eceme.eb.mil.br

O segundo foi o coronel João Manoel Simch Brochado, comandante do 18º BIMtz, minha primeira unidade, para onde fui com mais três aspirantes. “Brochadão”, como o chamávamos, era uma figura lendária. Foi muito importante para o prosseguimento da minha carreira.

Ele foi o mais exigente e inteligente oficial com quem servi, além de ser dotado de um arsenal incontável de outros atributos pessoais e profissionais. Todos os dias, às 17 horas, apresentávamo-nos em seu gabinete, onde recebíamos inesquecíveis ensinamentos sobre a vida militar, afora os frequentes puxões de orelha.

Esse foi nosso “estágio de aspirantes”. Logo que chegamos, ao nos apresentarmos, ele informou aos quatro que havia mandado preparar um alojamento, onde deveríamos residir até a promoção a 2º tenente, o que demoraria oito meses. Logicamente, não tivemos coragem de contestá-lo, até porque era fácil entender seu propósito: acelerar nosso processo de adaptação à vida na tropa e o desenvolvimento de nossas lideranças.



Fonte: <https://18bimtz.eb.mil.br/>

O terceiro foi o atualmente general veterano Alberto Mendes Cardoso. Como tenente, capitão, major e coronel, ele sempre se pautou por uma absoluta coerência e, até mesmo, coragem moral para quebrar alguns paradigmas. Foi meu comandante de companhia do 4º ano. Posteriormente, comandou o Curso de Infantaria, enquanto eu, como capitão, comandava uma companhia de cadetes. Mais tarde comandou o Corpo de Cadetes.

As concepções que implantou fugiam dos paradigmas até então vigentes. Com isso, ele gerou uma nova cultura de liderança no Exército. Com essas medidas, estava preparando os oficiais para as mudanças que iriam encontrar na sociedade. General Cardoso e eu, ao longo da vida, desenvolvemos uma relação muito estreita, quase entre pai e filho. De uma espiritualidade elevada, ele abordava qualquer questão sob um ângulo que normalmente nos escapa.

Atualmente, uma parcela considerável dos soldados que o Exército incorpora a cada ano frequenta algum curso universitário. Eles dominam o mundo da tecnologia da informação com mais naturalidade do que nós, mais velhos. Alterações profundas têm sido provocadas pela revolução tecnológica, com impacto nas comunicações e na inter-relação das instituições e das pessoas.



Essas mudanças também impactam as relações sociais. Em consequência, os mecanismos de justiça e disciplina, bem como as prerrogativas do comando, podem não ser suficientes se não forem acompanhados pelo exercício da liderança, exigindo dos chefes um constante aperfeiçoamento na área tecnológica.

Ao longo de sua trajetória profissional, em quais ocasiões o senhor percebeu que a sua liderança era mais efetiva? O que contribuía para isso?

Sempre que meu cargo exigia liderança direta, além do exemplo, procurava seguir o ensinamento de ser uma pessoa normal. Por onde passei, o primeiro item das minhas diretrizes era “– Trabalhar com alegria, e muito!”. Alguém pode perguntar: “– Por que não trabalhar muito, com alegria?” Porque todos nós temos outros compromissos. O primeiro diz respeito a nós próprios. Temos que ter tempo para lazer, para investir no autocrescimento, sempre há que se dedicar à parte espiritual, cuidar da cultura, cuidar dos relacionamentos. O segundo compromisso diz respeito à família, que muitas vezes virá em primeiro lugar.

Na sua visão, quais são os pilares para uma liderança militar bem-sucedida?

O aspecto básico da liderança sempre se direciona ao universo a ser liderado. Esse fundamento frequentemente é omitido em tratados sobre o assunto, um dos mais importantes da cultura militar. Em relação aos subordinados, pelo menos uma vez ao dia, devemos olhar para a pessoa que está dentro do uniforme. Quando ela chega ao quartel, vem imersa em suas circunstâncias, família, preocupações, sonhos, realizações e frustações. O líder deve interessar-se por elas. É uma maneira de quebrar a impessoalidade.

O que seria, a seu ver, uma liderança baseada em valores militares?

Novamente, passamos os valores pelo exemplo. Por meio dele, vamos além do campo teórico. Os conceitos são materializados. É necessário ter coerência e demonstrar lealdade aos subordinados.

“Liderar é influenciar pessoas. Entretanto, deve-se, antes, liderar a si mesmo para depois liderar os outros.” Com base em sua experiência profissional, o senhor concorda com essa assertiva? Por quê?

Cada um constrói um perfil próprio de liderança. Ao longo da vida, com a experiência, com exemplos que o líder for colhendo e com os conhecimentos acumulados, o estilo de liderança vai se aperfeiçoando e adaptando-se às novas circunstâncias. Esse processo será tão mais efetivo quanto maior for a preocupação com ele. A interação com companheiros, comandantes e subordinados será útil nesse sentido. Sem esquecer do senso de autocrítica.

Há ainda um cuidado a ser seguido: a autenticidade. Caso contrário, os subordinados, até intuitivamente, perderão a confiança no líder. Como o estilo de liderança está associado à personalidade de cada um, não se poderá jamais pretender impô-lo, o que não impedirá que orientações sejam transmitidas aos subordinados.

Na sua opinião, como o líder pode contribuir para a motivação dos seus liderados?

Cada subordinado deve ser empregado conforme a sua capacidade e características próprias. Tarefas acima das possibilidades poderão provocar insegurança, desânimo e até mesmo o complexo de perseguição. Cada subordinado deve sentir que faz diferença, por mais simples que sejam as atribuições que lhe cabem.



O desenvolvimento do espírito de iniciativa é básico para que isso aconteça. Uma iniciativa errada, se acarretar punição ou demérito, contaminará o potencial de novas iniciativas. Idêntico procedimento convém ser utilizado em relação a quem apresentar sugestões, com o intuito de proporcionar melhorias.

Numa instituição complexa como o Exército, no qual existe a necessidade permanente de liderar líderes, quais seriam os principais conselhos para aprimorar a dinâmica da liderança nos diversos escalões?

Um líder deve ser um desenvolvedor de lideranças. Num ambiente, várias lâmpadas terão mais eficácia do que uma única, mais potente, obtendo ainda inferior dispersão de energia. Exigirá, contudo, segurança do comandante para que não se sinta ofuscado. A liderança sofrerá sério degaste se o comandante se deixar dominar por ciúmes em suas atitudes. Em casos extremos, quando o comandante perder o respeito pelo subordinado, um dos dois deve sair, para evitar a subordinação direta.

No que diz respeito aos estabelecimentos de ensino do Exército, quais seriam os princípios fundamentais para orientar o exercício da liderança como referência para os discentes?

A minha experiência me fez constatar que, para o exercício da liderança política e estratégica, o fator principal repousa na cultura geral, associada à experiência de vida. A cultura não é passível de improvisações. Como todas as demais coisas importantes da vida, deve ser, portanto, construída aos poucos, com perseverança e constância. O mesmo se dá com os relacionamentos, a saúde, o patrimônio. Esses fatores não devem ser colocados em risco, porque se pode não dispor de tempo para recompô-los.



Fonte: eb.mil.br/

As escolas militares são o ambiente apropriado para transmitir orientações nesse sentido. É claro que, em cada estabelecimento de ensino, conforme o nível, outros atributos de liderança serão enfatizados. Nas que formam lideranças de pequenas frações, prepara-se o executante competente; nas de nível intermediário, busca-se a capacidade de assessoramento e o aprimoramento dos fundamentos de liderança; enquanto nas escolas de mais alto nível, vai-se ao encontro da consolidação da cultura profissional e uma visão holística, na construção das formulações.

O comandante militar deve ser chefe e líder, pois, além de comandar a tropa, precisa, também, influenciar homens e mulheres sob seu comando. Na visão de um eterno comandante do Exército Brasileiro, como pode ser aperfeiçoado o processo de desenvolvimento da capacidade de liderança dos comandantes, visando à excelência no cumprimento das missões e à preservação da imagem da instituição?

Os comandantes normalmente possuem uma história de vida construída com base na experiência, assim como uma base cultural sólida. É mister que ocupem todos os espaços nas respectivas esferas de responsabilidade. Devem integrar, com naturalidade, com todos os setores da sociedade. E, por fim, pronunciar-se publicamente sobre assuntos que lhes sejam afetos. A sociedade deve entender que aos militares cabe participar dos debates, em torno da defesa e segurança do país.

Na sua visão, qual é o legado de Caxias, como líder militar, para o Exército Brasileiro e para o Brasil?

Nesse sentido, no século XXI, diante das transformações socioculturais decorrentes do avanço tecnológico, qual seria uma palavra de ordem para enfrentar o desafio da liderança intergeracional nos ambientes militar e civil?

Caxias é patrono ideal para uma instituição edificada sobre princípios e valores. Pautou sua vida no estrito cumprimento de deveres legais e zelou para que não se permitisse um deslize, por parte das instituições sob as responsabilidades que lhe foram atribuídas.

Homem de vasta cultura, experiências acumuladas e de atitudes firmes, deixou um legado para o Exército em todos os níveis ao lançar-se sobre a ponte de Itororó, com 64 anos, com o arrojo de um tenente. Nesse episódio, magnificamente retratado por Dilermando Monteiro, testemunha pessoal, deixou claro que levava consigo a própria nação brasileira, bem como a honra do Exército, que comandou até aquele obstáculo, após submetê-lo ao sacrifício da Marcha do Chaco.



Dia do Soldado – Ordem do Dia

Passou pela nossa frente, animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapa-nuca, de pala levantada e preso ao queixo pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória.

Assim Dionísio Cerqueira, testemunha ocular, descreveu Caxias, então com 65 anos, na Batalha de Itororó.

Era o mesmo Caxias que, 23 anos antes, depois de vencer e pacificar os Farrapos, celebrando a paz em Ponche Verde, conclamou os brasileiros:

“Abracemo-nos e unamo-nos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da pátria que é a nossa mãe comum”.

Mostrava, assim, que somente a superação dos antigos e injustificáveis antagonismos abriria caminho para a construção do desejado futuro grandioso.

Era o grande soldado, com visão de estadista, mirando o futuro, a dizer-nos que o Brasil teria um único Exército, o Exército de todos os brasileiros, guardião da integridade, da estabilidade e da democracia, integrado por cidadãos, cumpridores das leis, regulamentos e normas. Exército que ensina nas suas escolas, desde muito cedo, a disciplina própria dos homens livres, que estimula a fraternidade, o entusiasmo e a criatividade.

Exército em que o manto do patriotismo acolhe a todos, igualando oportunidades, independente de raça, credo, naturalidade, alinhamento político, condição econômica ou nível social. Exército que recruta, educa, ensina, profissionaliza e incute valores, devolvendo à sociedade e às famílias cidadãos melhores, capacitados a construir um futuro promissor para si e para o País.

Exército que, apegado às tradições, zeloso da própria história e orgulhoso de seus antepassados, busca constante aperfeiçoamento. Exército que, inteligente, criativo e operoso, lança-se ousado para a Era do Conhecimento.



Retrato do Duque de Caxias
Joaquim da Rocha Fregoso, 1875
Acervo do Museu Imperial

Exército que objetiva transformar-se por meio de projetos amplamente apoiados na indústria nacional, na vanguarda da pesquisa e do desenvolvimento, geradores de empregos e de avançadas tecnologias, sobre os quais repousarão as capacidades operacionais do Exército do futuro. Dentre eles, merece destaque o SISFRON – Sistema Integrado de Vigilância de Fronteiras –, a ser compartilhado com as nações vizinhas, em seu duplo papel.

De um lado, atenderá à mais premente demanda das populações dos grandes centros urbanos, que clamam pela proteção contra o flagelo das drogas, das armas clandestinas e do contrabando. Por outro, potencializará benefícios sociais, trazendo novas soluções para a educação, a saúde, a vigilância sanitária, o controle ambiental e a defesa civil, além de informações sobre o clima.

Esse é, enfim, o Exército de Caxias, o “Braço Forte e Mão Amiga” em que os brasileiros de todos os rincões encontram proteção e segurança, razão pela qual o elevam, ao lado da Marinha de Tamandaré e da Força Aérea de Eduardo Gomes, à condição de Instituição com o mais elevado índice de confiabilidade do País.

Brasília, 25 de agosto de 2015.
General de exército Eduardo Dias da Costa Villas Bôas
Comandante do Exército



Caxias, um exemplo de liderança, uma vida dedicada ao Exército e ao Brasil

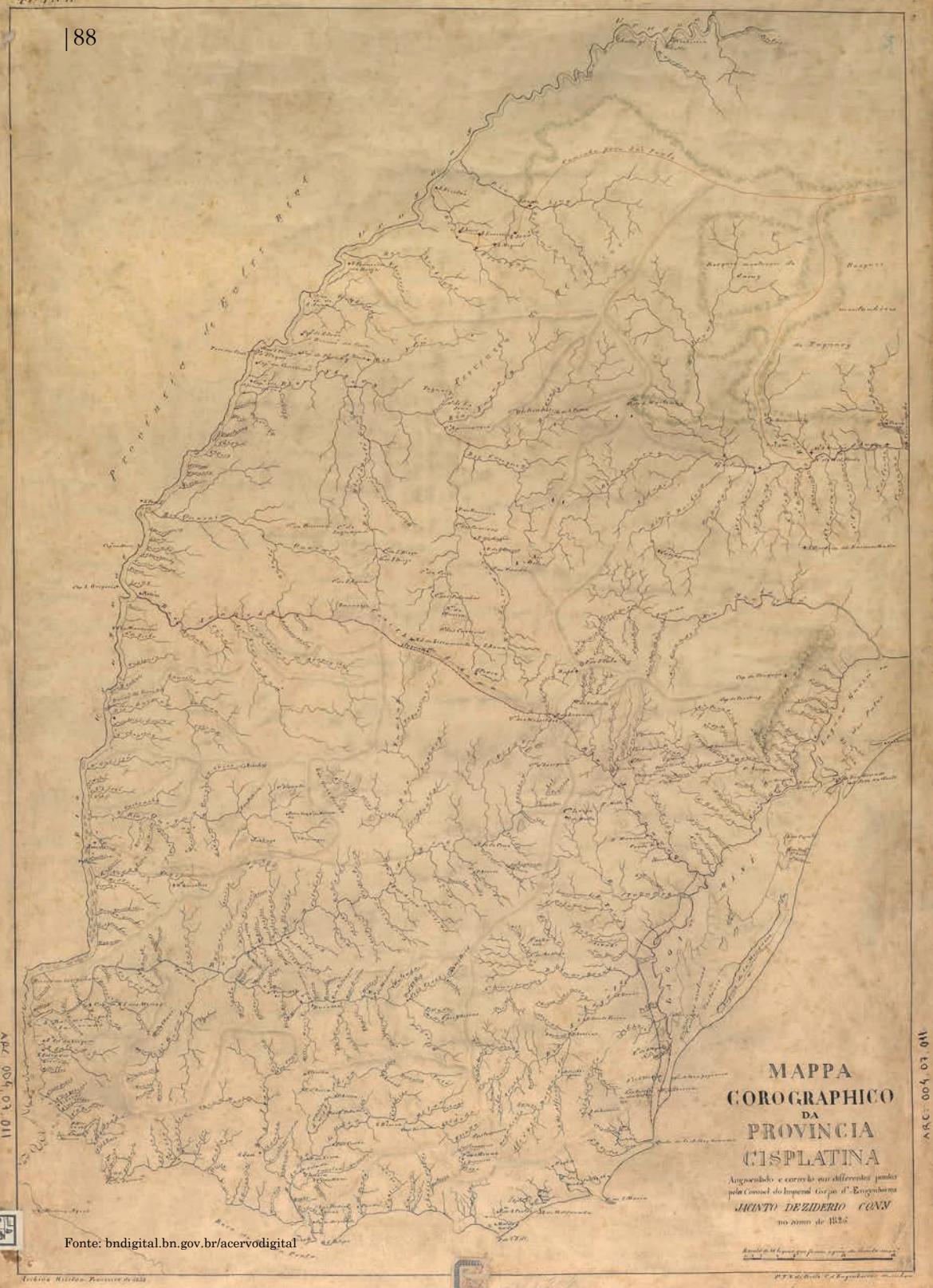
Gen Ex R1 Edson Leal Pujol *

“O título Caxias significava disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória.”
Padre Joaquim Pinto de Campos

Inúmeros autores, civis e militares, em incontáveis publicações, registraram a trajetória luminosa deste que foi um dos maiores brasileiros da nossa história, Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Os registros históricos e biográficos estão repletos de informações que atestam as suas excelsas virtudes de soldado e cidadão exemplares.

Por ocasião dos 220 anos do seu nascimento, este artigo não tem a pretensão de trazer à luz fatos desconhecidos. A intenção é de relembrar, mais uma vez, os atributos de seu caráter e de sua personalidade, que fizeram dele um líder que passou para a história e é reconhecido por militares e civis, brasileiros e estrangeiros. Qualidades e atributos que foram sobejamente evidenciados ao longo de uma existência totalmente dedicada ao serviço da pátria. Ainda que estejam à disposição para quem quiser pesquisar, estudar ou simplesmente conhecer os detalhes de sua vida, é necessário fazer um resumo. Assim, permitem-me destacar alguns dos principais fatos e eventos que marcaram a sua notável trajetória.

* General de exército R1, é aspirante a oficial da arma de cavalaria, da turma Tiradentes, de 1977. Possui os cursos operacionais de Paraquedismo, Guerra na Selva, Montanha, Caatinga, de Operações de Inteligência e Operações Aeromóveis, além do Curso Avançado de Blindados, nos EUA. Participou de operações de paz da ONU como observador militar e *force commander*. Foi instrutor na AMAN e na EsAO, além de ter atuado como adido militar no Suriname. Comandou a antiga EsAEx e o Colégio Militar de Salvador, a 1^a Brigada de Cavalaria Mecanizada e a AMAN. Foi chefe do Centro de Inteligência do Exército e secretário-executivo do GSI. Como general de exército, foi chefe da Secretaria de Economia e Finanças, comandante militar do Sul, chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia e comandante do Exército de janeiro de 2019 a abril de 2021.



Luiz Alves de Lima e Silva nasceu em 25 de agosto de 1803, na Província do Rio de Janeiro. Filho, neto, bisneto e sobrinho de militares, recebeu o título de cadete¹ em 1808, com 5 anos incompletos. Nesse mesmo ano, prestou juramento à bandeira de Portugal, no dia do seu 5º aniversário. Em maio de 1818, com menos de 15 anos, foi matriculado na Academia Real Militar e, em outubro, promovido a alferes² do 1º Batalhão de Fuzileiros. No início de 1821, foi promovido a tenente, a contar de novembro de 1820, e concluiu o curso na Academia Real Militar no mês de dezembro, assumindo efetivamente as suas funções no 2º Batalhão de Caçadores da Corte.³

Dois meses após o Brasil proclamar a sua independência de Portugal, o tenente Luiz Alves recebeu a primeira bandeira do Brasil independente das mãos do ministro da Guerra, em novembro de 1822. No ano seguinte, em 28 de março de 1823, 5 meses antes de completar 20 anos, recebeu o seu “batismo de fogo”, na Bahia, por ocasião das lutas pela Guerra da Independência.⁴ Por sua bravura em combate, foi elogiado e condecorado com a mais alta distinção militar da época.⁵

Ainda com 20 anos, foi promovido a capitão, no início de 1824 e, no ano seguinte, enviado a Montevidéu para combater na Guerra da Cisplatina.⁶ Ao término da guerra, em 1828, o Uruguai alcançou a sua independência.⁷ Em dezembro daquele mesmo ano, Luiz Alves foi promovido a major pelos relevantes serviços prestados naquela campanha.

Em 1837, ascendeu ao posto de tenente-coronel e recebeu o comando da Guarda Municipal Permanente da Corte.⁸ Dois anos depois, em 1839, foi promovido a coronel e nomeado presidente e comandante geral das Forças Militares da Província do Maranhão para combater e pacificar a Revolta da Balaiada. No ano seguinte, foi agraciado com o título de “veedor”.⁹

Após o término da Balaiaada, com a rendição dos revoltosos e pacificação do Maranhão, em 1841, Luiz Alves entregou as suas funções de presidente e comandante das armas da província e foi eleito, por unanimidade, deputado pelo Maranhão. De regresso ao Rio de Janeiro, recebeu o comando das armas da Corte e da província e foi “iniciado” na Maçonaria.¹⁰ Nesse mesmo ano, logo após a coroação de Dom Pedro II, em julho, foi promovido a brigadeiro e agraciado com o título de “Barão de Caxias”.¹¹

O ano de 1842 foi especialmente marcante na vida pública de Caxias: em março, tomou posse como deputado pelo Maranhão na Assembleia Legislativa do Brasil e foi designado para pacificar a Revolta Liberal da Província de São Paulo, sendo nomeado comandante em chefe das Forças Imperiais em operações naquela província. A revolta foi debelada e os revoltosos foram controlados, mas explodiu outra Revolta Liberal, agora na Província de Minas Gerais. Caxias voltou a ser nomeado comandante em chefe do Exército Pacificador de Minas Gerais. Ao voltar ao Rio de Janeiro, antes mesmo de partir para a nova missão, foi designado ajudante de campo de Sua Majestade, o Imperador.

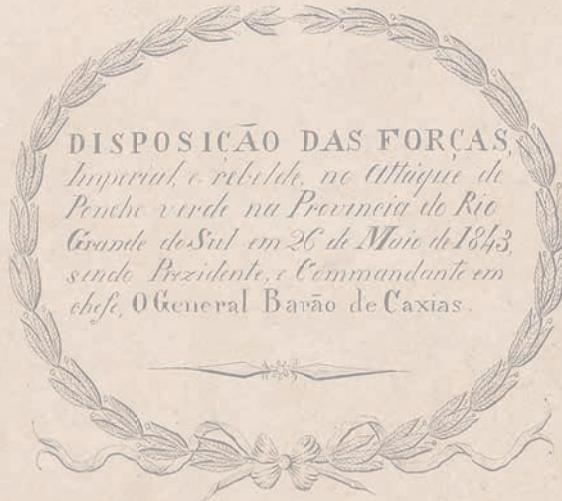
No final de julho, foi promovido a marechal de campo graduado,¹² aos 39 anos, e novamente eleito deputado pelo Maranhão. No mês seguinte, agosto, em plena campanha em Minas Gerais, recebeu nova nomeação: a de comandante em chefe do Exército Legalista contra os Farrapos, no Rio Grande do Sul, que estava numa guerra interna, iniciada havia 7 anos. Nesse mesmo mês, foi eleito deputado pela Província de São Paulo. Terminada a guerra civil, em Minas Gerais, no final de agosto, no mês seguinte, setembro, foi nomeado também presidente da Província do Rio Grande do Sul.

No ano em que chegou ao Rio Grande do Sul, 1843, foi eleito “provedor da Santa Casa de Misericórdia”,¹³ na capital da província. Dois anos depois, em março de 1845, no atual município de Dom Pedrito, foi proclamada a “Paz de Poncho Verde” entre os Farrapos e o Império.



Caxias declarou pacificada a Província do Rio Grande do Sul, encerrando a “Revolução Farroupilha”, a mais longa guerra interna do Império, após 10 anos de lutas sangrentas. No dia 25 do mesmo mês, foi promovido a marechal de campo efetivo,¹⁴ e recebeu o título de “conde”.¹⁵ Em setembro desse ano, Caxias foi indicado pelo povo sul-riograndense numa lista tríplice para o Senado do Império,¹⁶ pela província, sendo seu nome o escolhido pelo imperador. No mês de março de 1846, Caxias passou a presidência da Província do Rio Grande do Sul e recebeu o título de “grande benemérito” da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. O Conde de Caxias deixou o cargo não só com a província pacificada, mas com inúmeras obras e realizações na capital e no Rio Grande do Sul.

Caxias retornou à Corte coberto de sucessos e reconhecido depois de pacificar quatro províncias: Maranhão, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Iniciou as suas funções como senador e reassumiu o comando das armas da Corte. No início de 1847, assumiu o mais alto cargo da Maçonaria em um novo “Grande Oriente Independente”, que viria a se chamar de “Grande Oriente de Caxias”, no qual toma posse como “grão-mestre”.



2º Batalhão de Caçadores em quadrado com 300 homens.



8º e 9º Corpos de Cavalleria

Brigadairo Bento Manoel Ribeiro.

Tito Alves de Brito, 1843
Fonte: bndigital.bn.gov.br/acervodigital

Em 1851, tem início a campanha militar contra os ditadores Oribe e Rosas, na região do Prata. Caxias foi nomeado pela segunda vez presidente da província e comandante das armas no Rio Grande do Sul. No ano seguinte, 1852, o Grande Oriente de Caxias fundiu-se com o Grande Oriente do Brasil, e Caxias recebeu o título de “grão-mestre honorário” da ordem.¹⁷ Nesse ano, a vitória contra Oribe e Rosas foi alcançada e Caxias promovido a tenente-general.¹⁸ Em 1853, o imperador promove Caxias a marquês e, dois anos depois, em 1855, foi nomeado ministro da Guerra pela primeira vez. No ano seguinte, em 1856, Caxias assumiu, também pela primeira vez, a presidência do Conselho de Ministros e a chefia de governo, cargo que exerceu até maio de 1857, quando reassume a sua cadeira no Senado.

Em 1858, foi nomeado conselheiro do Estado e da Guerra. Três anos depois, em 1861, assumiu, pela segunda vez, como ministro e secretário de Estado dos Negócios da Guerra e a presidência do Conselho de Ministros. Caxias pediu exoneração desses cargos em 1862 e, em dezembro, foi promovido a marechal de exército graduado. Dois anos depois, em dezembro de 1864, teve início a Guerra da Tríplice Aliança, após a invasão paraguaia em São Borja e declaração de guerra ao Brasil. Na sequência, o Paraguai invadiu o Mato Grosso, o Uruguai e a Província de Corrientes, na Argentina.

No ano de 1866, após diversos convites recusados por divergências com a Pasta da Guerra, Caxias finalmente aceitou e foi nomeado, pelo imperador, comandante em chefe das Forças Brasileiras de Terra e Mar em Operações no Paraguai. Foi promovido a marechal de exército efetivo e nomeou Osório, o Marquês do Herval, comandante do recém-criado 3º Corpo, e o indicou para o comando das armas no Rio Grande do Sul. Durante o ano de 1867, Caxias assumiu, por duas vezes, de forma interina, o comando geral das Forças Aliadas contra Solano Lopez, em substituição ao general argentino Mitre. No ano seguinte, em 1868, assumiu de forma efetiva o comando das Forças Aliadas.



Pátio das Batalhas – Exército Brasileiro
Guerras Platinas Batalha de Humaitá



No ano seguinte, em 1869, Caxias entrou triunfante em Assunção e, alguns dias depois, deixou o comando do teatro de operações devido ao seu precário estado de saúde. Nesse ano, ainda, foi agraciado com o título de “duque”, tornando-se o primeiro brasileiro nato a receber tal honraria. Um ano depois, em 1870, foi nomeado “conselheiro extraordinário do Estado”. Em 1871, tornou-se “provedor da Irmandade de Santa Cruz dos Militares”, no Rio de Janeiro.

Alguns anos mais tarde, em 1875, assumiu, pela terceira e derradeira vez, as funções de ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros e organizou um novo gabinete, por ordem do imperador. Nesse período, Caxias exerceu um papel decisivo em mais uma pacificação, dessa vez na chamada “Questão Religiosa”. Deixou essas funções em 1878, quando pediu a exoneração dos cargos.

Sua devocão ao Exército e à pátria chegou ao fim no dia 7 de maio de 1880. Estava concluída a missão terrena do “Duque Invencível”, um dos mais ilustres brasileiros da nossa história. Caxias despediu-se desta vida, deixando como legado uma história totalmente dedicada à pátria e plena de admiráveis exemplos, para todas as gerações futuras.

Chefe enérgico, incisivo, disciplinador, mas acima de tudo justo. Intransigente com a indisciplina e a iniquidade. Exigente no cumprimento das leis, normas e regulamentos, não só cobrava de todos mas, sobretudo, de si mesmo. Nos campos de batalha, sua inteligência, visão estratégica, conhecimento da doutrina e da arte da guerra, audácia, iniciativa, coragem, desprendimento e bravura o tornaram um grande líder e condutor de homens. Como comandante, arrastava seus subordinados pelo exemplo, mesmo em face do maior perigo, dos cenários mais adversos e das situações mais desafiadoras. Apesar disso, nunca se despreocupou com a segurança, as necessidades, o conforto e o bem-estar dos seus comandados.

Sua trajetória invicta como chefe e estrategista militar caracterizou-se por não usar a violência desnecessária e a força desproporcional contra seus contendores. Vencedor generoso, não se valeu da vingança e da humilhação contra os derrotados nos campos de batalhas. Pelo contrário, foi magnânimo e humano no tratamento para com os vencidos. Pacificar os ânimos dos revoltosos e rebeldes foi seu maior triunfo nas lutas internas, sendo por isso reconhecido, com justiça, como o “Pacificador” e o grande responsável pela unidade nacional.

“

Cidadão integral, dividiu a sua atuação no Império, com impressionante equilíbrio, entre a atividade militar, a política e a administrativa. Em todos esses âmbitos, uma constante guiava seus esforços – o bem do Império. Outra modulava os seus passos – a disciplina. E outra ainda, dominava a sua vida – a dignidade.

(Paulo Matos Peixoto)

”

Caxias nasceu em uma prestigiada família de gerações de altos chefes militares e alcançou os mais altos postos da hierarquia militar. Obteve os mais elevados títulos de nobreza, exerceu os mais importantes cargos da vida política e administrativa do Império e gozava de toda a proximidade, o reconhecimento e respeito do imperador. O prestígio, as pompas e as honrarias, no entanto, não contaminaram o seu comportamento nem corromperam o seu espírito simples de soldado: sua vida caracterizou-se pela modéstia exemplar e por uma simplicidade de atitudes e de costumes. A única glória que realmente lhe importava era a da sua pátria.

A vida, deste que foi um dos nossos maiores soldados e homens públicos, é um legado de exemplos a serem seguidos. Que a sua irrepreensível trajetória de vida e os seus gloriosos feitos sirvam de inspiração para todos nós e para as futuras gerações.

Notas

¹ Título atribuído pelos portugueses aos filhos de famílias nobres e tradicionais que ingressavam como crianças no Exército. Essa tradição era adotada também no Brasil Colônia.

² Posto que hoje corresponde ao de 2º tenente.

³ Atualmente, é o 1º Batalhão de Infantaria Motorizado – Regimento Sampaio.

⁴ Caxias participa pela primeira vez de um combate num ataque em que o general português Madeira de Melo é derrotado.

⁵ Era a condecoração “Hábito do Cruzeiro”.

⁶ A Província Cisplatina era brasileira desde 1821. Os uruguaios (orientais) iniciaram a guerra pela sua independência contra o Império Brasileiro com apoio dos argentinos, que estabeleceram uma aliança chamada Províncias Unidas do Rio da Prata.

⁷ O Uruguai celebra como data oficial da sua Independência o dia 25 de agosto de 1825. Mas, de fato, foi um longo processo que resultou em muitas batalhas e tratados. O processo culminou com o reconhecimento formal por parte do Império Brasileiro e da Argentina somente em 28 de agosto de 1828, com a assinatura do Tratado de Montevidéu.

⁸ Hoje é a Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMRJ).

⁹ Ou “viador”, título honorífico tradicional no Reino de Portugal, normalmente concedido a pessoas de origem nobre.

¹⁰ Provavelmente na “Loja Maçônica São Pedro de Alcântara”, filiada ao “Conselho do Grande Oriente”.

¹¹ Ele mesmo teria escolhido o nome “Caxias”, denominação da segunda cidade mais importante do Maranhão, onde ocorreu a vitória decisiva das Forças Imperiais na Revolta da Balaiada.

¹² Marechal de campo corresponde hoje ao posto de general de divisão.

¹³ A Instituição de Saúde existe até os dias de hoje.

¹⁴ A passagem da situação de graduado para efetivo dava-se em decorrência da abertura de clero.

¹⁵ Recebeu direto o título de conde sem ter sido visconde.

¹⁶ Caxias é, até os dias de hoje, o senador do Brasil que exerceu por mais tempo o mandato, num total de 35 anos.

¹⁷ Caxias é considerado o 6º “Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil.”

¹⁸ Corresponde hoje ao posto de general de exército.



Referências

A INCONFIDÊNCIA, Jornal. Edição N° 267. *Duque de Caxias*. Belo Horizonte: Sempre Serviços Gráficos Ltda, 25 Ago 2019.

AXT, Gunter (Org.); LEITMAN, Spencer; PICCOLO, Helga Iracema L; PINTO, Genivaldo Gonçalves. *As Guerras dos Gaiúchos: História dos Conflitos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

CAMPOS, Joaquim Pinto de, Padre. *Vida do Grande Cidadão Brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.

CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1976.

GIORGIS, Luis Ernani Caminha. *O Duque de Caxias Dia a Dia*. Porto Alegre: Praça da Matriz e Evangraf Editoras/FAHIMTB (Resende), 2011.

PEIXOTO, Paulo Matos. *Caxias: Nume Tutelar da Nacionalidade*, Vol. I e II. Rio de Janeiro: Edico, 1973.

PILLAR, Olyntho. *Os Patronos das Forças Armadas*. Rio de Janeiro: BIBLIE, 1981.

ZARUR, Dahas. *6 Vidas Preciosas*. Rio de Janeiro: Binus Artes Gráficas Ltda, 1973.



Fonte: Ministério da Defesa
Foto: Hamilton Garcia

Defesa Nacional: tradição, inovação e liderança

Gen Ex R1 Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira*

Proteger a si mesmo, o seu grupo e o espaço físico onde vive sempre foram alguns dos objetivos básicos do ser humano. Presente na formação primária da sociedade, a defesa tem bases alicerçadas na tríade tradição-inovação-liderança.

A arte da defesa se vale do conhecimento provido por todas as áreas da ciência, tanto as humanas quanto as exatas. Afinal, é intrínseco ao ser humano usar toda a sua capacidade para garantir a sua existência. Logo, conhecer a fundamentação da defesa nacional deve ser objeto de engajamento permanente da sociedade.

Ao celebrarmos os 220 anos de nascimento do marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, um dos maiores heróis da pátria, somos inspirados pela lendária figura desse singular personagem histórico a refletir acerca da tradição e da inovação na defesa nacional brasileira e suas relações com a liderança.

* General de exército R1, oriundo da arma de infantaria, da turma de 1980, da AMAN. Além dos Cursos de Formação, de Aperfeiçoamento, de Altos Estudos Militares e de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército, realizou o Curso de Operações na Selva e os estágios de Combatente de Montanha, Operações Psicológicas e Comunicação Social. Foi instrutor na Academia Militar das Agulhas Negras, comandante do Curso de Infantaria, do 10º Batalhão de Infantaria de Montanha e adido de Defesa, Naval, do Exército e Aeronáutico, junto à Embaixada do Brasil no México. Como oficial-general, foi chefe do Estado-Maior do Comando Militar do Oeste; comandante da 16ª Brigada de Infantaria de Selva; chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia; comandante da 12ª Região Militar; comandante logístico do Hospital das Forças Armadas; comandante militar do Norte; chefe do Departamento-Geral do Pessoal; comandante do Exército Brasileiro (abril/2021 a março/2022); e ministro de Estado da Defesa (abril/2022 a dezembro/2022).



Fonte: eb.mil.br
Cb Estevam/CComSEx

“

Em uma de suas definições, a palavra tradição contempla o “conjunto de ideias e valores culturais, morais e espirituais transmitido de geração em geração”.¹ A tradição é gerada a partir das interações sociais que orbitam em torno das ideias e dos valores individuais, familiares, organizacionais, institucionais e pátrios que evoluem gradualmente, refletindo o que se entende como senso comum em determinada época. Assim, a tradição vai assumindo contornos diferentes ao longo dos séculos, todavia mantendo a centralidade dos princípios e dos valores perenes da sociedade.

”

Na atividade militar,² a tradição é fundamental, pois propicia a transmissão de tudo aquilo que forma a arte militar: o pensamento militar; a forma de combater, empregando armamentos, equipamentos e táticas; bem como os valores, ideais, comportamentos e atitudes peculiares da vida castrense. Fortemente presente nas Forças Armadas, a tradição transmite os valores pelas gerações de militares, motivando o soldado do presente a reproduzir os exemplos de dedicação, competência, resiliência e coragem de seus antecessores, além de, também, ser exemplo para as gerações vindouras. Podemos afirmar que a tradição é basilar para a formação do soldado.

Como em qualquer nação, a defesa do Brasil foi uma das primeiras atividades na então colônia de Portugal e a sua relação com a formação da nacionalidade brasileira é notória. A expansão e a consolidação do território brasileiro estão diretamente associadas a expedições com a presença do viés militar. Estabeleceram-se fortes e fortins no litoral e pelo sertão. Invasores foram combatidos e expulsos pelas armas. A independência foi garantida pela ação militar da Marinha e do Exército. A soberania do país foi defendida nos conflitos externos.

Decorreu da tradição pacífica do povo brasileiro, mas de muita bravura e determinação na defesa da terra, a postura do Brasil no cenário das nações se formou em torno do ideal de convívio ordeiro e de cooperação, sem abdicar da soberania.

Assim, a tradição, espelho do ideário social brasileiro, teve influência direta na concepção política de defesa nacional, calcada na dissuasão como intuito primeiro.³ A tradição transmite, também, os valores, os ideais e as peculiaridades da arte da defesa. É com esteio na tradição que as Forças Armadas do Brasil são forjadas, tendo como sua principal fortaleza a devoção dos nossos militares à defesa da pátria e ao povo brasileiro. O fruto dessa peculiar característica é a solidez da nossa doutrina de defesa.

Por sua importância, a tradição deve ser enaltecida, difundida e aperfeiçoada pela sociedade. A defesa deve ser constantemente valorizada em todos os níveis, do político ao tático, mediante a presença de valores e virtudes nas práticas sociais; a transmissão do conhecimento acumulado e aperfeiçoado em cinco séculos de história; e o culto aos heróis militares e civis, aos fatos históricos e aos símbolos que representam os ideais da pátria, especialmente a liberdade, a solidariedade, a fraternidade, a soberania e a democracia.

“

Outro viés da defesa é a inovação. A transformação da pedra e da madeira em armas e o desenvolvimento das formas de empregá-las no combate assinalam que a inovação é um dos fundamentos da defesa desde os primórdios da humanidade.

Desenvolver novas armas e táticas significa vantagem contra as ameaças. Desse modo, a inovação movimenta o progresso da defesa. A revolução industrial acelerou a inovação, introduzindo armamentos e equipamentos que transformaram a defesa, cuja eficiência passou a ficar associada às capacidades científico-tecnológicas do país, demandando capacitação ainda mais minuciosa dos militares.

”

Na segunda metade do século XX, o conhecimento aumentou exponencialmente, impactando a defesa em proporções nunca vistas. Produzir, inter-relacionar e gerir o conhecimento se tornou tão relevante quanto dispor de armas modernas.

No limiar do século XXI, a era do conhecimento foi impulsionada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, impondo maior velocidade ao ciclo decisório da defesa. Com o avanço da internet e o advento das mídias sociais, a notícia é divulgada quase em tempo real, fazendo com que a tomada de decisão tenha caráter de urgência.

Nesse turbilhão de transformações, a inovação é fundamental. Na defesa, essa inovação resulta em armamentos, equipamentos e sistemas cada vez mais capazes de atuar autonomamente. A inteligência artificial, a robótica e a cibernetica tornam-se imprescindíveis. Assim, o foco da defesa passa a ser a obtenção de capacidades nacionais de defesa⁴ ajustadas a essa realidade.

No Brasil, novas capacidades de ponta têm sido obtidas por intermédio, especialmente, dos programas e dos projetos estratégicos das Forças Armadas. Os programas Submarino Nuclear, Forças Blindadas e F-X2 (caças GRIPEN) são os principais, mas não os únicos, que agregam capacidades indispensáveis à defesa nacional e devem, por conseguinte, ter seus cronogramas executados à risca.

Para isso, a defesa necessita de recursos orçamentários e financeiros à altura da importância política e estratégica do Brasil. Em 2021, ocupando o cargo de comandante do Exército, e em 2022, na condição de ministro de Estado da Defesa, tive a oportunidade de enfatizar às Comissões de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, a necessidade de alcançarmos, progressivamente, um orçamento de defesa correspondente a 2% do PIB.⁵

Conhecedores das dificuldades de alocação de recursos orçamentários e de sua execução, temos em mente que inovar na gestão dos recursos de defesa se faz imperioso. Assim, uma inovação a ser pensada e discutida com a sociedade seria a criação de mecanismos na legislação que entreguem à defesa orçamento de longo prazo, com regras específicas de execução, controle e transparência.

De nada adiantam a tradição e a inovação, todavia, sem mentes que orientem e conduzam as pessoas a dar concretude à defesa nacional. A existência de lideranças é o que faz o grupo social, em especial aquele dedicado à defesa, aplicar, na realidade, os conhecimentos e os valores da tradição com as inovações doutrinárias e tecnológicas. A defesa torna-se efetiva por intermédio não somente de líderes militares na arte de combater no campo de batalha, mas também de líderes, militares e civis, capazes de antever, política e estrategicamente, a obtenção de capacidades e a organização, o preparo e o emprego dos meios da nação para a sua defesa.

No Brasil, o Duque de Caxias é um dos maiores exemplos de aplicação da tríade tradição-inovação-liderança. O insigne marechal pautava-se pela tradição e valia-se da inovação. Foi líder militar em todos os níveis – tático, operacional e estratégico – e, ainda, uma referência de liderança na política nacional. Tendo seu batismo de fogo na Guerra de Independência do Brasil (1822-1823), o marechal liderou, desde cedo, no campo de batalha. Foi como exímio comandante estratégico e hábil líder político, entretanto, que Caxias mais se notabilizou.



Sempre fortaleceu a tradição, que lhe servia de referência de virtudes e de repositório de conhecimento. Por outro lado, grande parte do seu mérito desempenho como líder militar se deveu à sua capacidade de aplicar a doutrina militar mais inovadora do século XIX. Caxias foi inovador na instrução e no preparo da tropa, na organização da logística, no emprego de novos armamentos e equipamentos e na execução de manobras estratégicas de envolvimento, fundamentais para a vitória na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

Como comandante das armas da Corte, presidente de província, senador do Império, ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros, Caxias também inovou na sua perspicaz visão política. Contrariando a prática comum na época, jamais usou de espoliação política dos vencidos. Foi conciliador e justo, promovendo a convivência pacífica que o brasileiro tanto preza.

Sempre fortaleceu a tradição, que lhe servia de referência de virtudes e de repositório de conhecimento. Por outro lado, grande parte do seu mérito desempenho como líder militar se deveu à sua capacidade de aplicar a doutrina militar mais inovadora do século XIX.



“

Caxias foi inovador na instrução e no preparo da tropa, na organização da logística, no emprego de novos armamentos e equipamentos e na execução de manobras estratégicas de envolvimento, fundamentais para a vitória na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870).

Como comandante das armas da Corte, presidente de província, senador do Império, ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros, Caxias também inovou na sua perspicaz visão política. Contrariando a prática comum na época, jamais usou de espoliação política dos vencidos.

Foi conciliador e justo, promovendo a convivência pacífica que o brasileiro tanto prezava.

”

De Caxias à atualidade, as transformações tecnológicas e comportamentais das sociedades vieram gradativamente acelerando, com impactos na liderança. Por exemplo, no século XX, a invenção de armas mais precisas e mortíferas exigiu mais do líder tático no comando de sua tropa. De modo semelhante, ao líder político foi muito mais desafiadora a decisão de autorizar o emprego, como jamais visto, da massa de meios humanos e materiais no desembarque na Normandia, na Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, fazer o Brasil, um país essencialmente agrícola e subdesenvolvido à época, enviar a Força Expedicionária Brasileira, com cerca de 25 mil militares, para lutar na Europa contra um inimigo experiente e ao lado das tropas dos melhores exércitos do mundo foi um enorme desafio para as nossas lideranças, civis e militares, superado com pleno êxito.

Hoje, grandes mudanças sociais e tecnológicas são mensuradas em poucos anos e não mais em décadas. Lidar com as novidades do mundo digital exige dos líderes a capacidade de antever e compreender a matriz de possibilidades que delas decorrem. Isso implica a necessidade de se conhecer, com mais rigor, as variáveis que influenciam a área de defesa. No campo imaterial, valores e ideais são fragilizados por novas formas de ver o mundo e a vida em coletividade. O senso coletivo é contestado. Narrativas conflitam com a tradição e a ordem até então dominante. A sociedade fragmenta-se em grupos isolados ao redor de suas ideias, que rejeitam as dos demais grupos.

Nesse ambiente, a liderança na sociedade revela-se cada vez mais difícil. Assume proeminência a liderança transformacional, ou seja, aquela que transforma a postura do indivíduo e dos grupos de indivíduos no sentido de adotarem, voluntariamente, atitudes alinhadas com um núcleo forte de valores da sociedade, calcados na tradição, mas abertos à boa, inevitável e necessária inovação.

É preciso que o líder possua habilidades que convençam seus liderados a acreditar e a fazer o que é o certo. Para isso, deve desenvolver neles a capacidade de serem críticos e de saberem filtrar o bombardeio de deturpações e inverdades que permeiam o mundo dos dias atuais.

Nesse ponto, cabe resgatar que os conceitos de liderança transformacional estão presentes nas Forças Armadas brasileiras desde há muito. Uma mostra é a célebre concitação feita pelo marechal Osório aos seus comandados, no Passo da Pátria, em 1866, durante a Guerra da Tríplice Aliança: “Soldados, é fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está ali em frente!”.

Embásado na minha experiência de militar, com mais de 48 anos servindo ao Brasil, e honrado por ter sido comandante do glorioso Exército Brasileiro – o Exército de Caxias – e ministro de Estado da Defesa, finalizo esta breve reflexão com a convicção de que a tríade tradição-inovação-liderança constitui a linha mestra da defesa de nosso amado Brasil e deve, portanto, ser mantida sólida pela sociedade e, em especial, pelos civis e militares que atuam na defesa nacional.

Notas

¹ Definição extraída do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis*.

² O viés militar é a essência da defesa, mas não é o único, pois essa congrega atividades de todos os campos do poder nacional.

³ “A paz e a estabilidade nas relações internacionais requerem ações integradas e coordenadas nas esferas do Desenvolvimento, para a redução das deficiências estruturais das nações; da Diplomacia, para a conjugação dos interesses conflitantes de países; e da Defesa, para a dissuasão ou o enfrentamento de ações hostis” (Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa, p. 21, versão aprovada pelo Senado Federal, em 2022, e atualmente sob apreciação da Câmara dos Deputados).

⁴ “São consideradas Capacidades Nacionais de Defesa (CND) aquelas compostas por diferentes parcelas das expressões do Poder Nacional. Elas são implementadas por intermédio da participação coordenada e sinérgica de órgãos governamentais e, quando pertinente, de entes privados orientados para a defesa e para a segurança em seu sentido mais amplo. Assim, destacam-se dentre as CND: Proteção, Pronta-Resposta, Dissuasão, Coordenação e Controle, Gestão da Informação, Logística, Mobilidade Estratégica, Mobilização e Desenvolvimento Tecnológico de Defesa” (Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa, 2022, p. 35).

⁵ A Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa têm como uma das Ações Estratégicas de Defesa: “AED 14 – Buscar a destinação de recursos orçamentários e financeiros capazes de atender às necessidades de articulação e equipamento para as Forças Armadas, por meio da Lei Orçamentária Anual, no patamar de 2% do PIB” (Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa, p. 63, versão aprovada pelo Senado Federal, em 2022, e atualmente sob apreciação da Câmara dos Deputados).





Fonte: eb.mil.br
Cb Estevam/CComSEx



Batalha do Ayacucho
Pedro Américo
Museu Nacional de Belas Artes

O comandante e os valores militares

Gen Ex R1 Marco Antônio Freire Gomes*

Feliz iniciativa do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) em escolher esse tema e relacioná-lo, de forma muito oportuna e pertinente, aos 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva (1803/1880), o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Ao compor o quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, o Departamento ratifica a importância da **Liderança Militar**, que, acertadamente e de longa data, consta dos diversos currículos de nossas escolas de formação, aperfeiçoamento e altos estudos.

Trata-se de atributo imprescindível a ser buscado, identificado e avaliado nos comandantes de todos os escalões e que tem, na história militar, uma fonte inesgotável de valores militares materializados em exemplos que foram decisivos para o sucesso nos campos de batalha. No dia a dia de nossas organizações militares, o exercício da *liderança* viabiliza a obtenção de resultados eficazes e incrementa o desempenho da gestão, sempre em proveito das metas e objetivos traçados nos diversos níveis de comando. Assim, com muita honra e satisfação, agradeço a oportunidade de poder contribuir, com este breve artigo, para a preservação de nossos mais caros valores e para o aprimoramento profissional de novos líderes militares.

* General de exército oriundo da arma de cavalaria, da turma de 1980. Além dos cursos brasileiros da carreira militar, realizou o Intercâmbio de Forças Especiais (7º SF Group – EUA), os cursos de Gerenciamento de Crises e de Contraterrorismo e Coordenação Interagências (UDN – EUA), além do curso de Senior Mission Leader (ONU – Egito). Foi instrutor da AMAN (SIEsp), observador militar na Nicarágua, comandante do 1º Batalhão de Ações de Comandos – Batalhão Capitão Francisco Padilha, 1º subchefe do COTER, comandante da Brigada de Operações Especiais e do Comando de Operações Especiais, comandante da 10ª Região Militar – Região Martim Soares Moreno, secretário-executivo do Gabinete de Segurança Institucional e comandante militar do Nordeste. Foi comandante do Exército entre março e dezembro de 2022.



Revista Militar Brasileira, Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1953.

Inicialmente, permitam-me uma breve referência, para reflexão de todos, em especial dos mais jovens, sobre o que consta das palavras introdutórias de um de nossos manuais de campanha que tratam de princípios de chefia: “A guerra, por mais complexa que se torne, será sempre conduzida por homens; vencem-na, juntos, o homem que comanda e os homens que são comandados. Todo militar deve ser um chefe ou estar preparado para tal mister.”

A literatura é vasta, porém apresenta esse conceito de forma sempre similar:

“

Consiste em processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em cada situação.

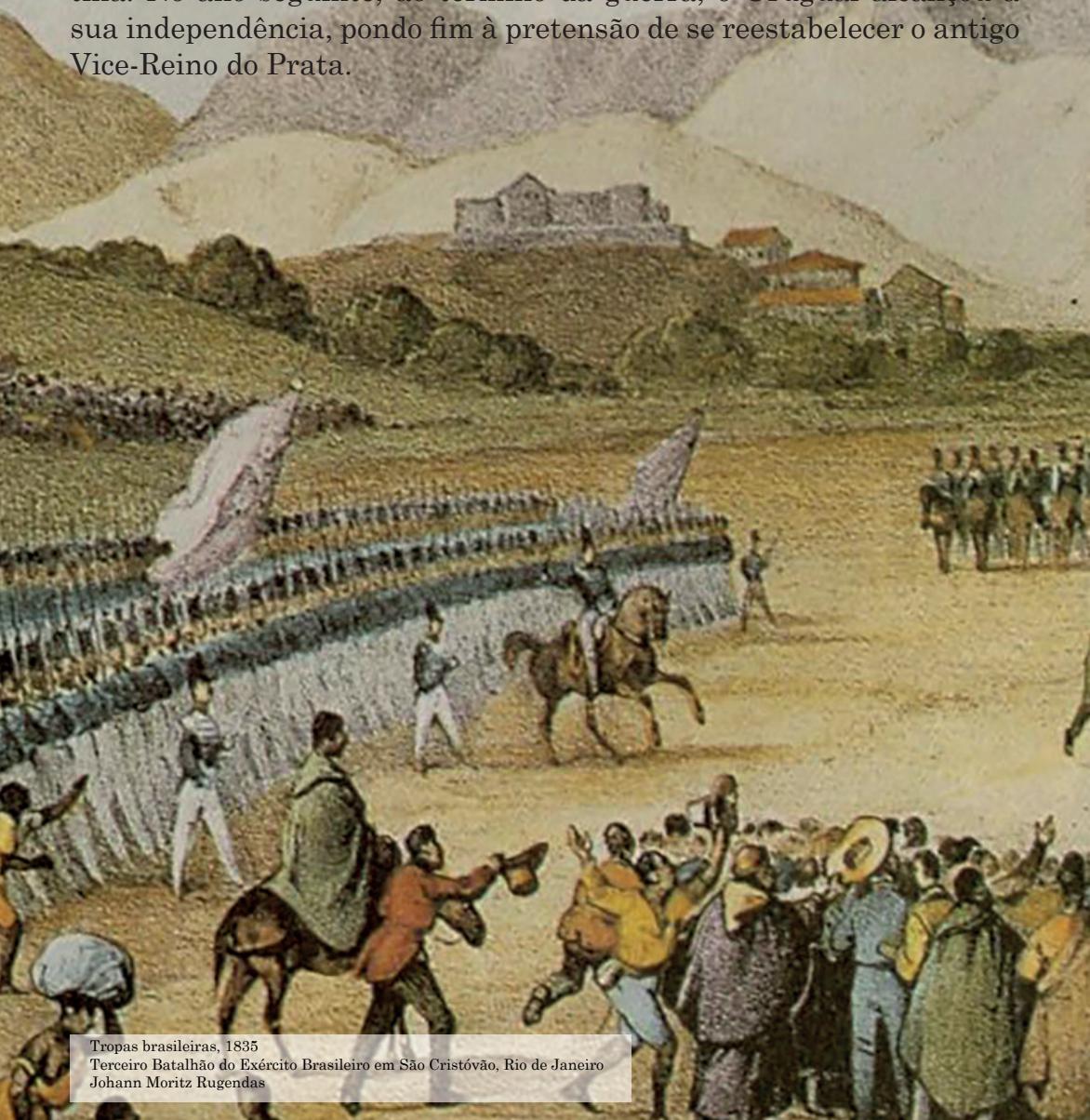
(BRASIL, 2011)

”

Assim sendo, no escopo do assunto proposto, torna-se necessário ir ao passado, a fim de rememorar e difundir às gerações atuais e futuras uma síntese de fatos e exemplos marcantes protagonizados pelo inigualável e admirável “Pacificador”, cuja trajetória confunde-se com boa parcela de nossa própria história nacional.

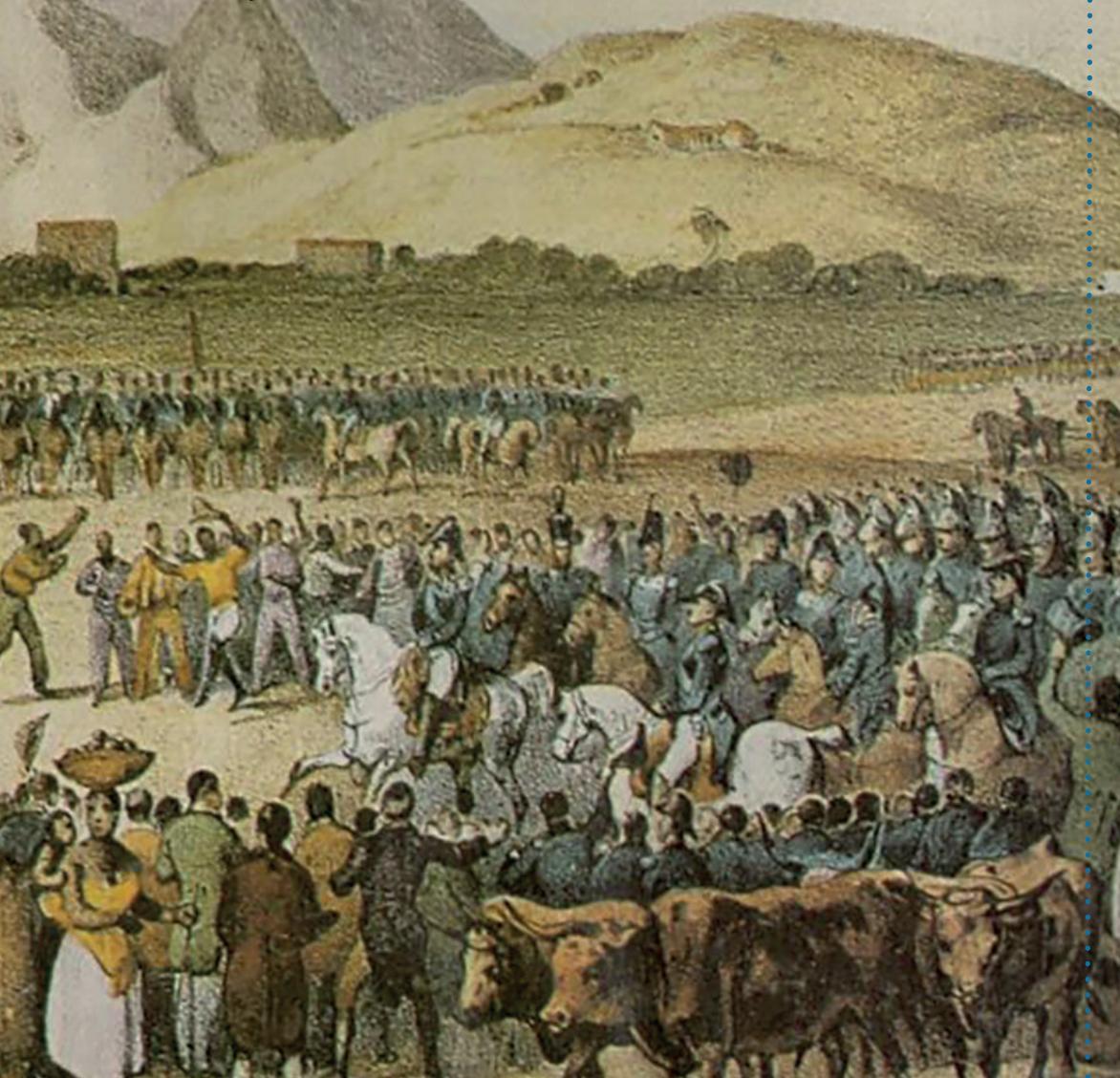
Nos seus 76 anos de vida, Caxias caracterizou-se como militar, político e monarquista exemplar. A vocação para a carreira das armas ficou patenteada ao ingressar, em 1818 e aos 15 anos, na Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, onde teve início sua coletânea de atributos, notadamente a liderança, que foram, sucessivamente, sendo observados e reconhecidos.

Em janeiro de 1823, como integrante do Batalhão do Imperador, atual 1º Batalhão de Guardas (Rio de Janeiro/RJ), esteve na Bahia para combater tropas portuguesas, leais à Coroa, que não aceitaram a Independência do Brasil. Foi destemido e valoroso nos três ataques aos portugueses e liderou uma incursão a uma casamata inimiga. Ainda com 20 anos, foi promovido a capitão, no início de 1824. Em 1827, fez parte das forças imperiais brasileiras na Guerra da Cisplatina. No ano seguinte, ao término da guerra, o Uruguai alcançou a sua independência, pondo fim à pretensão de se reestabelecer o antigo Vice-Reino do Prata.



Tropas brasileiras, 1835
Terceiro Batalhão do Exército Brasileiro em São Cristóvão, Rio de Janeiro
Johann Moritz Rugendas

Já como major, em 1831, presenciou forte oposição ao imperador D. Pedro I com tropas do Exército no Campo de Santana/RJ e a adesão de seu pai e tio, também militares, ao movimento. De acordo com Francisco Doratioto (2002), o imperador teria perguntado ao militar de que lado estaria e recebido como resposta que, entre o amor por seu pai e seu dever com a Coroa, ficaria com a segunda opção. Segundo pesquisadores, o monarca, apesar de ter demonstrado satisfação pela manifestação de lealdade, na tentativa de evitar derramamento de sangue, pediu a Luiz Alves que se juntasse com os rebeldes no Campo de Santana, juntamente com o batalhão.



Muito tempo depois, como senador, Caxias proferiu as seguintes palavras no Senado do Império:

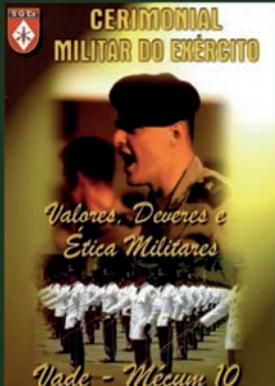
Eu marchei junto com o Batalhão do Imperador para o Campo de Santana por devoção a ordens competentes. Eu não era revolucionário. Eu estimava a abdicação. Julguei que ela seria vantajosa para o Brasil, mas eu não concordo direta ou indiretamente com ela. (CARVALHO, 1976, p. 46)

Durante o Período Regencial em que seu pai foi um dos regentes, teve início a longa e respeitosa amizade entre D. Pedro II e o major Luiz Alves, que, na minoridade do príncipe regente, foi seu mestre de armas e instrutor de esgrima e hipismo. Sua destacada e reconhecida capacidade operacional e de liderança, já agora com viés de Pacificador e de Unidade Nacional, foram vitoriosas na Balaiada, no Maranhão (1838-1841), nas Revoltas Liberais em São Paulo e Minas Gerais (1842) e na Revolução Farroupilha (1835-1845). Sem dúvida, a revolta no sul do Império foi uma de suas mais difíceis missões, mesmo porque alguns familiares apoiaram a revolta, que durou 10 anos. Foi promovido a tenente-coronel em 1837, a coronel em 1839 e, fruto do excelente desempenho no Maranhão, D. Pedro II o promoveu a general-brigadeiro, em 1841, e concedeu-lhe o título de Barão de Caxias. Em 1846, foi então eleito senador após 23 anos envolvido em operações militares e crises internas.

Aproveitando essa pausa temporária de militar para político, sugiro ao leitor e aos comandantes em todos os escalões, uma reflexão sobre as contribuições do patrono do Exército à liderança, valores, deveres e ética militares vigentes no Exército Brasileiro. Uma linha de ação é comparar os testemunhos e fatos narrados, até o momento, com o conteúdo do *Vade-Mécum Nr 10*, disponibilizado pela Secretaria-Geral do Exército.

Faço essa referência por considerar que a observância e o culto ao preconizado na referida publicação devam ser pré-requisitos para todo soldado do nosso Exército. Seu valioso e detalhado conteúdo deve ser objeto de ampla instrução nas organizações militares, especialmente como leitura e fonte de consulta permanente pelos quadros.

Cabe ressaltar a importância dada ao assunto por diversos estudos, os quais apontam que, dentre os principais valores da liderança militar, destacam-se: o conhecimento, o planejamento, o exemplo, a coragem, a inteligência, a dedicação, a integridade, a lealdade, a decisão, a imparcialidade e a iniciativa. Certamente podemos identificar, ao conhecermos os feitos de Caxias, todas essas características, que sempre acompanharam o estadista e o soldado.

VALORES MILITARES	
Patriotismo	Civismo
Fé na missão do Exército	Amor à profissão
Espírito de corpo	Aprimoramento técnico-profissional
DEVERES MILITARES	
Dedicação e fidelidade à Pátria	Culto aos Símbolos Nacionais
Probidade e lealdade	Disciplina e respeito à hierarquia
Rigoroso cumprimento dos deveres e ordens	Trato do subordinado com dignidade
ÉTICA MILITAR	
Sentimento do Dever	Honra Pessoal
Pudor Militar	Decoro da Classe

Pela Pátria, em 1851, Caxias retornou às operações militares, desta vez na Guerra do Prata. Como comandante-geral das Forças Terrestres do Brasil, liderou uma aliança, formada pelo Brasil, Uruguai e as províncias rebeldes de Corrientes e Entre Rios, contra o ditador argentino Juan Manuel de Rosas. Caxias perseguia a vitória e, em 3 de fevereiro de 1852, derrotou Rosas na Batalha de Monte Caseros, na Argentina. Mais uma vez, D. Pedro II reconheceu o seu valor em combate e o promoveu a tenente-general, concedendo-lhe o título de marquês pela inabalável lealdade à Coroa.

Caxias foi presidente do Maranhão (1840/1841); presidente de São Pedro do Rio Grande do Sul (1842/1846); senador do Império pelo Rio Grande do Sul (1846); ministro da Guerra do Brasil (1855/1857); presidente do Conselho de Ministros (1856/1857); e promovido a marechal de exército, a mais alta patente existente, à época, em 2 de dezembro de 1862.

Além das operações reais de combate na Bahia, Guerra da Cisplatina, Balaiada, Revoltas Liberais de São Paulo e Minas Gerais, Revolução Farroupilha, Guerra do Prata, merece ser abordada, como epílogo deste artigo, a Guerra da Tríplice Aliança. Em dezembro de 1864, Francisco Solano López, ditador paraguaio, com seu projeto de potência regional, determinou a invasão da Província de Mato Grosso e, em seguida, suas tropas ocuparam Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Com a presença do imperador e Caxias na área de operações, em meados de 1865, os paraguaios, após cercados, foram derrotados e deixaram a cidade. Assim, teve início a Guerra da Tríplice Aliança e, em abril de 1866, o Paraguai foi invadido por tropas brasileiras, argentinas e uruguaias.

Aos 63 anos, idade já considerada avançada à época, Luiz Alves foi nomeado, em outubro de 1866, comandante das Forças Brasileiras. Ao tomar ciência da nomeação, exclamou à esposa que havia aceitado o cargo porque “*o conflito era um mal que havia alcançado mais ou menos todos, do imperador ao escravo mais desafortunado*” (SALLES, 2003, p. 86).

Ao ser nomeado, no período de outubro de 1866 a julho de 1867, o Marquês de Caxias interrompeu as operações em curso. Durante esses meses, dedicou-se à instrução dos soldados e capacitação de oficiais, além do reequipamento das tropas com armas novas. Adicionalmente, preocupou-se com a eliminação das epidemias e, para tanto, investiu na melhoria das unidades médicas e da higiene da tropa.

Retornou ao combate e, de imediato, cercou e ultrapassou a fortaleza de Humaitá e venceu, uma após outra, no período conhecido como “Dezembrada”, as Batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Essas manobras destruíram o Exército Paraguaio e abriram as vias de acesso até Assunção, onde, aos 65 anos, chegou vitorioso em 1º de janeiro de 1869. Não se pode deixar de recordar o decisivo combate na ponte sobre o rio Itororó, na qual a forte resistência paraguaia repeliu cinco ataques da Aliança. Caxias, ao pressentir a derrota, interveio, pessoalmente, e, à frente das tropas, bradou a célebre frase: Sigam-me os que forem brasileiros!”

Venceu!

Registra a história que, ao seu lado, jaziam vários militares e o seu próprio cavalo. Nesse conflito, de abril de 1866 a janeiro de 1869, foram perpetuados e são cultuados até hoje – e assim serão – os mais belos exemplos de liderança, ação de comando, valores, deveres e ética militar da história do Exército Brasileiro. Impossível abordar, apenas nessas laudas, a grandeza de todos cuja bravura, abnegação e amor ao Brasil, detalhadas, com riqueza e realismo, no livro *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira, editado pela BIBLIEx, que recomendo para a leitura, particularmente pelos comandantes em todos os níveis.

Cabe destacar, por oportuno, as inúmeras e louváveis ações que, ao longo do tempo, inclusa esta iniciativa do DECEEx, buscam eternizar os feitos de nossos heróis, tais como a criação do Dia do Soldado, em 1923, o título de patrono do Exército, em 1962, bem como a designação, com muita pertinência, dos patronos das armas, quadros e serviços.

Curioso lembrar que boa parcela de nossos patronos e heróis tiveram o privilégio de compartilhar com Caxias muitos dos momentos históricos que os imortalizaram. Com digna trajetória, como soldado e cidadão, e “missão” de uma vida inteira muito bem cumprida, faleceu em 7 de maio de 1880, em Valença/RJ. Descansa em paz, junto com a esposa, no *Pantheon* de Caxias, em frente ao Comando Militar do Leste (CML) e ao lado do eterno e histórico Campo de Santana.

O “Duque” tem sido – e assim será – objeto de culto, fonte de referência e aprofundado estudo, por parte de oficiais e praças, particularmente comandantes, no que se refere ao atributo liderança e aos valores militares, dentre tantos outros evidenciados por Caxias em proveito do Brasil. Em sua obra *A Arte de Ser Chefe*, Gaston Courtois preconiza:

Reconhece-se o verdadeiro chefe por este sinal: sua simples presença é, para os homens que ele dirige, um estímulo para se superarem a serviço da causa comum. Substitua-se ‘presença’ por ‘lembraça’ e teremos o grande chefe. (COURTOIS, 1984, p. 19)

Tomo a liberdade de substituir o termo “grande chefe” por líder militar e, nesse sentido, Caxias, nosso maior patrono, personifica o exato significado e a grandeza de um verdadeiro chefe militar. Sua existência foi marcada por sacrifícios e glórias que devemos reverenciar. Seu exemplo de dedicado e incansável compromisso em servir à pátria e ao seu Exército tem sido o farol e o elo que balizam e unem gerações de militares, que, no dia a dia das casernas, cumprem, de forma anônima e desinteressada, seu papel institucional, sempre no intuito de defender a nação. É um orgulho imenso fazer parte do “Invicto Exército de Caxias”.

Parabéns ao DECEEx, que, na iminência de comemorarmos os 220 anos do nascimento de um de nossos maiores heróis, presta esta adequada e justa homenagem ao incluir a memória e a história de Caxias no quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar*.

“Caxias Vive!”

Referências

BRASIL. Exército. Estado-Maior. C 20-10: *Liderança Militar*. 2. ed. Brasília, DF, 2011.

CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

COURTOIS, Gaston. *A arte de ser chefe*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

DORATIOTTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: memórias & imagens*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003.

Ordem do
Dia do Exército 2022



Ordem do
Dia do Soldado 2022



200 anos
de Independência





Angelo Agostini, conforme desenho do coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes
Fonte: A Vida Fluminense, 1868.
memoria.bn.br

O legado de Caxias para a logística militar

Gen Ex R1 Júlio Cesar de Arruda *

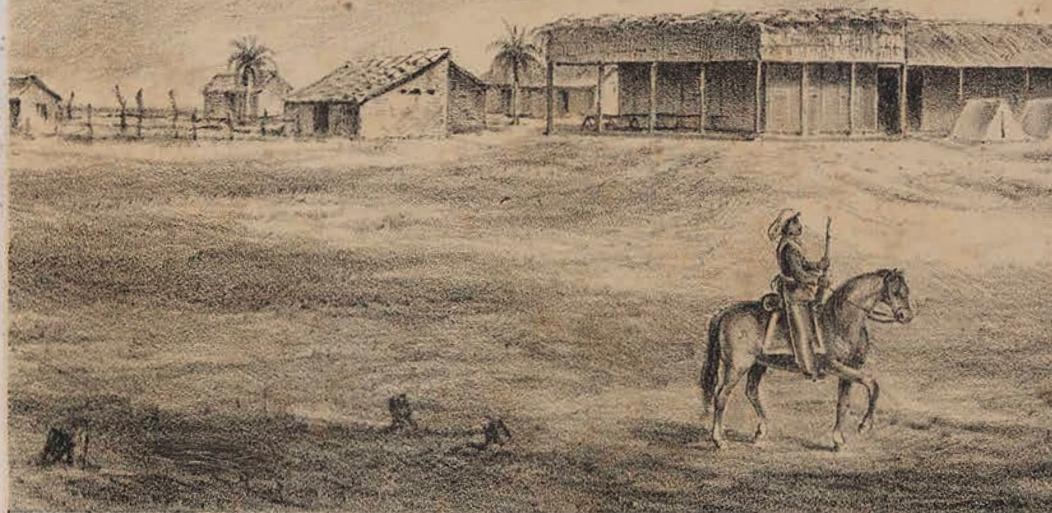
O Duque de Caxias é o maior e melhor modelo de liderança militar que temos no Exército Brasileiro. As gerações de militares devem estudar e aprender com a sua atuação em inúmeras campanhas militares, em especial, a sua participação na Guerra da Tríplice Aliança. Visão estratégica, capacidade operacional, tino administrativo e logístico, bem como a sua liderança singular foram determinantes para inovar a forma de se combater e vencer todas as batalhas em que ele atuou e, com isso, garantir a nossa integridade e soberania, pacificando conflitos internos e externos.

A importância do seu legado foi institucionalmente reconhecida a partir de 1931. À época, o então comandante da Escola Militar do Realengo, coronel José Pessoa, escolheu Caxias como modelo de militar a ser seguido pelos cadetes e introduziu o espadim (réplica da espada de campanha), no uniforme histórico, como o próprio símbolo da honra militar. Anos mais tarde, em 1962, o Exército Brasileiro acertadamente o escolheu como patrono e líder máximo.

* General de exército, aspirante a oficial de engenharia da turma Benjamin Constant, de 1981. Como Ten Cel, foi assessor da Cooperação Militar Brasileira no Paraguai. Comandou o 1º BFEsp, a EsAEx/CMS, a AMAN, o COpEsp, foi diretor de Educação Superior Militar, Vice-chefe do DEC, SubCmt de Operações Terrestres, comandou o CML, chefiou o DEC e foi comandante do Exército de 30 de dezembro de 2022 a 21 de janeiro de 2023.

Eu tive a felicidade de servir na Cooperação Militar Brasileira no Paraguai, nos anos de 2002 e 2003. Nesse período, a calorosa acolhida pelas Forças Armadas e pelo povo paraguaio comprovou não haver rancor ou mágoa dessa nação coirmã para com o povo brasileiro devido às consequências da Guerra da Tríplice Aliança. Dediquei-me, então, ao estudo aprofundado dessa que foi a maior guerra já travada no continente sul-americano.

Visitei todos os locais onde ocorreram as batalhas, desde o forte de Itapiru, no Passo da Pátria, passando por Tuiuti, Humaitá, Itororó, Campo Grande até o Cerro Corá, onde Solano López tombou em combate.



Lit. Pelvain

Pude constatar, *in loco*, as inúmeras dificuldades dos terrenos alagadiços, dos vários cursos de água não vadeáveis, das poucas vias de acesso favoráveis e das intempéries do clima que as tropas enfrentaram durante toda a campanha em solo paraguaio.

Na liderança militar, o líder exerce influência sobre seus liderados por meio do estabelecimento de vínculos afetivos, de modo a favorecer o cumprimento da missão. Na Campanha da Tríplice Aliança, os líderes conquistavam ou reafirmavam as suas lideranças por meio de atos de bravura e de coragem física, lutando as batalhas contra os bravos combatentes paraguaios. Os comandantes corriam os mesmos perigos que os seus comandados e, no campo de batalha, davam mostras da sua índole e do seu valor.



William Potosí 38



Sébastien Auguste Sisson

Francisco de Lima e Silva: Barão de Barra Grande e pai do Duque de Caxias

Caxias descende de excelsos militares – seus pais, avós e tios –, e isso moldou o seu caráter e a sua educação. Nele podemos identificar um conjunto de virtudes morais e cívicas que lhe fez ser reconhecido como um dos melhores modelos de cidadão e soldado. Sua atuação militar começou aos 15 anos de idade, quando se matriculou na Academia Real Militar; aos 20 anos, teve seu batismo de fogo, como ajudante do Batalhão do Imperador, na consolidação da nossa Independência na Bahia; e depois disso participou, ininterruptamente, das Campanhas da Cisplatina, da pacificação dos conflitos internos no Maranhão, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e, por fim, na guerra contra o Paraguai. Possui, ainda, destacada carreira política no Império brasileiro, do qual foi presidente do Conselho de Ministros, ministro da Guerra e senador.

Uma das mais notáveis características de Caxias é o seu zelo pela dignidade humana. Ela foi expressa no respeito e afeição com que tratava os seus subordinados, bem como os seus adversários, sobre os quais nunca tripudiou, mesmo quando vencidos. Sempre foi magnanimo e propunha a anistia aos derrotados, já que nunca usou a pena de morte ou a degola para punir os seus inimigos.

Um fato que me chamou a atenção durante a minha missão no Paraguai foi o respeito que os paraguaios demonstravam pelo duque. A nossa Aditânci a e a Cooperação Militar entregavam condecorações aos militares e autoridades paraguaias, que recebiam e usavam com o maior orgulho a nossa Medalha do Pacificador, provando sua admiração e respeito pelo nosso patrono e pacificador. Isso, para mim, prova que Caxias foi um grande líder mundial, pois é respeitado por todos, até pelos que foram, em determinada época, seus adversários.



Ao volvermos nosso olhar ao passado, percebemos que a derrota das tropas aliadas na Batalha de Curupaiti, em setembro de 1866, foi um ponto de inflexão daquela campanha militar. Esse fato colocou em xeque o planejamento e a condução da guerra pelos aliados. Em outubro de 1866, ao ser designado comandante das Forças Brasileiras e, em seguida, de todo o Comando Aliado, Caxias recebeu as tropas em situação de calamidade, com casos de indisciplina, mal fardada e malnutrida, consumindo água não potável, cavalaria a pé, dentre outros problemas logísticos.



Antes de Caxias assumir o comando das tropas em campanha, a logística caracterizava-se por certa improvisação, vivia-se muito do que se encontrava na área de operações, do que se encontrava no terreno e do que era capturado do inimigo. Após a derrota em Curupaiti, ficou evidente que a vitória só viria com um esforço conjunto, racional e sincronizado. Foi então necessária uma ampla mobilização de toda a nação brasileira para prever e prover novos recursos humanos, materiais e financeiros para vencer um conflito característico da *guerra total*.



y en Curupayti.

“

Caxias tomou medidas que reorganizaram o exército como um corpo coeso, o que tornou evidentes suas marcas de disciplinador e de administrador exigente. Soube liderar cuidando principalmente da saúde e do bem-estar dos seus subordinados; investiu no adestramento dos novos contingentes; proveu melhores e mais adequados equipamentos e armamentos; profissionalizou mais as suas tropas; inovou usando balões para mapear o terreno e identificar as posições inimigas; melhorou a manutenção dos equipamentos; estabeleceu um sistema de comunicações eficiente, que favoreceu o apoio logístico; melhorou as condições sanitárias; priorizou o fornecimento de água potável; construiu estradas em terrenos desfavoráveis para obter a surpresa e facilitar o deslocamento do suporte logístico; e elevou o moral e o estado disciplinar. Adicionalmente, merece ainda destaque a importância dada à diversão e à assistência religiosa para a tropa.

”

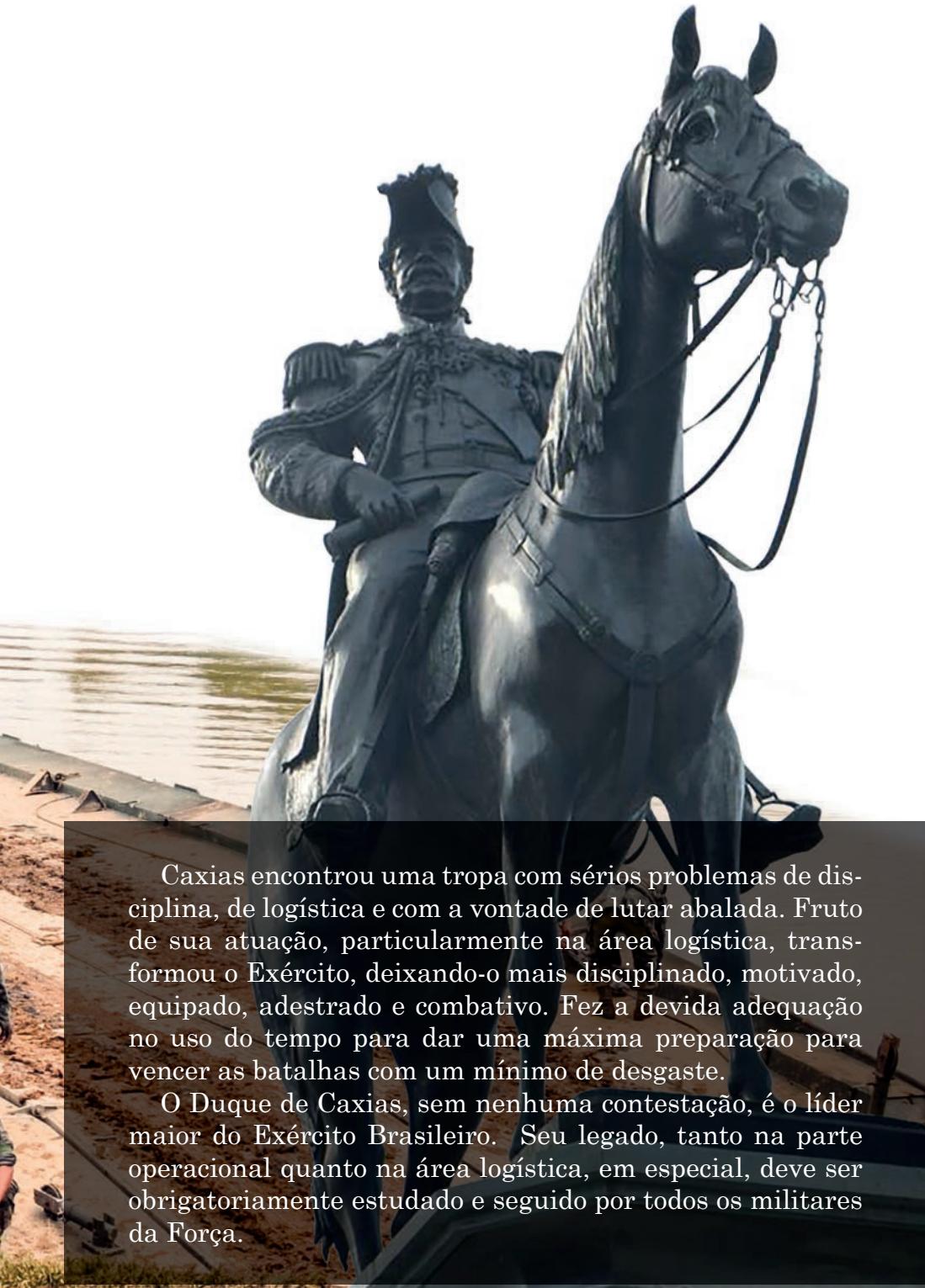
As tropas das três nações diferentes que participaram do conflito revelavam, à época, falhas na organização e dificuldades no deslocamento de grandes efetivos. Devido a essa situação, houve epidemias, fome, inadequação de uniformes e calçados, falta de cavalos e de forragem, dentre outros itens logísticos. Tais motivos explicam alguns insucessos nas batalhas e a consequente lentidão na marcha de progressão das tropas aliadas no teatro de operações. A chegada de Caxias, no entanto, trouxe inovações, já que novas táticas, estratégias e manobras logísticas foram implementadas de forma sincronizada. Ele rompeu paradigmas da época e suas ideias originais foram determinantes para vencer a morosidade e a imobilidade das tropas aliadas e as impulsionarem para as vitórias.

Com invulgar entusiasmo, Caxias reorganizou a tropa em novas brigadas e batalhões, e os recompôs com novos efetivos e armamentos. Treinou, mesmo sob fogo inimigo, civis recém-chegados e ex-escravos, pois acreditava que o investimento no treinamento sistemático surtia muitos efeitos. Disciplinou a tropa, estabelecendo novo regulamento disciplinar. Comprou grande leva de cavalos e animais de tração, bem como forragem para os animais. Ele também se preocupou com os serviços médicos e melhorou as condições sanitárias nos acampamentos. Cuidou da hospitalização, disponibilizou ambulâncias para socorrer os feridos, forneceu fardamento apropriado ao clima, melhorou a alimentação e a qualidade da água a ser consumida. Suas ações contribuíram para reduzir a mortandade e as baixas hospitalares decorrentes das doenças, em especial do cólera.

Além disso, indo a minúcias, adotou medidas para organizar a presença de comerciantes nos acampamentos. Eles ficaram responsáveis por defender suas propriedades em caso de ataques inimigos, sendo incorporados à estratégia e à tática militar que estava sendo implementada. Caxias levou 14 meses para reorganizar as tropas e, a partir daí, marchou como um corpo organizado rumo a Assunção.

O então comandante dos exércitos aliados conquistou autoridade moral, obteve admiração e respeito, exercendo uma efetiva e total liderança sobre seus liderados. Liderou sempre pelo exemplo e suas decisões eram seguidas por todos. Fez com que seus subordinados ganhassem mais coragem, mais resistência às agruras das batalhas e aumentou em muito o poder de combate de suas tropas.





Caxias encontrou uma tropa com sérios problemas de disciplina, de logística e com a vontade de lutar abalada. Fruto de sua atuação, particularmente na área logística, transformou o Exército, deixando-o mais disciplinado, motivado, equipado, adestrado e combativo. Fez a devida adequação no uso do tempo para dar uma máxima preparação para vencer as batalhas com um mínimo de desgaste.

O Duque de Caxias, sem nenhuma contestação, é o líder maior do Exército Brasileiro. Seu legado, tanto na parte operacional quanto na área logística, em especial, deve ser obrigatoriamente estudado e seguido por todos os militares da Força.



Caxias e o Exército Brasileiro: passado, presente e futuro

Gen Ex Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva*

Caxias

Caxias, até o ano de 1840, designava simplesmente uma cidade no interior da província do Maranhão. A partir de 1841, a localidade emprestou seu nome para homenagear, com um título de nobreza, o coronel Luiz Alves de Lima e Silva, que, nela, consolidou a vitória na campanha de pacificação, pondo fim ao movimento da Balaiada. Hoje, em virtude das marcantes realizações desse insigne militar, a expressão ganhou novos significados, referindo-se a um grande ícone de nossa história e, também, qualificando as pessoas que são extremamente escrupulosas no cumprimento de suas obrigações.

O título, de fato, passou a identificar o maior de todos os nossos soldados, o patrono do Exército Brasileiro. Seus exemplos de liderança foram evidenciados nas inúmeras campanhas militares das quais participou e nos diversos cargos que exerceu. O Duque de Caxias, por conseguinte, ajudou a consolidar no novo mundo uma grande nação independente e, o mais importante, à frente do Exército, conservou-a unida e íntegra.

O presente caderno oferece a oportunidade de revisitar os feitos e as atitudes do nosso patrono. Este artigo pretende rememorar algumas das qualidades do líder que impulsionou o Exército de ontem, orienta o Exército de hoje e inspira o Exército do amanhã.

* General de exército oriundo da arma de infantaria, da turma de 1981. Além dos Cursos de Formação, Aperfeiçoamento e Comando e Estado-Maior, possui a formação de Básico Paraquedista, Mestre de Salto, Básico e Avançado de Salto Livre e Precursor Paraquedista. Com larga experiência na área educacional, foi instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), comandante do Corpo de Cadetes, comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCE), comandante da AMAN e chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército. Na área operacional, destacam-se a participação como subcomandante do Batalhão de Infantaria da Força de Paz do 7º CONTBRAS no HAITI e o comando da Força de Pacificação da Operação Arcanjo VI, no Complexo da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro. Dentre as diversas comissões, destacam-se os trabalhos desenvolvidos como ajudante de ordens do presidente da República, assessor militar do Brasil no Exército do Equador, comandante do Batalhão da Guarda Presidencial (BGP), da 11ª Brigada de Infantaria Leve (11ª Bda Inf L), chefe do Gabinete do Comandante do Exército, comandante da 5ª Divisão de Exército (5ª DE) e do Comando Militar do Sudeste. Atualmente, é o comandante do Exército Brasileiro.

No passado, moldou o Exército e a conduta do soldado

As operações militares das quais Caxias tomou parte começam com a Guerra da Independência; percorrem a Campanha da Cisplatina, as ações pacificadoras dos movimentos separatistas da Regência e a contestação ao caudilhismo revolucionário sul-americano; e culminam com a Campanha da Tríplice Aliança, o maior e mais longo conflito do nosso subcontinente. Ao longo de sua vida profissional, demonstrou invulgar tino militar e forte percepção de estadista. Com isso, contribuiu decisivamente para estruturar o Exército e disciplinar a conduta de seus integrantes, legando-nos os principais traços que identificam a instituição.

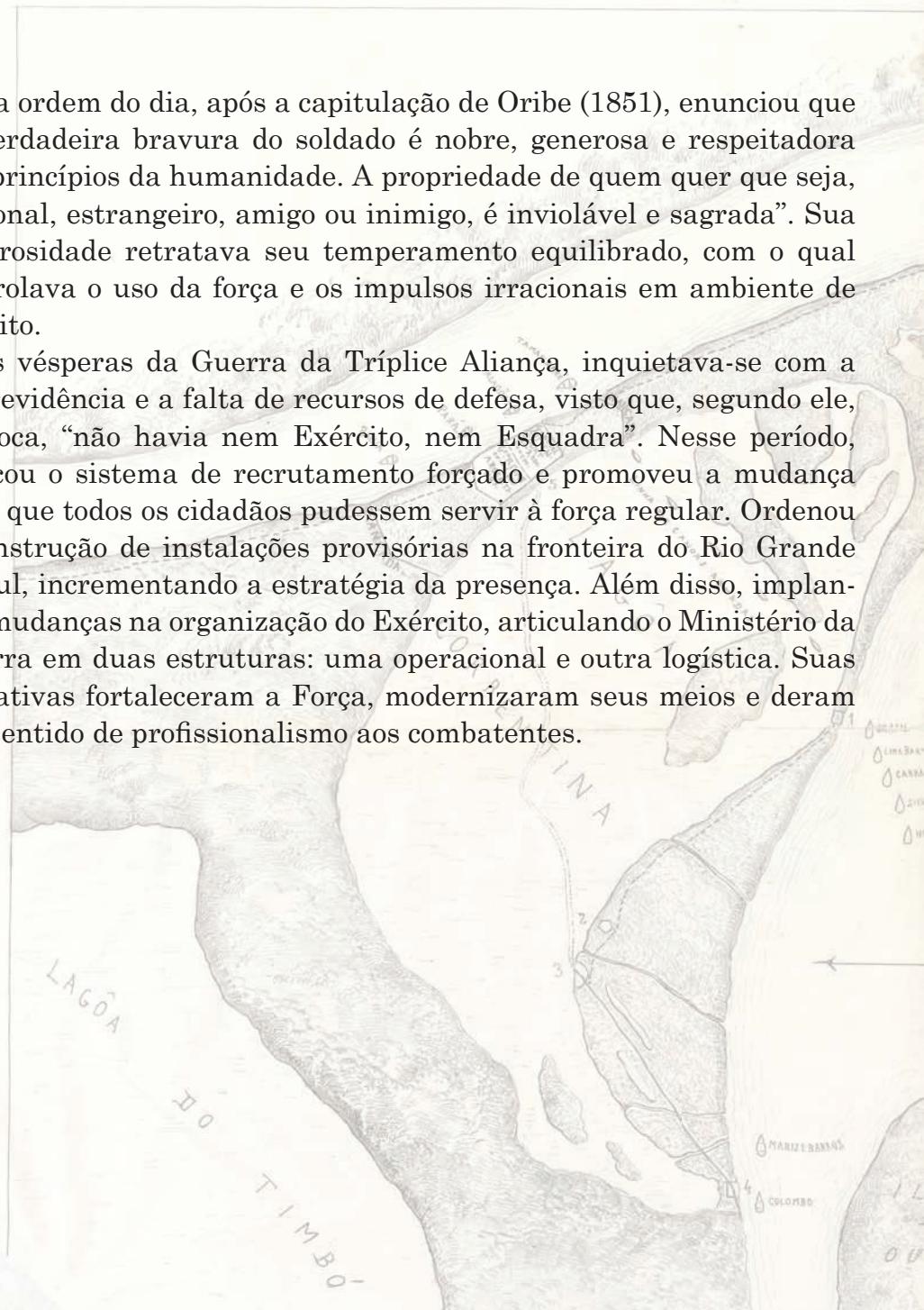
O então coronel Luiz Alves de Lima e Silva, após pacificar os revoltosos maranhenses, em seu discurso de despedida, revelou os princípios que orientaram o comando dele naquela campanha: manter rigorosa disciplina das tropas; fiscalizar e economizar as despesas de guerra; cumprir e fazer cumprir as leis do Estado; não se envolver em questões de partidos; bem como distinguir os homens pelos seus merecimentos e qualidades, com imparcialidade. Essas recomendações são, ainda, pilares de nossa Força.

Dotado de singular senso de autoridade, mesclava a firmeza ao disciplinar com a bondade ao julgar. Tratou, invariavelmente, com muito respeito, pares e superiores; e com extrema dignidade os subordinados, corrigindo inqualificáveis abusos na repressão disciplinar e dando máxima atenção aos doentes.

A generosidade com os vencidos caracterizou sua atuação durante as campanhas de pacificação. Após a vitória na Revolução Farroupilha (1844), asseverou que não se vangloriava com a desgraça dos seus concidadãos. Caxias, na verdade, sempre respeitou os rebeldes, pois, segundo ele, colocavam em risco a vida por um ideal, muito embora os considerasse “irmãos iludidos”. Com esse mesmo senso de humanidade, procedia com o inimigo externo.

Na ordem do dia, após a capitulação de Oribe (1851), enunciou que “a verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios da humanidade. A propriedade de quem quer que seja, nacional, estrangeiro, amigo ou inimigo, é inviolável e sagrada”. Sua generosidade retratava seu temperamento equilibrado, com o qual controlava o uso da força e os impulsos irracionais em ambiente de conflito.

Às vésperas da Guerra da Tríplice Aliança, inquietava-se com a imprevidência e a falta de recursos de defesa, visto que, segundo ele, à época, “não havia nem Exército, nem Esquadra”. Nesse período, criticou o sistema de recrutamento forçado e promoveu a mudança para que todos os cidadãos pudessem servir à força regular. Ordenou a construção de instalações provisórias na fronteira do Rio Grande do Sul, incrementando a estratégia da presença. Além disso, implantou mudanças na organização do Exército, articulando o Ministério da Guerra em duas estruturas: uma operacional e outra logística. Suas iniciativas fortaleceram a Força, modernizaram seus meios e deram um sentido de profissionalismo aos combatentes.



I M Guimarães
Plano do sítio de Humaitá pelo Chaco
Fonte: <http://objdigital.bn.br>

PLANO DO SITIO DE HUMAITÁ

Após a invasão do Mato Grosso, em dezembro de 1864, rascunhou, ainda em janeiro de 1865, o plano de operações que se tornou a base da manobra dos exércitos aliados no Paraguai. Em 1867, quando assumiu o cargo de comandante em chefe das forças brasileiras, com argumentos sólidos sobre doutrina e estratégia, contribuiu para que o general Mitre, comandante dos aliados, aperfeiçoasse os planos e evitasse uma manobra desastrosa contra a fortaleza de Humaitá. Ademais, restabeleceu a capacidade de aprovisionamento das forças aliadas, devolvendo a crença na vitória e permitindo a retomada da ofensiva. Caxias era muito respeitado e admirado por sua visão política, estratégica e administrativa.

Acima de tudo, Caxias demonstrou, a todo o momento, grande fé na sua missão. Aos 64 anos, quando chegou ao Paraguai, precisou refazer, disciplinar e adestrar o exército, antes de lançá-lo ao fogo. Encarrou 26 meses de campanha em pleno Chaco paraguaio, superando o surto de cólera, que levava cerca de 40 dos seus combatentes todos os dias (1º semestre de 1867), venceu a guerra de posição (Tuiuti a Humaitá, de novembro de 1866 a julho de 1868) e a guerra de movimento (Humaitá a Assunção, de julho de 1868 a janeiro de 1869).



493-855
AA
1976

— Estrada de ferro — 700 braças.
Picada.

△ Guarda paraguaya.

Caminho feito por uma estacada para navegação de canoas.
N. 1. — Reducto argentino com 220 praças.
N. 2. — " " " 90 " "
N. 3. — Porto Bernardino com 80 brasileiros.
N. 4. — Reducto argentino com 160 praças.
N. 5. — Porto Tiburcio.

Escala em braças.





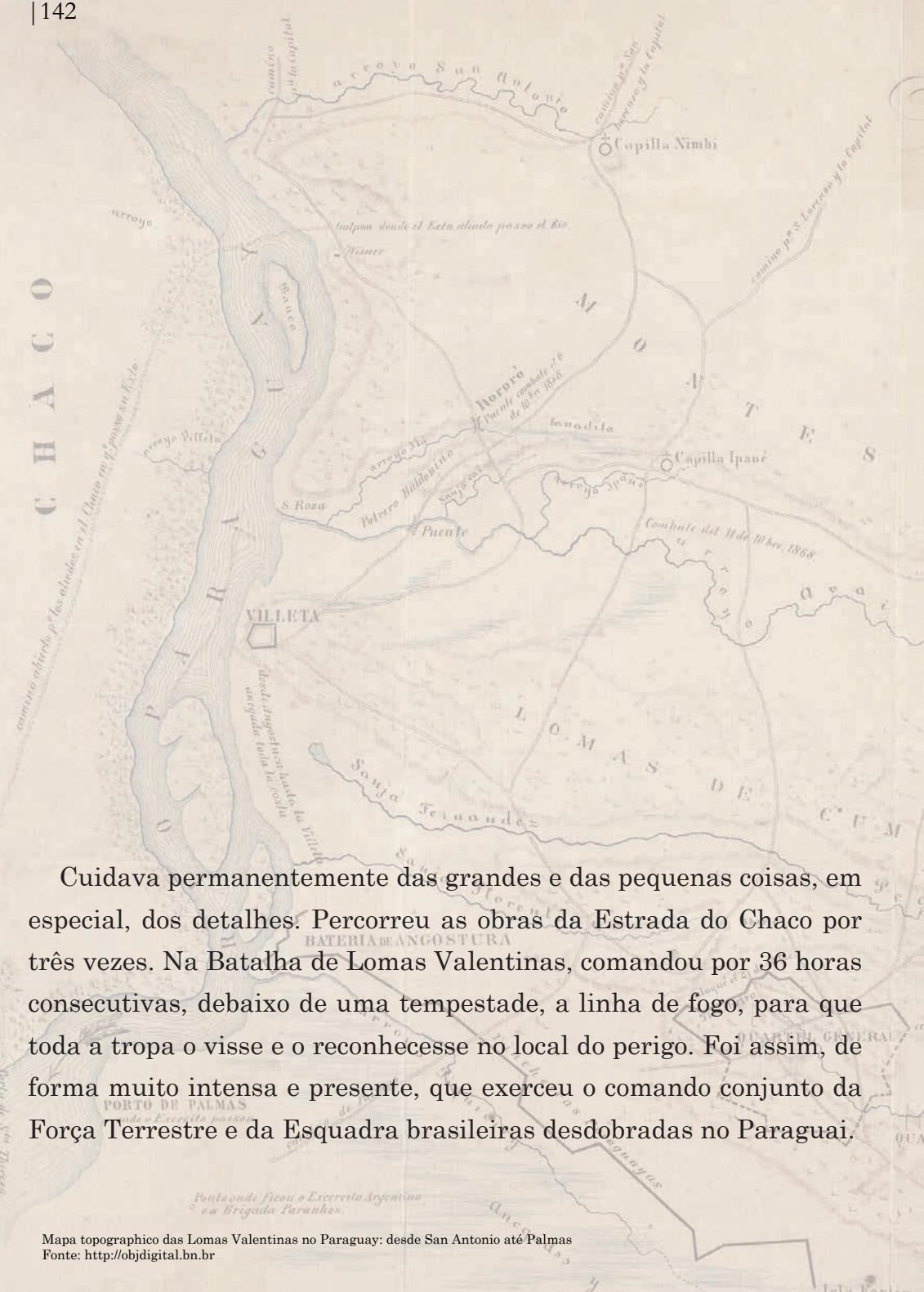
Seu mais monumental feito foi a conquista das posições do Piquissiri. Em 23 dias, construiu o caminho de 10,7km – a Estrada do Chaco – que permitiu transpor o Chaco e o rio Paraguai, com mais de 17 mil militares, envolvendo e surpreendendo as forças paraguaias, que foram atacadas pela retaguarda, local em que as fortificações eram incipientes e vulneráveis (novembro e dezembro de 1868). O movimento derrubou pela manobra a posição defensiva inimiga. O espirito de decisão e de iniciativa caracterizaram e fortaleceram a sua liderança.

Ressalta-se, ainda, que Caxias conhecia cada um daqueles com quem labutava. Sabia ouvi-los e considerava suas colocações no processo decisório. Ispencionava constantemente suas tropas e acompanhava os reconhecimentos. Orgulhava-se de afirmar: “Fui ver, não mandei outros verem”.



Desdobraremos pelo Chaco!
Cel Estigarribia, 1998
<http://ebacervo.eb.mil.br>

C H A C O



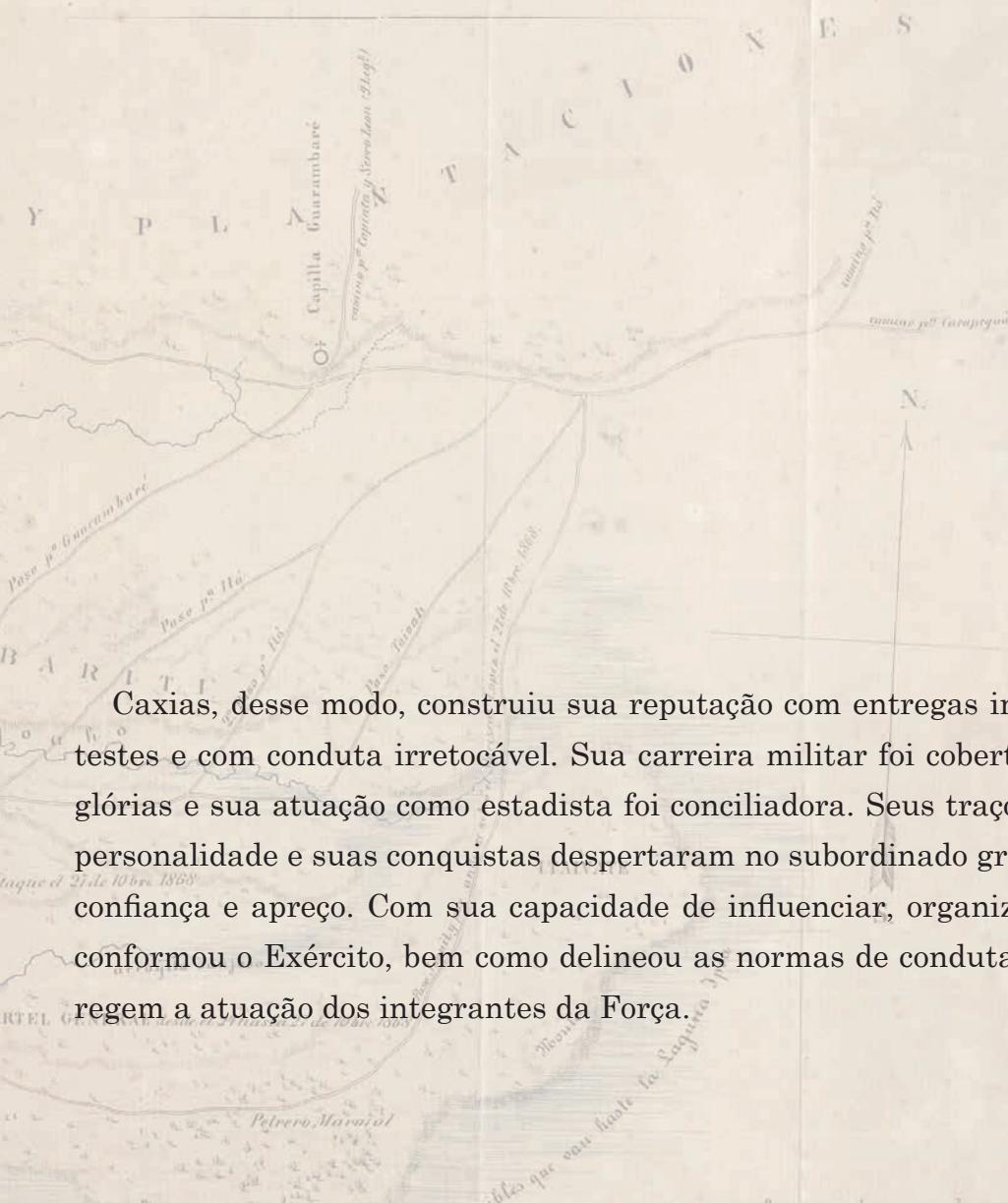
Cuidava permanentemente das grandes e das pequenas coisas, em especial, dos detalhes. Percorreu as obras da Estrada do Chaco por três vezes. Na Batalha de Lomas Valentinas, comandou por 36 horas consecutivas, debaixo de uma tempestade, a linha de fogo, para que toda a tropa o visse e o reconhecesse no local do perigo. Foi assim, de forma muito intensa e presente, que exerceu o comando conjunto da Força Terrestre e da Esquadra brasileiras desdobradas no Paraguai.

Mapa topographico das Lomas Valentinas no Paraguai: desde San Antonio até Palmas
Fonte: <http://objdigital.bn.br>

Mapa Topografico

DAS LOMAS VALENTINAS NO PARAGUAY DESDE

S. António até Palmas.



Caxias, desse modo, construiu sua reputação com entregas incontestes e com conduta irretocável. Sua carreira militar foi coberta de glórias e sua atuação como estadista foi conciliadora. Seus traços de personalidade e suas conquistas despertaram no subordinado grande confiança e apreço. Com sua capacidade de influenciar, organizou e conformou o Exército, bem como delineou as normas de conduta que regem a atuação dos integrantes da Força.

No presente, instituição de Estado, permanente e apartidária

Caxias, além de disciplinar a conduta dos militares e organizar o Exército, estabeleceu os fundamentos para que a instituição salvaguardasse o Estado, independentemente da corrente partidária ou política do governo estabelecido.

Nas lutas internas que quase dividiram o Brasil, buscou conciliar os espíritos dissidentes. Acusava o sistema vigente, que repartia a nação em duas facções inimigas e a dividia pela desconfiança mútua, de privar o Estado do serviço dos seus melhores cidadãos. Preconizava que o militar, no exercício da atividade profissional, atuasse de forma apartidária.

O maior exemplo desse entendimento foi demonstrado por Caxias ao ser nomeado comandante em chefe das forças brasileiras no Paraguai. Naquela ocasião, o Partido Liberal era quem governava o Brasil. Não obstante, aceitou o convite para assumir o comando na guerra, independente de questões políticas, declarando:

“

Minha espada não tem partido.

”



Fonte: eb.mil.br

Nesse sentido, demonstrou ser mais militar que político. Ressaltou em mensagem: “Talhado para a luta, eu nunca a provoquei, mas também nunca a temi, nem a temo, quando franca e descoberta”. Assinalou, porém, grande ojeriza perante a dissimulação e a “pequena guerra de alfinetes”, típicas da luta de egos.

Caxias apresentou sempre uma grande capacidade de adaptação à realidade. Apesar do seu espírito conservador, jamais abdicou da flexibilidade e do pensamento crítico. Mantinha permanente consciência situacional e avaliação do ambiente em que operava. A vigilância era contínua e a reflexão incessante. Confiava que uma batalha era ganha quando não se admitia a derrota.

O Duque de Ferro dava a mão aos fracos, ressuscitava brios e reparava injustiças. Respeitava a todos, estabelecendo pontes, mesmo com os vencidos, muitos dos quais, com o passar do tempo, tornavam-se aliados em outras empreitadas.

Foi, também, um ser humano como todos nós. Sofreu, ao longo de toda a vida, com os efeitos da malária, que o acometeu ainda no Maranhão. Nunca se acovardou diante da moléstia. Chorou a morte do filho, Luis Alves Júnior, de 15 anos, e da esposa, Ana Luísa (Anica). Com fé em Deus, contudo, superou todos os traumas para servir à pátria. Chegou mesmo a afirmar: “Deus me fez mesmo para andar aos pontapés neste mundo, porque quanto mais trabalho tenho, menos sofro”.

No cenário atual, de escassez orçamentária, ainda são válidas as lições de Caxias, que afirmava: “Faço tudo quanto posso para evitar desperdícios [...].” O marechal, com sua perspicácia administrativa, promoveu gestão austera e transparente dos recursos de que dispunha.

Nesses tempos de desinformação, vale destacar que Caxias preconizava a comunicação oficial para manter os subordinados informados. Por intermédio de ordens do dia, claras e objetivas, externava às tropas a situação e suas recomendações, evitando boatos e mal-entendidos.

Ademais, cumpre lembrar que Caxias, malgrado todos os seus feitos e sua retidão, foi atacado por alguns detratores, que o inscreveram como vulto desprezível da humanidade. A eles respondeu com dignidade e reserva. Suas respostas foram majoritariamente por meio de ações. Foram essas ações, julgadas com a devida isenção temporal, que o tornaram, ao contrário do que seus adversários tentaram disseminar, o maior vulto da história do Exército Brasileiro, uma grande referência para as gerações atuais e futuras.

As lições de Caxias são, pois, muito válidas no momento presente. Com seu perfil conciliador, amenizou possíveis divergências de pontos de vista, priorizando interesses coletivos maiores em detrimento de interesses individuais menores. Obediente ao chamamento da pátria, sacrificou-se para servi-la, absteve-se de preferências políticas e, com isso, fundamentou o caráter do Exército como instituição de Estado, permanente e apartidária.



Fonte: eb.mil.br

No futuro, modelo de virtude e de liderança

É justo reconhecer que Caxias perpetuar-se-á como modelo de virtude e de liderança. O médico Olyntho Pillar assim o descreveu: “[...] foi militar íntegro, estadista modelar [...] Os mais altos postos da hierarquia a que ascendeu não alteraram a formação magnífica de homem probo, sereno, bravo, bondoso, altivo, justo, crente, patriota, educado, esposo e pai amantíssimo, como havia sido filho dedicado e respeitador”.

Em um mundo cada vez mais complexo, em que as enfermidades da psique afigem um número crescente de seres humanos, Caxias traz exemplos de resiliência e de antifragilidade. Convém lembrar o surto de cólera que atingiu o acampamento dos aliados, em Tuiuti, em particular nos meses de abril e maio de 1867. Em face daquela doença aparentemente incontrolável, Caxias tomou as medidas aconselhadas pela ciência e confiou na providência: “O mais a Deus pertence”. Aliás, Caxias estabeleceu sua fortaleza moral na religiosidade, nunca descuidando dos seus deveres de culto. Nada o acovardava, pois mantinha inabalável a sua confiança em Deus.

Outro traço muito peculiar da personalidade de Caxias, válido para as futuras gerações, foi a humildade. Com efeito, essa é, em toda a sua nobreza, a base das demais virtudes. Foram inúmeras as vezes em que Caxias dispensou as honras a que fazia jus, pois lhe bastava a satisfação do dever cumprido e de ter sido útil à pátria.



Fonte: eb.mil.br

Homem de ação, desprezou o perigo e evidenciou enorme espírito de sacrifício. Foi herói tranquilo, sereno e controlado, exemplo de honestidade e de caráter. Definitivamente, foi um cidadão de qualidade e um homem de bem, a inspirar as gerações vindouras.

Comportou-se também como um patriota. Em cartas para o seu amigo, o Visconde do Rio Branco, Caxias fez reflexões que, até hoje, reverberam. Na primeira, de 1863, após o Brasil sofrer represálias em virtude da Questão Christie, asseverou: “Não se pode ser súdito de Nação fraca”. Em outra, em 1864, na iminência do conflito com o Paraguai, sinalizou com uma forte crítica ainda válida: “Envergonho-me de pertencer a uma Nação que, abundando em recursos, se deixa ludibriar, por quem não os tem, e isto por falta de quem os saiba aproveitar”. O Brasil, de fato, ainda precisa agregar valor aos recursos naturais e gerar riquezas, as quais, em última análise, proporcionam melhores condições de investimento e, consequentemente, de produção nacional de meios necessários e suficientes para o desenvolvimento do país, bem como de sua capacidade de defesa.

Atento às novas tecnologias da época, Caxias buscou formas de incorporá-las para aumentar o poder de combate de suas tropas. Assim, empregou, pela primeira vez na América do Sul, o aerostato (balão), a fim de colher informações sobre o inimigo. Além disso, acompanhava o desenvolvimento de um novo bronze para os canhões da época, bem como de uma pólvora mais potente. Como líder, buscou as inovações que poupassem seus subordinados e aumentassem as chances de vitória no campo de batalha.





Pantheon
Caxias



Fonte: <http://ebacervo.eb.mil.br/>

Nosso patrono, portanto, por suas qualidades pessoais e profissionais, continuará a inspirar o Exército do amanhã. Seus exemplos de patriotismo e de energia realizadora motivarão a busca incessante pelo desenvolvimento nacional. Com isso, os Soldados de Caxias poderão dispor dos mais modernos meios de defesa, vencendo os novos desafios, alicerçados nos mesmos valores que foram herdados de nosso maior ícone.

“O Deus dos exércitos está conosco”

Por fim, este artigo encerra-se com a mensagem de confiança que Caxias enviou às suas tropas, nas vésperas da Batalha de Lomas Valentinas, combate que teve início em 21 de dezembro de 1868 e encerrou a manobra responsável pela conquista da última posição defensiva paraguaia, antes da capital, Assunção: “O Deus dos exércitos está conosco”.

Nunca vencido, o patrono do Exército deixou obra gigantesca de pacificador e de guardião da integridade nacional. Modelo do homem de bem, seus títulos de honra foram a lealdade, a obediência às leis, a disciplina e o cumprimento estrito do dever. Seus valores foram incorporados pela instituição. Ele vive e viverá entre nós. A sua divisa, “servir”, continuará a inspirar o Exército de Caxias, eterno guardião da pátria brasileira.

Referências

BENTO, Cláudio Moreira. *Duque de Caxias, o Patrono do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2022.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

MORAES, Eugenio Vilhena de. *O Duque de Ferro*: novos aspectos da figura de Caxias. Organizado por Guilherme de Andrea Frota e Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.



Porto da Estrela, fazenda onde nasceu Caxias
Johann Moritz Rugendas
Centro de Documentação D. João VI

“Ser Caxias”

Profa. Dra. Débora Duran*

*“Caxias, porém, só se pode em verdade comparar a
Luiz Alves de Lima e Silva.”*
Eugenio Vilhena de Moraes

O que significa, afinal, “ser Caxias”?...

De acordo com diversos dicionários, caxias é substantivo e adjetivo; feminino e masculino; singular e plural. Temos, assim, vários conectivos aditivos, de tal modo que a referência feita ao militar pode incluir homens e mulheres, indivíduos ou grupos, tanto na caserna como na vida civil. Caxias é sinônimo de estudioso, aplicado, sistemático, minucioso, correto, detalhista, metódico e rigoroso. É caxias quem impõe o cumprimento de obrigações e regras com seriedade.

“Ser caxias” significa, a um só tempo, “tão admirável” ou “muito exigente”, o que, a depender das circunstâncias, implica inspiração ou incômodo. Nas mais diversas situações cotidianas, referir-se a alguém como caxias pode ser tanto uma ação elogiosa como uma reclamação, já que o comportamento irretocável tende a ser tomado como referência para o proceder ou, ao contrário, como modelo a ser evitado. Se, para alguns, tal parâmetro é considerado norteador profissional de quem procura ser e dar o melhor de si; para outros, revela-se como critério constrangedor quando – em bom “militarês” – a intenção é “baixar o sarrafo” ou manter o nível “água na canela”. Para quem quer “ser caxias”, como Caxias, a decisão é, no mínimo, desafiadora.

* Pedagoga, mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Realizou diversas especializações, além de estágio pós-doutoral na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É docente do quadro do magistério superior do Exército Brasileiro e atuou como pesquisadora e assessora pedagógica na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEEx, bem como editora dos *Cadernos de Liderança Militar*. Atualmente, desenvolve suas atividades profissionais na Chefia de Educação e Cultura do Ministério da Defesa.

“

Ser ou não ser caxias, eis a questão...

No contexto específico da liderança militar, ser caxias significa ser líder e/ou liderado que exige de si mesmo, dos pares e liderados o máximo de dedicação, empenho, disciplina e efetividade. Esse perfil desejável não pode, contudo, ser confundido com perfeição, já que cumprir missões com êxito e ser vitorioso nas batalhas não significa, necessariamente, ser perfeito ou intocável pelas vicissitudes da vida. Aliás, vale lembrar que perfeição não é condição para ser referência, pois, nem mesmo nos textos bíblicos, os heróis da fé são apresentados como seres sem falhas, defeitos, medos, inseguranças ou imunes às tentações e aos infortúnios. A cultura do “erro zero”, portanto, não encontra respaldo na complexa teia das relações humanas constituída e constituinte da realidade histórica.

”

Eis, então, um dos desafios deste volume especial dos *Cadernos de Liderança Militar*, qual seja: celebrar a memória do Duque de Caxias como homem e militar, cidadão e soldado, numa perspectiva integradora que envolve as dimensões pessoal e profissional como faces indissociáveis de um líder inspirador. Pretendemos, assim, aproximar-mo-nos de Luiz Alves de Lima e Silva, um homem dinâmico; não do monumento petrificado, o modelo inalcançável. Em outras palavras, isso significa dizer que, por ser tão humano e sujeito aos revezes da vida como nós, sua história de liderança tem muito a nos ensinar.

Obviamente, não é objetivo da nossa reflexão apresentar os pormenores das análises biográficas que se valem da pesquisa documental para fundamentar algumas hipóteses que se contrapõem ao ideário da perfectibilidade. Para os fins deste caderno, importa ressaltar alguns aspectos pessoais de Luiz Alves que mantêm relações viscerais com as competências profissionais desejáveis para as gerações atuais e futuras de líderes militares e, também, civis.

Como já esclarecemos anteriormente, “ser caxias” não é privilégio de quem atua no âmbito das Forças Armadas. Trata-se de uma referência nacional para todos os brasileiros e brasileiras que almejam liderar com inteligência, estratégia, coragem, sensibilidade, dignidade e valores. Os feitos militares do Pacificador já foram amplamente discutidos no teor de inúmeros textos, de modo que iremos nos ater, sumariamente, a algumas lições básicas que subjazem à sua biografia: *historicidade, comunicabilidade, sensibilidade, humildade e espiritualidade*.





Caxias não nasceu líder, tornou-se líder. Como é de conhecimento comum, alguns biógrafos destacam as qualidades de Caxias como líder nato, o que nos remete aos primórdios das teorias da liderança, mais especificamente à conhecida “teoria dos grandes homens”. Para alguns leitores da obra de Thomas Carlyle (1897), o pressuposto básico do autor residiria na crença segundo a qual os traços de personalidade seriam definidores dos casos de sucesso dos grandes vultos da história. Em termos psicológicos, tal posição aproxima-se do inatismo, abordagem segundo a qual o curso do desenvolvimento humano é determinado pela carga genética do indivíduo.

Partindo de outro ponto de vista, diversos autores destacam a importância dos vínculos familiares na trajetória profissional de Caxias. Luiz Alves nasceu numa família de militares e, desde a tenra infância, acompanhou de perto as ações e intenções do avô, do pai, dos tios e dos irmãos mais novos, na Corte, durante o período do Brasil Império. Para alguns, a influência do meio físico e social seria então determinante para forjar seu perfil de liderança, constituindo assim a base de suas atitudes e comportamentos destacados. No limite, essa linha de raciocínio nos levaria a assumir a premissa básica do ambientalismo, máxima segundo a qual o homem seria fruto do meio.

Diante de possíveis extremos interpretativos, entendemos ser fundamental considerar a liderança de Caxias numa perspectiva interacionista e longitudinal. Ele não nasceu líder e nem tampouco foi um produto do meio, mas *tornou-se líder* nas dinâmicas interativas envolvidas nos contextos socioculturais repletos de desafios pessoais e profissionais que enfrentou durante a vida. Sua personalidade ímpar, as lições aprendidas no seio familiar e as experiências vividas ao longo da carreira militar foram fundamentais para consolidar gradativamente seu perfil de liderança.

Por um lado, não devemos minimizar a influência decisiva de suas características pessoais nas lides militares. Por outro, todavia, não podemos acreditar que sua jornada de liderança tenha se iniciado somente aos 36 anos, quando seguiu para o Maranhão a fim de debelar a Balaiada. Uma leitura atenta dos estudos e pesquisas biográficas contraria qualquer tentativa de argumentar a favor de uma perspectiva determinista sobre liderança militar e não deixa dúvidas sobre o processo de construção contínuo, acumulativo e progressivo que culminou na ascensão do Duque de Ferro (MORAES, 2003; SOUZA, 2008).

Foto: Ruínas da Balaiada
Fonte: Memorial Virtual da Balaiada

**COMMANDO EM CHEFE DE TODAS AS
FORÇAS BRAZILEIRAS EM OPERAÇÕES
CONTRA O GOVERNO DO PARAGUAY,**
Quartel-General em Villêta, 21 de dezembro de
1868.

ORDEM DO DIA N. 269

CAMARADAS!

O inimigo, vencido por vós na Ponte do Itororó e no arroio Avahy, nos espera na Lomba Valentina com os restos de seu exercito.

Marchemos sobre ele, e com esta batalha mais tere-mos concluído nossas fadigas, e provações.

O Deus dos exércitos está comnosco!

Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa porque o general, e amigo, que vos guia, ainda até hoje não foi vencido.

VIVA O IMPERADOR!

Outra lição fundamental que podemos aprender com a vida de Caxias diz respeito à importância fundamental da comunicabilidade na liderança militar. Nesse sentido, merece destaque, na trajetória do célebre soldado brasileiro, os modos de dizer, de externalizar pensamentos e sentimentos. Em outras palavras, digno de nota na biografia de Caxias é seu *ethos* discursivo, ou seja, uma maneira específica de ser ao dirigir-se aos liderados, que culmina na construção da imagem de um líder atencioso, corajoso, respeitoso e respeitável (MAINGUENEAU, 2008).

Há diversos registros da efetividade discursiva de Caxias, tanto oral como escrita. Nas palavras do padre Joaquim Pinto de Campos (1878), primeiro biógrafo e responsável pela autoria da obra sobre a “vida do grande cidadão brasileiro”, Caxias não apenas vencia, convencia. Um exemplo clássico de comunicação efetiva diz respeito às famosas palavras proferidas por ocasião da Batalha de Itororó:

“

Sigam-me os que forem brasileiros.

”

Ainda no contexto da Dezembrada, verificamos, na ordem do dia que marca o início da Batalha das Lomas Valentinas, uma mensagem de ânimo, vigor, fé e coragem. Caxias conclamou seus homens para lutar sem temor, vencer o inimigo e concluir com êxito e bravura mais uma missão.

O general, para estimular as tropas, ousou anunciar antecipadamente a vitória. É importante destacar, no entanto, que a locução adverbial “ainda até hoje” o qualificou como líder invicto, o que não significa invencível.

160
poeta = Eu tenho o coração maior
que o mundo. Tu querida Anica,
bem o sabes. Um coração, e
basta. Aonde tu mesma
cabes! - Em que parece até
estou poeta! Saudações a todos
eu estou bem Sou teu
Luiz



Anna Luísa Carneiro Viana de Lima
Fonte: Biblioteca Nacional

*Eu tenho o coração maior
que o mundo. Tu querida Anica,
bem o sabes. Um coração e
basta. Aonde tu mesma
cabes! Em que parece até
estou poeta! Saudações a todos,
eu estou bem
Sou teu
Luiz*

Caxias, apesar de otimista, não foi arrogante. Tanto é assim que, com suas palavras, conseguiu fortalecer a própria autoridade como comandante e, ao mesmo tempo, apesar da hierarquia e da disciplina, invocar para si o papel de amigo. Apresentou-se como guia entre os liderados, não como mandante sobre os soldados.

Nas cartas de Caxias, encontramos, com base na comunicabilidade, outros aspectos relacionados à dimensão humana. Dentre eles, são inúmeras as demonstrações de afeto relacionadas aos pares, subordinados, esposa, filhas, parentes e amigos. Há, no teor de dezenas de documentos, provas incontestes de que se tratava de um homem sensível, honesto, justo e cordial.

Nos estudos documentais de Moraes (2003) e Souza (2008), há exemplos que legitimam a imagem de um líder racional, mas também *sensível*. De acordo com as palavras do próprio comandante, os inimigos eram americanos e, por esse motivo, “desarmados ou vencidos”, “como irmãos” deveriam ser tratados, uma vez que “a verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios da humanidade”. Em sua política militar, era dever “granjeiar amizade e respeito”, manter a “perfeita e fraternal união” e respeitar “a propriedade do nacional, do estrangeiro, do amigo, como a do inimigo”.

Entre os liderados, apesar de seu papel de disciplinador, os registros evidenciam que primava pelo respeito e pela justiça. Empenhava-se em ressuscitar brios, reparar injustiças, recompensar e reanimar seus homens nos campos de batalha. Nos documentos que evidenciam advertência aos subordinados, não raro nos deparamos com trechos que revelam sua disposição para orientar ao invés de punir. Assinou ainda muitas cartas como “comandante e amigo”.

Durante a Guerra do Paraguai, o general Osório perdeu um irmão, já viúvo, e que deixara filhos menores, dentre eles um alferes que fazia parte das tropas brasileiras. Como estava sob seu comando, Caxias mandou-o apresentar-se ao Marquês de Herval, com um ofício em que dizia: “deixando-o às suas ordens, ou mandando-o para casa, cuidar dos irmãos menores, se assim julgar conveniente.”



TESTAMENTO DO DUQUE DE CAXIAS

[...] Recomendo a estes que quero que meu enterro seja feito, sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho. Dispensando o estado da Casa Imperial, que se costuma mandar aos que exercem o cargo que tenho. Não desejo mesmo, que se façam convites pro meu enterro, porque os meus amigos que me quiserem fazer este favor, não precisam dessa formalidade e muito menos consintam os meus filhos que eu seja embalsamado.

[...] Logo que eu falecer, deve o meu testamenteiro fazer saber ao Quartel-General e ao ministro da Guerra que dispenso as honras fúnebres que me pertencem como marechal do Exército e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e melhor conduta, dos corpos da guarnição, pra pegar as argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30\$000 de gratificação.

Já longe dos campos de batalha, em outra carta dirigida ao amigo, expressou sua preocupação com os liderados: “Tenho feito, mesmo deste recanto onde estou, o que posso pelas famílias dos nossos camaradas mortos na guerra, e já para quase todas tenho obtido pensões, mas ainda me faltam esclarecimentos a respeito de algumas.”

Dentre outros exemplos de sua *sensibilidade*, podemos ainda mencionar seu lado enamorado, o gosto pela poesia e pelas cartas. Casou-se com dona Anna Luísa Carneiro Viana, Anica, seu grande amor, a quem se dirigia e se despedia com palavras carinhosas como “meu bem”, “sou teu”, “sou só teu”. Em sua correspondência íntima, há cartas endereçadas aos amigos, além daquelas nas quais fazia referência aos filhos – “dá um beijo nos meus anjinhos” –, bem como outras manifestações sentimentais. Mesmo imerso nos combates, como esposo e pai, o insigne militar não deixou de demonstrar interesse, cuidado e atenção para com sua família.

Outro aspecto que merece destaque na dimensão humana de Luiz Alves é a sua *humildade*. Para além da louvação que acompanha o monumento físico e biográfico do grande líder nacional, encontramos evidências de não ser ele um homem presunçoso ou arrogante. Segundo Moraes (2003), teve apenas um ajudante de ordens no Maranhão, morou 11 meses numa barraca de palha, no Rio Grande do Sul, e, em São Paulo, ao avançar sobre Sorocaba, levou apenas seu casacão de viagem.

Os trechos destacados de seu testamento, como se pode notar, falam por si sós. Atestam que o marechal, apesar das honras militares que lhe eram devidas, dispensou pompa e circunstância. Preferiu a simplicidade à ostentação e definiu a conduta como critério de escolha daqueles que deveriam pegar as argolas do seu caixão. Para ele, o valor dos soldados estaria relacionado às melhores condutas, de tal maneira que deixou um registro claro do que entendia ser um “soldado de valor”.

Por fim, mas não menos importante, é a *espiritualidade* que se revela na história de vida de Luiz Alves. Além de sua trajetória como pacificador e guarda da integridade nacional, vale ressaltar o fato de ter sido coerente com os princípios cristãos pelos quais orientava suas palavras e ações. O temor a Deus está manifesto em sua correspondência, num trecho do testamento que reafirma sua fé e no zelo para com as cerimônias religiosas que instituiu nos campos de batalha e no palácio ducal. Não por acaso, exclamou durante um conflito: “Tirem-me meus generais, mas não me deixem sem meus capelães” (A SENTINELA DA PAZ, 1995).

Era homem de fé e de obras, razão pela qual os habitantes das regiões que comandou não pronunciavam seu nome com ódio. Caxias não era cruel com os vencidos e poupava o sangue dos seus inimigos. Diante dos inúmeros documentos e dos relatos que atestam o caráter do marechal, verificamos, em sua dimensão humana, a existência de um coração que buscava ser “manso e humilde”, as duas únicas palavras usadas pelo próprio Cristo para referir-se a si mesmo, conforme Mateus 11:29 (ORTLUND, 2021).

Para além do monumento físico e biográfico, encontramos Luiz Alves, o Caxias: homem, filho, esposo, pai, amigo, soldado, comandante, duque e marechal. Temos, assim, o caxiísmo como um legado, como bem disse Gilberto Freyre (1966, p. 18): “Pois civismo, em sua expressão mais pura, é caxiísmo. Caxiísmo não é conjunto de virtudes militares mas de virtudes cívicas, comuns a militares e civis.”

Somos brasileiros, somos Exército Brasileiro,せjamos Caxias!

8 de Agosto 1867



Amor
D. Maria
Sra. Marquesa
de Caxias

PEF de 1^o Reg.
ou Parangos

Rio de Janeiro

*Não tenhas cuidado da
minha sorte porque Deus é grande
e eu sou fatalista, se tiver de
morrer tanto hei de morrer estando
aqui como lá, há de ser o que Deus quiser,
pois estou muito tranquilo
e cumprindo sempre o meu dever,
não me acusa a consciência...*



Fazenda Santa Mônica, local onde morreu Caxias
Fonte: acassasenhorial.org
Fotografia: Mário Pinheiro

Referências

A SENTINELA DA PAZ. *Revista da Arquidiocese Militar do Brasil*: Ser Capelão Militar. Brasília, n.2, jun/jul/ago 1995.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. *Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde, marquez, duque de Caxias, desde o seu nascimento em 1803 ate 1878*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1848.

CARLYLE, Thomas. *Heroes and Hero worship*. New York: The Macmillan Company, 1897.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

FREYRE, Gilberto. Forças Armadas e outras forças. *A Defesa Nacional*, 52(605). Rio de Janeiro, 1966.

MORAES, Eugênio Vilhena de. *O Duque de Ferro – Novos aspectos da figura de Caxias*. Rio de Janeiro: BIBLIEEx, 2003.

ORTLAND, Dane. *Manso e humilde*. O coração de Cristo para quem peca e para quem sofre. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.

SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias – o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Record, 2008.



Fonte: Pixabay
Darkmoon Art

Programa de leitura

**Maj R1 Edgley Pereira de Paula
Profa. Dra. Débora Duran**

No quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, apresentamos, após criteriosa seleção, algumas sugestões de leitura sobre o patrono do Exército Brasileiro. Indicamos, assim, algumas obras literárias que julgamos constituírem um interessante percurso de estudo para quem desejar se aprofundar, um pouco mais, na vida, obra e legado de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. A seleção de livros tem a pretensão de criar um mosaico de abordagens que darão ao leitor atento uma visão do homem e seu tempo histórico. Em outras palavras, trata-se de revelar o biografado e todo o complexo social que o envolveu, influenciando e sendo influenciado nas reais dinâmicas sociais do seu tempo.

Iniciamos essa seleção com o livro *O Duque de Ferro – Novos aspectos da figura de Caxias*, de Eugênio Vilhena de Moraes. Nessa obra, o autor faz uso de farta documentação primária, especialmente de cartas trocadas entre Luiz Alves e sua rede de amizades e relações políticas. Os capítulos do livro apresentam a trajetória do maior soldado brasileiro, cuja recordação constitui, para o autor, “obra de são patriotismo”. Entre casos curiosos e importantes episódios que marcaram a história do Brasil em que Caxias esteve diretamente envolvido, tem-se uma importante análise da personalidade do biografado.

Ainda nessa mesma perspectiva, de exaltação às qualidades do homenageado, segue o livro *Caxias*, de Affonso de Carvalho. Nesse trabalho, o autor procura, didática e cronologicamente, organizar o estudo da vida de Luiz Alves em temas específicos, como, por exemplo, o “Batismo de glória e de fogo”, o “Casamento”, as “Lutas contra as rebeliões: Rio de Janeiro, Maranhão, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul”, as “Guerras Externas: Uruguai, Argentina e Paraguai” e “Velhice e morte”.

Numa visão mais analítica de Caxias como personagem histórico do seu tempo, tem-se a publicação mais recente, datada de 2008, de Adriana Barreto de Souza, com seu livro *Duque de Caxias – o homem por trás do monumento*. Nessa obra, a autora esforça-se por restituir a dimensão humana de Luiz Alves de Lima e Silva. Fruto da pesquisa realizada durante os estudos de doutoramento, o texto analisa aspectos pessoais da vida de Caxias, destacando-se sua inserção numa família que ascendia aos principais postos político-militares do Império. Para situar o personagem histórico no contexto de sua época, a autora se vale de vasta pesquisa bibliográfica e documental, repertório que fundamenta mais de 500 páginas de um rigoroso trabalho acadêmico.

O artigo intitulado “O comando do Marquês de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança – da ‘guerra gaúcha’ à ‘guerra estratégica’, mudança de paradigma”, foi publicado em 2017, na revista *A Defesa Nacional*. No texto, o historiador Edgley Pereira de Paula analisa como a chegada de Caxias ao teatro de operações, no Paraguai, desencadeou uma série de mudanças, que culminaram no rompimento da antiga forma de fazer a guerra na região platina. Naquela época, já era possível antever certos procedimentos, táticas e estratégias adotados somente muitos anos depois, que caracterizaram a chamada “guerra total”.

Fonte: Pixabay
Darkmoon Art



Finalizamos esse mosaico de enfoques com um texto que não fala diretamente de Caxias. Permite-nos, entretanto, adentrar num dos momentos mais marcantes da vida do duque, que foi a Guerra da Tríplice Aliança. O livro intitula-se *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira. Acreditamos que seja uma obra de extrema importância, pois, além de expor todo o cenário dos mais de cinco anos de campanha militar, tem-se o privilégio de conferir o relato de alguém que foi testemunha ocular da atuação de Caxias naquela grande guerra. Brinda-nos o autor com algumas passagens descritivas da ação do velho general, revelando-nos traços de uma pessoa comum, mas cheia de virtudes que o elevaram a essa categoria de homens excepcionais que vivem para além do seu tempo histórico.

Enfim, esperamos que essas leituras possam inspirar nossos caros leitores a se arvorarem na prática das qualidades e capacidades daquele que foi um dos maiores líderes da nação brasileira. Quem sabe assim, possamos ser, a cada dia, um pouco mais, um Caxias. O Brasil há de precisar, sempre, deles.



Medalha comemorativa da inauguração do monumento equestre dedicado ao duque de Caxias
Augusto Giorgio Girardet, 1898



Cronologia Duque de Caxias

1803

Nasce na Fazenda São Paulo, Vila da Estrela, Magé.

1818

Matricula-se na Real Academia Militar.

1823

Viaja com o Batalhão do Imperador para combater na Bahia.

1825

Marcha para a guerra contra a República Argentina.

1839

Segue para o Rio Grande do Sul e, no final do ano, para o Maranhão.

1833

Casa-se com Anna Luísa Carneiro Viana.

Nomeações e títulos nobiliárquicos

- 1839 – nomeado presidente da Província do Maranhão
- 1841 – agraciado com o título de Barão de Caxias e eleito para deputado pela província do Maranhão
- 1842 – nomeado vice-presidente da Província de São Paulo e presidente da Província do Rio Grande do Sul
- 1844 – tomou assento como deputado à Assembleia Geral Legislativa, em São Paulo
- 1845 – agraciado com o título de Conde de Caxias e é eleito senador pelo Rio Grande do Sul
- 1851 – nomeado presidente da Província do Rio Grande do Sul
- 1852 – agraciado com o título de Marquês de Caxias
- 1855 – nomeado ministro da Guerra do gabinete do Marquês do Paraná
- 1856 – assume a presidência do Conselho de Ministros
- 1858 – passa a integrar o Conselho Supremo Militar e de Justiça
- 1861 – assume, pela segunda vez, a presidência do Conselho de Ministros
- 1869 – agraciado com o título de Duque de Caxias
- 1875 – assume, pela terceira vez, a presidência do Conselho de Ministros



1842
Viaja para São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

1866
Nomeado comandante das forças brasileiras em operações no Paraguai.

1874
Morre Anna Luísa Carneiro Viana Alves, sua esposa.

1862
Morre Luís Alves, o único filho homem de Caxias.

1869
Desligado do comando das forças em operações no Paraguai.

1880
Morre na Fazenda Santa Mônica, em Vassouras.

Promoções militares

- 1808 – assenta praça
- 1821 – promovido a tenente
- 1824 – promovido a capitão
- 1828 – promovido a major
- 1833 – promovido a tenente-coronel
- 1839 – promovido a coronel
- 1841 – promovido a general-brigadeiro
- 1842 – promovido a marechal de campo
- 1851 – promovido a tenente-general
- 1862 – promovido a marechal do exército

Juramento da Princesa Isabel
Victor Meirelles, 1870
Senado Nacional

Volumes anteriores



Caderno de Liderança 1
Gen Octávio Costa



Caderno de Liderança 2
Sgt Max Wolf Filho



Caderno de Liderança 3
Asp Mega

Álbum da Guerra do Paraguai
Mata em Tuiuti
Fonte: bndigital.bn.gov.br

Imagens

A Casa Senhorial

acasasenhorial.org

Biblioteca Nacional

bndigital.bn.gov.br/acervo digital

Exército Brasileiro

18bimtz.eb.mil.br

8rcmec.eb.mil.br/

eb.mil.br

ebacervo.eb.mil.br

eceme.mil.br

Instituto Moreira Salles

ims.com.br

Memorial da Balaíada

memorialvirtual.com

Ministério da Defesa

gov.br/defesa/pt-br

Museu Histórico Nacional

mhn.museus.gov.br

Museu Imperial de Petrópolis

museuimperial.museus.gov.br

Museu Nacional de Belas Artes

gov.br/museus/pt-br/museus-ibram/mnba

Paço Municipal de Salvador

cms.ba.gov.br/memory

Palácio do Rio Branco

pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/palacio-rio-branco

Pixabay

Darkmon Art, Gabrielle_TTI

pixabay.com

Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Acervo da Sala de Provedores



Desde 1949

“A Gráfica do Exército” – Compromisso com a Qualidade

Impressão e Acabamento
Gráfica do Exército

Al. Mal. Rondon – Setor de Garagens – QGEx – SMU – Brasília/DF – CEP 70630-901
<http://www.graficadoexercito.eb.mil.br> / divcmcl@graficadoexercito.eb.mil.br



**Preservando valores,
forjando líderes.**